

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

MARIELA BALLARDIN OLIVEIRA DE QUEIROZ

**O PATHWORK NA EXPERIÊNCIA PESSOAL PELO OLHAR DA  
COMPLEXIDADE: UMA VISÃO INTEGRAL DE SER HUMANO**

Prof. Dr. Nedio Seminotti

Orientador

Porto Alegre

2011

MARIELA BALLARDIN OLIVEIRA DE QUEIROZ

**O PATHWORK NA EXPERIÊNCIA PESSOAL PELO OLHAR DA  
COMPLEXIDADE: UMA VISÃO INTEGRAL DE SER HUMANO**

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Nedio Seminotti

Porto Alegre  
2011

MARIELA BALLARDIN OLIVEIRA DE QUEIROZ

**O PATHWORK NA EXPERIÊNCIA PESSOAL PELO OLHAR DA  
COMPLEXIDADE: UMA VISÃO INTEGRAL DE SER HUMANO**

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Nedio Seminotti

Faculdade de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador Presidente

Profª Dra. Jane Rech

Universidade de Caxias do Sul

Profª Dra. Marisa Campio Muller

IBPS - Instituto Brasileiro de Psicologia da Saúde

Dedico este trabalho à criança que fui um dia e que continua viva dentro de mim, graças à disponibilidade da adulta que sou hoje, ao percorrer esse caminho de volta, refazendo os desvios, desfazendo os atalhos e os trechos não mais necessários, limpando o percurso e preservando as pedras preciosas que ajudam a clarear os próximos passos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida. Agradeço e honro toda a minha ancestralidade, representada pelos meus pais, Maria da Graça Ballardin e Raul Oliveira Neto, que disseram sim à minha vida; e por meus avós: Maria de Lourdes Légori Ballardin, Cornélio Ballardin (*in memorian*), Sylvia Therezinha Alves Oliveira e Luiz Ortiz Oliveira (*in memorian*). Agradeço ao meu marido, Geraldo Magela de Queiroz, por ter me mostrado outros lados da felicidade e pela presença e força em todos os momentos. Agradeço à minha irmã, Mariana Ballardin, pelo exercício da liberdade, da busca pelo bem-estar, fora das convenções e dentro do que faz sentido para ela. Agradeço à minha tia, Beatriz Alves Oliveira, pela profundidade na simplicidade, pela dedicação na amorosidade. Agradeço às minhas amigas e amigos, que ao lerem saberão sua identidade, pela eterna conexão que nos une, independentemente das distâncias geográficas, representados aqui por Karina Marques, Luciane Viñas, Francine Lima, Lisiane e Oscar Fernandes. Agradeço aos parceiros e parceiras do trabalho do caminho, representados aqui por nossas mestras Maria Helena Souza (*in memorian*), que me apresentou essa possibilidade, Renate Muller, Diná Leite, Suzete Fortunato, Suely Fonseca e Rita Mansur, incansáveis trabalhadoras da luz. Agradeço ao meu orientador, Nédio Seminotti, pela presença e pela confiança, e à Miriam Alves, pelo apoio. Por fim, agradeço aos participantes deste estudo, que tornaram esta trajetória possível.

## RESUMO

O paradigma cartesiano conduziu a humanidade a desenvolvimentos científicos e tecnológicos indiscutíveis, levando também à valorização do desenvolvimento intelectual, mas em detrimento do desenvolvimento emocional e espiritual do ser humano. A crise instala-se, e os anseios pessoais e coletivos não se satisfazem mais somente com um lado dessa dualidade, daí a busca por integrar outros aspectos nas relações intra e interpessoais. Tal busca pode ser trilhada por abordagens que levem ao aumento da consciência de si, num processo de autoconhecimento embebido em uma visão integral de ser humano que atribui igual importância aos aspectos físico, mental, emocional e espiritual. O desafio é lidar com a complexidade que decorre dessa visão dentro e fora do ser humano, com o desconhecido e o incerto nesse devir de interconexões estabelecidas entre as partes e o todo, num movimento contínuo em que a desordem é fundamental para que uma nova ordem forneça novos arranjos. E tudo isso em prol de um encontro de sentido na vida, da melhoria nos relacionamentos e de uma sociedade coerente com sua própria natureza ecológica. O Pathwork, abordagem que possibilita um trabalho de autoconhecimento pautado em premissas como a de que a integração mencionada dos aspectos do ser humano acima citados, é desenvolvido a partir de uma concepção espiritual que compreende que a espiritualidade é vivenciada na experiência do aprendizado do autoconhecimento. Nessa perspectiva, a presente dissertação teve como objetivo compreender a relação entre espiritualidade e desenvolvimento pessoal do ponto de vista de sujeitos participantes de grupos de Pathwork. Os objetivos específicos foram: identificar os motivos pelos quais os participantes buscaram os grupos de Pathwork; conhecer a noção de espiritualidade dos participantes dos grupos de Pathwork; analisar os efeitos dos grupos de Pathwork no desenvolvimento pessoal dos participantes. Trata-se de um estudo qualitativo, construído a partir de pressupostos do pensamento sistêmico complexo em Morin, em que o método/caminho se constrói ao longo da trajetória, sendo o observador/pesquisador uma parte viva e influenciadora desse caminho. O estudo foi realizado com participantes de grupos de Pathwork pertencentes a duas regionais no Brasil: Rio Grande do Sul e Santa Catarina; e Goiás/Tocantins, contando com a coordenadora do Pathwork RS/SC como participante referência. Para produção das

informações, utilizamos entrevistas abertas, gravadas e transcritas com anuência dos participantes. Dentre os resultados, compreendemos a concepção de Espiritualidade Integral como um veículo para o autoconhecimento, no sentido de ser, mais do que integrada, integradora dos aspectos físico, mental e emocional da complexidade humana, assim como do aspecto social da complexidade sujeito-sociedade-natureza-universo. Encontramos quatro organizadores do sistema Pathwork – espiritualidade integral, autorresponsabilidade, contato com a negatividade e aceitação –, que, por meio do aprendizado vivencial, se relacionam entre si num movimento recursivo, dialógico, hologramático e organizacional, proporcionando transformações pessoais no que tange ao bem-estar físico, mental, emocional e espiritual.

**Palavras-chave:** Pensamento Sistêmico Complexo. Espiritualidade. Desenvolvimento pessoal. Visão integral de ser humano. Autoconhecimento. Pathwork.

## ABSTRACT

Although the Cartesian paradigm has led humankind to undisputable scientific and technological developments and valued the intellectual development, this has been achieved at the expense of the emotional and spiritual development of human beings. The crisis has been installed, and either personal or collective longings are no longer met through only one side of that duality, hence the attempt to integrate other aspects in inter and intrapersonal relationships. Such a search may be carried out through approaches that lead to an increased self-awareness, in a self-knowledge process that is involved by an integral view of human being, by attributing equal importance to physical, mental, emotional and spiritual aspects. The challenge is to deal with the complexity stemming from this view, both inside and outside the human being, with the unknown and uncertain in this unfolding of interconnections established between the parts and the whole, in a continuous movement in which disorder is fundamental for a new order to provide new arrangements. All that is meant to find a meaning in life, to improve relationships and build a society coherent with its own ecological nature. Pathwork, as an approach that allows for a self-knowledge work grounded on premises such as the mentioned integration of the aspects of the human being, has been developed from a spiritual conception that understands spirituality as something lived in the experience of self-knowledge learning. From this perspective, this dissertation aimed at understanding the relationship between spirituality and personal development from the point of view of subjects participating in Pathwork groups. The specific objectives were to identify the reasons why the participants sought Pathwork groups; to know the notion of spirituality the participants of Pathwork groups have; to analyze the effects of Pathwork groups on the participants' lives. This is a qualitative study, grounded on assumptions of Morin's complex systemic thinking, in which the method/path is built along the trajectory, and the observer/researcher is a living, influential part of that way. The study was carried out with participants of Pathwork groups from two regions in Brazil: Rio Grande do Sul/Santa Catarina; and Goias/Tocantins. The coordinator of Pathwork RS/SC was a reference-participant. In order to produce information, we used open interviews, which were recorded and transcribed under the participants' consent. Among the results, we have understood the conception of Integral

Spirituality as a vehicle to self-knowledge in the sense that, more than integrated, it integrates physical, mental and emotional aspects of human complexity, as well as the social aspect of subject-society-nature-universe complexity. We have found four organizers of the Pathwork system – integral spirituality, self-responsibility, contact with negativity, and acceptance – which, by means of living learning, relate to one another in a recursive, dialogical, hologrammatic, organizational movement, enabling personal changes regarding physical, mental, emotional and spiritual wellbeing.

**Keywords:** Complex Systemic Thinking. Spirituality. Personal Development. Integral view of human being. Self-knowledge. Pathwork.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Mapa do trabalho interior de transformação.....	41
Quadro 2: Mapa da psique humana .....	60
Quadro 3: Perfil dos participantes .....	65
Figura 1: O complexo inter-multi-trans-disciplinar .....	28

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO DA DISSERTAÇÃO</b> .....	14
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 1: O DIÁLOGO ENTRE O PATHWORK E A COMPLEXIDADE: POR UMA VISÃO INTEGRAL DE SER HUMANO</b> .....	20
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	22
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	23
2.2 O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE .....	23
2.3 ESPIRITUALIDADE .....	28
2.4 DESENVOLVIMENTO PESSOAL .....	34
2.5 O PATHWORK .....	37
2.5.1 Origem e surgimento do Pathwork .....	37
2.5.2 o Pathwork como abordagem para o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, convivendo com a espiritualidade sob o olhar do pensamento sistêmico complexo.....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
<b>CAPÍTULO 2: O PATHWORK NA EXPERIÊNCIA PESSOAL</b> .....	55
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	58
<b>2 MÉTODO</b> .....	62
2.1 DELINEAMENTO .....	62
2.2 ESTRATÉGIAS PARA COLETA/PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	64
2.3 ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	65
<b>3 ANÁLISE, COMPREENSÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	67
3.1 ORGANIZADOR ESPIRITUALIDADE INTEGRAL .....	68
3.1.1 Organizador Mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento.....	71
3.1.2 Organizador Emergentes do/no grupo .....	75
3.1.3 Organizador Noções organizadoras do Pathwork.....	77

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE A - Entrevistas na íntegra .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética.....</b>	<b>131</b>

## **NÚMERO DA ÁREA DO CNPq**

7.07.00.00-1 – Psicologia

7.07.05.00-3 - Psicologia Social

## 1 INTRODUÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Como alguém em busca de seu desenvolvimento e como psicóloga, desde estudante, mesmo que isso não fosse muito claro para mim<sup>1</sup>, busquei caminhos que se aproximassem de uma visão mais integrada da vida e das pessoas. *Integrada* aqui quer dizer que concebe tudo o que somos convivendo dentro e fora de nós em todos os ambientes e relações. Fui apresentada ao Pathwork, onde encontrei a possibilidade de integração que buscava. Era difícil traduzir em palavras essa experiência, ao mesmo tempo abrangente e específica, simples e complexa, fácil e difícil, que nos coloca em contato com a complexidade de nós mesmos, que leva à aceitação dessa realidade interna e externa complexa e ambígua. A tradução dava-se pelas transformações dentro e fora, repercutindo a todo o momento no que chamamos de desenvolvimento pessoal.

Como profissional na área de psicologia organizacional/gestão de pessoas, percebia-me levando os conhecimentos aprendidos e vivenciados no Pathwork para dentro das empresas. Como filha, neta, irmã, esposa, amiga, aluna, professora, psicoterapeuta, vejo-me falando e agindo desse lugar por meio do que vivenciei e vivencio a partir dessa forma de ver o mundo, que para mim faz ressonância e conversa com o pensamento sistêmico complexo.

Movimentos de ruptura, questionamentos e mudanças de paradigma fazem parte do processo de transformação social da humanidade, que vive uma série de crises: a crise das civilizações tradicionais sob os efeitos da ocidentalização, a crise da própria civilização ocidental, as crises econômica, social, demográfica, cultural, política, moral, religiosa, educacional (MORIN, 2010), espiritual e ecológica (CAVALCANTI, 2004; CAPRA, 2003; HAPPÉ, 1997). Para Morin (2010), todas essas crises constituem-se numa grande crise da humanidade, que não consegue ter acesso a si própria. Momentos de crise são momentos ambíguos, que podem favorecer ações regressivas e também fomentar potencialidades criativas, na busca de soluções que modifiquem o próprio sistema.

---

<sup>1</sup> Durante todo o trabalho, a primeira pessoa do plural (nós) expressa uma construção realizada pelas interações da pesquisadora com o orientador e a co-orientadora. Quando o sujeito é colocado na primeira pessoa do singular, expressa as vivências da própria pesquisadora.

As sociedades, principalmente ocidentais, foram levadas a valorizar o desenvolvimento intelectual e a investir nele, em detrimento dos desenvolvimentos emocional e espiritual. Em consequência disso, o ser humano carece de autoconhecimento, de uma cultura que fomente a autopercepção e a autocrítica.

Optamos, neste estudo, por trabalhar com a noção de espiritualidade vivenciada (SOLOMON, 2003), que inclui o reconhecimento das emoções, da intuição e da busca de felicidade pela experiência cotidiana.

Ao perceber que a felicidade não é conquistada pelo caminho do progresso material, surgem questões mobilizadoras em relação ao propósito de vida (THESENGA, 1997) e um sentimento de vazio e desconhecimento interno (CAVALCANTI, 2004; HAPPÉ, 1997; MORIN, 2005c; VEIT, 2002). Dessa maneira, o encontro de um bem-estar integral demanda conhecimento e reconhecimento pessoal das partes que compõem o próprio sistema, já que, intimamente relacionadas, não deixam de realizar influência recíproca, como um sistema vivo que precisa das interações internas e externas para sua auto-organização (MORIN, 2009).

Um trabalho de desenvolvimento pessoal denominado Pathwork é um dos caminhos possíveis em busca desse conhecimento de si mesmo. Propõe a integração dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual do sujeito, como partes que se articulam e se desenvolvem em conjunto, com influência recíproca (THESENGA, 1997). Como objetivo deste estudo, buscamos compreender a relação entre espiritualidade e desenvolvimento pessoal do ponto de vista de sujeitos participantes de grupos de Pathwork.

Com o aporte teórico do pensamento sistêmico complexo, nosso olhar quer integrar e distinguir, problematizar e articular noções, como desenvolvimento pessoal, autoconhecimento e espiritualidade, buscando lidar com a incerteza e com a incompletude do conhecimento (MORIN, 2005a, 2005c, 2006, 2009). Procura-se, assim, refletir sobre a (re)integração e a (re)ligação da natureza emocional e espiritual do ser humano (CAPRA, 2003; MORIN, 2008).

A visão sistêmico-complexa, que sustenta este trabalho, reconhece a integração dos aspectos físicos, biológicos, mentais, emocionais, espirituais, sociais e culturais que constituem o ser humano (CAPRA, 2003; CAVALCANTI, 2004; MORIN, 2008; VASCONCELLOS, 2003). A *espiritualidade naturalizada*, ou *vivenciada* (SOLOMON, 2003), entende o aspecto espiritual como um aspecto da

experiência diária, assim como todos os demais (físico, mental, emocional, social). A partir dessa concepção, a espiritualidade permeia atitudes e relações intra e interpessoais, entendendo que viver bem quer dizer experienciar a essência de nós mesmos e a ligação com a sociedade e a natureza das quais fazemos parte (SOLOMON, 2003), num movimento circular entre *eu – nós*, como um sistema de sistemas (MORIN, 2009; VASCONCELLOS, 2003).

O Pathwork surgiu na década de 1950, nos Estados Unidos, e teve como precursora Eva Pierrakos (1915-1979), que “canalizou”<sup>2</sup> 258 palestras – gravadas e posteriormente transcritas e documentadas –, abrangendo uma diversidade de temas relacionados à condição humana e ao desenvolvimento pessoal (PIERRAKOS, 1990).

Trilhar o caminho de volta às questões da essência espiritual do ser humano é a proposta do Pathwork, por meio do conhecimento e integração da realidade interior, promovendo crescimento pessoal (THESENGA, 1997). Esse bem-estar integral não será contemplado pela busca de felicidade baseada em condições externas e/ou no futuro (PIERRAKOS, 1996), mas está relacionado com o processo de desenvolvimento pessoal e espiritual proporcionado pelo autoconhecimento (AGOSTINHO, 1994; HAPPE, 1997; PIERRAKOS e SALY, 2007; THESENGA, 1997).

A construção do conhecimento a partir de um olhar integrador de ser humano vem crescendo em pesquisas e propostas de reflexão sobre a dimensão espiritual do ser humano (PORTAL, 2007; COSTA et al, 2008; TEIXEIRA, MÜLLER e SILVA, 2004; COSTA, NOGUEIRA & FREIRE, 2010). Esse crescente reconhecimento da contribuição da espiritualidade no desenvolvimento de uma vida mais satisfatória, impulsionado pelas transformações sociais que vêm demonstrando a demanda de ampliação de consciência individual e social, foi um dos mobilizadores deste estudo, que busca promover uma reflexão sobre o Pathwork, pelas lentes do Paradigma da Complexidade (MORIN, 2005a, 2005b, 2005c, 2006,

---

<sup>2</sup> Pierrakos (1996g) e Thesenga (1997) referem-se à canalização como a transmissão de conhecimentos, por meio da fala de Eva Pierrakos, por um guia espiritual de elevada sabedoria. Para Stone (1994), o fenômeno denominado *canalização* pode desenvolver-se por meio da fala, da escrita, da música e das artes, sendo impulsionado pelo desenvolvimento das faculdades intuitivas presentes em todos os seres humanos.

2008, 2009). Pensar de modo complexo demanda a desconstrução do pensamento fragmentado e linear que exclui uma coisa em detrimento de outra e requer uma reflexão pautada na religação e articulação de saberes, aproximando observador e observado, pesquisa e realidade vivenciada.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo é a fundamentação teórica da pesquisa e apresenta a contextualização das lentes pelas quais o estudo foi desenvolvido: pensamento sistêmico complexo. Em seguida, discorre-se sobre os conceitos de espiritualidade, desenvolvimento pessoal e, por fim, sobre a abordagem do Pathwork. A última parte propõe um diálogo entre os pressupostos do Pathwork, que abrangem o desenvolvimento pessoal e espiritual, e o pensamento sistêmico complexo.

O segundo capítulo apresenta a pesquisa realizada, trazendo uma introdução com os principais conceitos que apoiaram a discussão. Na sequência, apresentam-se as questões metodológicas, análise, compreensão e discussão dos resultados e as considerações finais.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2003.

CAVALCANTI, Raíssa. **O retorno do conceito do sagrado na ciência**. In: TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) *Espiritualidade e Qualidade de vida*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

HAPPÉ, Robert. **Consciência é a Resposta**. São Paulo: Talento, 1997.

COSTA, Waldecéria, NOGUEIRA, Conceição, FREIRE, Teresa. The Lack of Teaching/Study of Religiosity/Spirituality in Psychology Degree Courses in Brazil: The Need for Reflection. **Journal of Religion and Health**, v. 49, n.3, p.322. 2010.

COSTA, et al. **Qualidade de Vida e Bem Estar Espiritual em Universitários de Psicologia**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 249-255, abril-junho/2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita** – repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meu caminho**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **O método 1**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **O método 3**. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **O método 5.** A humanidade da humanidade. A identidade humana. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

PIERRAKOS, Eva. **O Caminho da Auto-Transformação.** São Paulo: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. **What Is The Path?** Pathwork Guide Lecture No. 204. 1996. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P204.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

PIERRAKOS, Eva, SALY, Judith. **Criando União.** O significado espiritual dos relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 2007.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Educação para inteireza: um(re)descobrir-se.** Revista Educação, v. XXX, n. especial, p. 285-296, Porto Alegre/RS, outubro/ 2007.

TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e qualidade de vida.** Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

THESENGA, Susan. **O Eu sem defesas.** O Método Pathwork para viver uma espiritualidade integral. São Paulo: Cultrix, 1997.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos.** Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STONE, Joshua D. **Psicologia da Alma.** Chaves para ascensão. São Paulo: Pensamento, 1994.

VASCONCELLOS, Maria J. Esteves de. **Pensamento sistêmico:** o novo paradigma da ciência. Papirus, 2003.

VEIT, Carlos A. **Espiritualidade e Personalidade na História da Psicologia: das origens à Pós-Modernidade.** In: VAZ Cícero E., VEIT, Carlos A. (orgs.) Personalidade, Cultura e Técnicas Projetivas. Psicologia da Personalidade. Porto Alegre, Edipucrs, 2002.

## **CAPÍTULO I – O DIÁLOGO ENTRE O PATHWORK E A COMPLEXIDADE, POR UMA VISÃO INTEGRAL DE SER HUMANO**

### **RESUMO**

Este artigo/texto tem como objetivo refletir sobre a relação entre desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual no que tange à busca pelo autoconhecimento nas concepções teórico-práticas da abordagem do Pathwork. Essa abordagem propõe um trabalho de autoconhecimento baseado na integração dos aspectos físico, mental e emocional do ser humano, na relação entre espiritualidade e desenvolvimento pessoal. A articulação dos pressupostos do Pathwork com a perspectiva da visão sistêmico-complexa possibilitou-nos trilhar um percurso de ordem/desordem/organização, buscando diálogos que unem e diferenciam, reconhecendo a especificidade da parte e a articulação no todo. O autoconhecimento, da maneira como é veiculado pelo Pathwork, baseado em pressupostos como autorresponsabilidade e aceitação da própria dialógica, assim como reconhecimento da espiritualidade vivenciada, pode transformar a sensação de vazio interno em decisão de encontrar sentido na vida. No Pathwork, não existe separação entre desenvolvimento pessoal e espiritual, pois o espiritual, além de ser um aspecto constituinte do ser humano, que interage com os demais (físico, mental e emocional), é também o todo constituinte e constituído por tais aspectos.

**Palavras-chave:** Pensamento Sistêmico Complexo. Espiritualidade. Pathwork. Autoconhecimento.

## ABSTRACT

This paper/text aims at reflecting upon the relationship between personal development and spiritual development regarding the search for self-knowledge in the theoretical-practical conceptions of the Pathwork approach. This approach proposes a self-knowledge work based on the integration of human beings' physical, mental and emotional aspects, in the relationship between spirituality and personal development. The articulation of Pathwork assumptions and the complex systemic perspective has enabled us to follow a path of order/disorder/organization, searching for dialogues that both unite and differentiate, acknowledging the specificity of the part and the articulation in the whole. Self-knowledge, as it is vehiculated by Pathwork, based on assumptions such as self-responsibility and acceptance of one's own dialogic, as well as acknowledgement of spirituality experienced, may turn the sensation of internal emptiness into a decision to find sense in life. In Pathwork, there is no separation between personal and spiritual development, since the spiritual, besides being a constituent aspect of the human being, interacting with other aspects (physical, mental and emotional ones), is also the whole that is both constituent and constituted of such aspects.

**Keywords:** Complex systemic thinking. Spirituality. Pathwork. Self-knowledge.

## 1 INTRODUÇÃO

A concepção dualística da ciência, oriunda do paradigma da física clássica, responsável pela visão de mundo materialista, fragmentada e unilateral, deixa de lado o significado espiritual (CAVALCANTI, 2004). A “sociedade do consumo”<sup>3</sup> (BAUDRILLARD, 2005) e do “espetáculo”<sup>4</sup> (DEBORD, 2003) levou a humanidade a grandes desenvolvimentos intelectuais, desproporcionalmente ao desenvolvimento emocional e espiritual. Com isso, as pessoas acabam encontrando um estado de vazio interno, consequência dessa forma dissociada de relacionar-se com a vida e com o mundo, emergindo a necessidade de maior qualidade de vida e de sentido na própria existência (CAVALCANTI, 2004; HAPPÉ, 1997; MORIN, 2005c, 2010; VEIT, 2002). A busca de felicidade e bem-estar, oriunda dessa emergência, se baseada somente em condições externas e/ou no futuro, segue na contramão do desenvolvimento pessoal (PIERRAKOS, 1996d) implicado com o entendimento de desenvolvimento espiritual utilizado neste estudo: percursos que demandam um caminho interno de autoconhecimento (AGOSTINHO, 1994; HAPPE; PIERRAKOS e SALY, 1997; THESENGA, 1997). Nossa compreensão de desenvolvimento pessoal abrange a busca pelo autoconhecimento pautado na capacidade criativa do ser humano e na responsabilidade pelo próprio movimento de transformação (BRENNAN, 1987; MAGALHÃES, 2008).

Um movimento de transformação e reformulação de valores na sociedade vem possibilitando a integração dos aspectos físicos, biológicos, mentais, emocionais, espirituais, sociais e culturais que constituem o ser humano – fomentados pelas visões ecológica, sistêmica e complexa (CAPRA, 2003; CAVALCANTI, 2004; MORIN, 2008; VASCONCELLOS, 2003). Tais visões contemplam aceitação e reconhecimento da interação dos aspectos subjetivos, afetivos e espirituais da complexidade humana, assim como a ideia de um todo integrado universal, do qual o ser humano é parte como um elemento formador do sistema complexo natureza (MORIN, 2005c, 2009). A percepção de um aspecto

---

<sup>3</sup> Termo atribuído por Baudrillard (2005) à sociedade atual, regida pelo consumo, onde há a valorização social do “ter” em detrimento do “ser”.

<sup>4</sup> Debord (2003) critica o espetáculo como recurso midiático da economia, que fomenta a atribuição de valor somente ao que aparece, levando a sociedade ao culto material.

espiritual é incluída na experiência diária, a partir da noção de espiritualidade naturalizada ou vivenciada (SOLOMON, 2003).

Na perspectiva de pensar na interdependência entre desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual, ou seja, com uma noção de ser humano integral, nosso percurso foi permeado pela proposta do pensamento complexo. Este rejeita o desfacelamento das disciplinas, o isolamento e o reducionismo da ciência e desenvolve um olhar que integra e distingue, problematiza e articula, procurando lidar com a incerteza e com a incompletude do conhecimento (MORIN, 2005a, 2005c, 2006, 2009). Conforme Morin (2009), fragmentada entre as disciplinas, a noção de ser humano urge trilhar o caminho inverso da distribuição e separação de suas partes, o caminho da religação, onde a realidade humana complexa encontrará sentido.

Assim, este estudo objetiva refletir sobre a relação entre desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual no que tange à busca pelo autoconhecimento nas concepções teórico-práticas do Pathwork, à luz do pensamento complexo. Os objetivos específicos são conhecer conceito(s) de espiritualidade; identificar a noção de espiritualidade para o Pathwork; e estabelecer um diálogo entre esta última e a concepção de desenvolvimento pessoal.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.2 O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

O pensamento complexo leva o pesquisador a uma reforma no pensamento, a uma nova maneira de organizar o conhecimento. Ele parte da recusa e da desconstrução do pensamento linear e fragmentado oriundo das ciências duras e do paradigma da física clássica, em que o princípio de explicação se sustenta somente na racionalização, na simplificação e na redução (OLIVEIRA e VIEIRA, 2009). O que não se podia explicar através desses caminhos era simplesmente ignorado (MORIN, 2005a, 2008, 2009). Já a física quântica (OLIVEIRA e VIEIRA, 2009), por meio da investigação de fenômenos e estruturas muito pequenas, trabalha com o princípio da incerteza, com mais de uma possibilidade de manifestação para um fenômeno, dependendo da influência do contexto. Um exemplo é o princípio de complementaridade proposto por Bohr, segundo o qual objetos quânticos assumem

caráter de onda e também de partícula, dependendo da situação e do contexto que estão experienciando, sendo, assim, conceitos complementares, e não excludentes (OLIVEIRA e VIEIRA, 2009).

A complexidade (MORIN, 2005a) lida com a incompletude e a incerteza do conhecimento, com a dúvida, com o desconhecido que não se apresenta como óbvio, podendo emergir novas possibilidades – “as probabilidades destronam as certezas”, e a criatividade ganha espaço (PRIGOGINE, 2002, p.13). Para Morin (2005a), *complexus* é tecido junto, que se constrói pela articulação de elementos distintos, que possuem sua própria identidade e também são produzidos pelas interações que produzem entre si. *Unitas multiplex* é ao mesmo tempo a unidade e a multiplicidade convivendo na complexidade: contém as características unitárias e as emergências produzidas nas e pelas suas interações.

Morin (2006) problematiza que a ciência vinha excluindo aquilo que não conseguia explicar. E é contra esse caminho, a serviço não de buscar explicações, mas de conceber o inexplicável, aceitar a incerteza e buscar novas formas de organizar o conhecimento, que surge o pensamento complexo. A teia de interações, de situações da vida, do nosso mundo de acontecimentos não é algo linear, mas sim um emaranhado permeado de ambiguidade, confusão, incerteza e desordem. Numa tentativa de explicação, de ordem e clareza, o conhecimento foi levado à ordenação dos fenômenos, à eliminação da dúvida, do incerto, excluindo o que é inerente ao mundo real e assim se afastando desse real que é ordem, mas que também é desordem. A complexidade reintegra, como parte da problemática do conhecimento, a contradição, a dúvida, a ambiguidade, a desordem, a pluralidade. Ao pensar em desenvolvimento pessoal, acreditamos que isso ocorre dentro e fora do ser humano, nas relações e interações entre todos os aspectos que o constituem, assim como entre as pessoas que constituem a sociedade e a cultura (MORIN, 2009).

Trata-se não de excluir a contribuição científica que levou ao avanço da humanidade, mas de assumir que esse caminho, da maneira como foi desenvolvido, já referido anteriormente, levou o ser humano a distanciar-se da sua própria natureza complexa: dotado do físico/biológico, de sentimento, de emoção, de consciência, de espírito. Esses níveis, aspectos ou dimensões produzem os indivíduos pelas suas interações, indivíduos que são, ao mesmo tempo, produtos e produtores das interações sociais e culturais (MORIN, 2009).

A crítica e a proposta da complexidade estão na possibilidade de evolução, de maneira a problematizar o conhecimento pela complementaridade, e não pela fragmentação e/ou exclusão de suas partes. A desconstrução da linearidade fomenta a construção de um conhecimento reflexivo, meditativo, passível de discussão e incorporação por diversos saberes. A partir da “descoberta” de que a desordem pode originar a ordem, por meio do estudo das estruturas dissipativas, Prigogine (2002) acredita numa realidade potencial de muitas possibilidades. A desordem é, assim, necessária para que a crítica e a criatividade se façam presentes ao buscarem-se uma nova ordem e uma reforma do pensamento e para que novas possibilidades possam emergir da desconstrução gerada pela interação das partes, dando espaço a novos sentidos (MORIN 2005a, 2009).

Além da necessidade de análise intrínseca à pesquisa, a complexidade busca distinguir e estabelecer comunicação entre o objeto e o ambiente, entre o observador e o que é observado (MORIN, 2005c), por meio de “articulação, identidade e diferença” (MORIN, 2005a, p.176) entre os aspectos biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais do ser humano. Já um pensamento reducionista separa esses aspectos ou simplesmente os une, negligenciando a especificidade de cada um deles. Seria pertinente, então, compreender o ser humano em sua integralidade.

Sete princípios são atribuídos por Morin (2009) ao paradigma da complexidade e serão utilizados posteriormente para apoiar a reflexão proposta neste estudo. A distinção e o olhar sobre a especificidade de cada um é exclusivamente necessária para o entendimento das ideias que os constroem, já que, ao se inter-relacionarem, eles são paralelos, complementares e interdependentes.

Princípio Sistêmico ou Organizacional (MORIN, 2009): o todo é mais do que a soma de suas partes, já que, das interações de seus elementos constituintes, emergem novas propriedades, conferindo ao todo propriedades inexistentes nas partes. Porém, o todo também pode ser menos do que a soma das partes, que acabam tendo algumas qualidades inibidas pela organização do conjunto.

Princípio holográfico ou hologramático (MORIN, 2005a; 2009): denota a presença da parte no todo e também a inscrição desse todo em cada parte. No holograma, cada ponto contém a quase totalidade da informação do todo que ele representa. A ideia de Pascal de que “o conhecimento das partes depende do

conhecimento do todo, e o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes" é recorrentemente citada por Morin (2009, p.88; 2005), no intuito de enfatizar a ideia de se conceber a problemática da organização, em que o todo é mais e menos que a soma das partes. Mais, pois da interação dessas partes emerge algo que é maior do que a simples junção de cada uma delas. E menos, porque a especificidade da parte, que também contém a inscrição do todo, pode ser negligenciada na mistura quando do olhar para o todo, portanto, as partes em interação produzem um conjunto que é distinto da natureza das partes.

Princípio do circuito retroativo (MORIN, 2009): propõe que causa e efeito agem um sobre o outro, pois compreende que determinado efeito pode retroagir para amplificar ou reduzir uma causa. A retroação tem, então, um efeito regulador do sistema vivo, de forma a manter uma estabilidade necessária à vida.

Princípio do circuito recursivo (MORIN, 2009): compreende que produtos e efeitos são tanto produtores quanto causadores daquilo que produzem e do que é produzido, portanto, os sistemas são auto-organizados. Dessa forma, os seres humanos produzem a sociedade pelas e nas suas interações, assim como também são produzidos nessas relações, através da cultura e da linguagem da sociedade, por exemplo.

Princípio da autonomia/dependência (auto-organização) (MORIN, 2009): característica atribuída aos seres vivos, que se autoproduzem para manter a sobrevivência. A manutenção da autonomia depende da troca de informações com o meio. Morin (2009) atribui a concepção de autoecoorganização a todos os seres, sendo o humano autônomo pela dependência da cultura, e as sociedades, pela dependência geoecológica.

Princípio da dialógica (MORIN, 2009): permite que se assumam duas lógicas diferentes e se tenha ao mesmo a complementaridade das noções contraditórias como um processo constante e não-linear de construção, desconstrução e reconstrução, ou *ordem/desordem/organização*. Morin (2008; 2009) recorre à física para explicar como a desorganização das partículas torna-se necessária para que novas interações sejam promovidas, justamente pela desordem, formando uma nova organização. Ele toma como exemplo a origem do Universo, com a formação de núcleos, átomos, galáxias, estrelas.

Princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento (MORIN, 2009): indica que todo conhecimento é uma reconstrução ou uma tradução realizada

por alguém que organiza o conhecimento, influenciado(a) pelo contexto sociocultural e pela sua maneira de enxergar o mundo.

Nas teorias sistêmicas, a complexidade, a intersubjetividade e a instabilidade promovem um novo olhar em complementaridade à simplicidade, à objetividade e à estabilidade, inerentes à ciência moderna. O pensamento sistêmico, visando a transcender as fronteiras disciplinares, originou-se de trabalhos de Bertalanffy (biólogo), Wiener (matemático), Bateson (antropólogo), Foerster (físico) e Maturana (biólogo) (VASCONCELLOS, 2003). O sujeito é visto como um sistema complexo dotado de partes que, em relação, o compõem. Cada parte possui a inscrição do todo, e o todo não é somente a justaposição de seus elementos, mas um complexo derivado do *entre*, que emerge das conexões (MORIN, 2009; VASCONCELLOS, 2003).

Também a Ecologia Profunda<sup>5</sup> (CAPRA, 2003) concebe o mundo como esse todo integrado e remete-se à interdependência e interconexão dos fenômenos. A partir dessa compreensão de conexão entre o homem e o cosmos, Capra (2003) compreende que, em sua essência mais profunda, a ecologia profunda é espiritual e a diferencia da ecologia rasa – centrada no ser humano, que se coloca acima ou fora da natureza, atribuindo-lhe um valor apenas de subserviência.

Em função de demandas sociais e históricas, as universidades, no século XIX, organizaram a ciência em disciplinas. Apesar de ser um grande avanço para a humanidade, isso levou muitas dessas disciplinas a se ensimesmarem, migrando para uma reflexão apenas interna, ao invés de estabelecerem interconexões. Morin (2009) reforça a necessidade de as disciplinas assumirem suas interligações com o universo que as originou e as constitui. O autor lembra que tal movimento entre disciplinas já permitiu solucionar problemas complexos inerentes a determinadas áreas da ciência, vindo de olhares provenientes de outras áreas, até então antagônicas e/ou dissociadas – olhares esses descompromissados e desconhecedores de possíveis barreiras (exemplos referidos pelo autor: Darwin, que não possuía formação universitária; Wegener, o meteorologista criador da teoria dos desvios dos continentes). Esse rompimento de barreiras forma hibridismos

---

<sup>5</sup> Capra (1996) refere-se à Ecologia Profunda como um novo paradigma social que contempla a visão de mundo holística e ecológica, construída pela rede de concepções, valores, percepções e práticas compartilhados por uma comunidade que darão sustentação para uma organização social.

disciplinares, e já é possível encontrar um caminho que reúne e reconecta o que foi cindido.

A figura a seguir visa a organizar noções ligadas à questão da disciplinaridade, explicadas por Morin (2009) e Vasconcellos (2003).

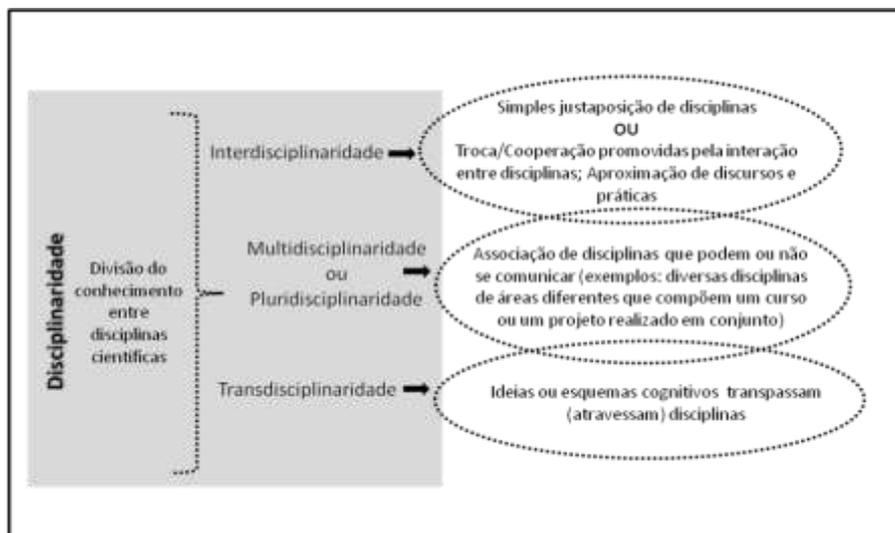


Figura 1: O complexo inter-multi-trans-disciplinar

Fonte: a autora, com base em Morin (2008) e Vasconcellos (2003).

### 2.3 ESPIRITUALIDADE

Espiritualidade é uma dimensão do ser humano e ao mesmo tempo sua totalidade, um aspecto onipresente indissociado do cotidiano, que significa viver a partir de um novo olhar integralizado com tudo o que cerca o sujeito. O termo “espiritual” refere-se ao que é diariamente vivenciado na experiência humana (ASSAGIOGLI, 1989; MULLER, 2004; FRANKL, 1978), não se referindo somente a experiências tradicionalmente religiosas.

Pesquisas indicam efeitos positivos de tratamentos individuais ou em grupo em que a espiritualidade é reconhecida como uma dimensão integrada do ser humano e a relacionam com bem-estar mental, emocional e físico, indicando melhora no prognóstico ou até mesmo a cura de doenças (COSTA et al, 2008; CASHWELL, CLARKE e GRAVES, 2009; CUNNINGHAM, 2005; HARVEY & SILVERMANN, 2007; HODGE, 2006; KEHOE, 2007; PERES et al, 2009).

Propondo estabelecer um diálogo entre espiritualidade, religiosidade e psicoterapia, Peres et al (2007) observam a crescente ênfase do tema *espiritualidade*, porém a diversidade de conceitos dificulta sua utilização em

tratamentos psicoterápicos. Para esses autores, a espiritualidade vem sendo reconhecida como sustentadora de um significado maior à vida e está fortemente enraizada na busca pessoal dessa compreensão. Pesquisas (PERES et al, 2007) demonstram que a prática da religião está associada a melhores resultados físicos e mentais entre vítimas de traumas psicológicos e pacientes com enfermidades graves. Em revisão sistemática, os mesmos autores encontram estudos longitudinais de 30 anos apontando relação diretamente proporcional entre saúde mental/bem-estar e envolvimento religioso.

Espiritualidade, Religião e Crenças Pessoais foram relacionadas como aspectos indicadores de saúde, indicando a importância da inclusão do aspecto *Qualidade de Vida* como um item em avaliações genéricas de cuidado de saúde. Isso permitiria uma avaliação mais ampla rumo a um modelo de saúde biopsicossocioespiritual (O'CONNELL & SKEVINGTON, 2005).

Para Kehoe (2007), na maioria dos casos de doença mental, questões espirituais e/ou religiosas são ignoradas no tratamento. Propondo que o paciente é muito mais do que a sua doença mental, considera uma visão integrada entre as dimensões física, mental, emocional e espiritual. Kehoe sugere que, ao contemplar essa visão, o tratamento pode ajudar o sujeito a resgatar as próprias capacidades internas para lidar com sua condição.

A dimensão espiritual também é citada como aspecto importante em tratamentos de recuperação de dependentes químicos, fomentando o comprometimento com o tratamento (CASHWELL, CLARKE & GRAVES, 2009). Os autores entendem que a perspectiva espiritual e religiosa dos clientes seja conhecida e acessada pelos profissionais de saúde e que estes sejam preparados para isso, de maneira que um programa de recuperação possa ser eficazmente suportado pelo trabalho espiritual.

Em estudo com grupos de espiritualidade, foi constatado que o aspecto espiritual era compreendido e vivenciado como uma conexão com um poder maior, escolhas pessoais, permanente contato com a natureza e com as pessoas, cura e apoio. Espiritualidade e religião foram percebidas como entidades separadas, mas conectadas ao mesmo tempo; para os participantes, esses grupos tornavam-se terapêuticos, proporcionavam relacionamentos sólidos e de confiança, além de fornecer suporte social (GEERTSMA & CUMMINGS, 2004).

Outras pesquisas indicam que a espiritualidade pode desempenhar um papel fundamental na saúde e bem-estar de idosos cronicamente doentes (HARVEY & SILVERMANN, 2007) e de pacientes que convivem com o câncer (CUNNINGHAM, 2005), observando-se aumento da aceitação da condição de saúde, assim como do sentido da vida para si, combinado com a tendência reduzida de conflitos nas relações interpessoais. Para Cunningham (2005), tais evidências suportam o crescimento da visão de que a espiritualidade contribuiu para o tratamento, devendo ser considerada e utilizada em um contexto estruturado de psicoterapia em grupo.

Costa et al (2008), com o objetivo de avaliar a qualidade de vida e o bem-estar espiritual e investigar sua correlação em universitários, concluíram que as pessoas que percebem a espiritualidade como uma dimensão não-separada das demais têm uma vida mais saudável, pela integração de seus aspectos espiritual, emocional, físico e mental. Para esses autores, a vivência da espiritualidade não se restringe ao bem-estar religioso, encontrando-se fortemente enraizada na busca pessoal para compreender a vida e seu significado. Mais do que uma referência a Deus, o bem-estar espiritual remete à sensação de encontro de sentido, de significado na vida.

A espiritualidade é vivenciada, experienciada diariamente, na relação intra e interpessoal; pode ser percebida como uma atitude perante uma causa, o que nos move, nos significa e o que atribui sentido à vida, sendo chamada por Solomon (2003) de *espiritualidade naturalizada*. Enquanto seres humanos espirituais, somos co-criadores da realidade, e quanto mais consciência disso tivermos, mais criações positivas construirão nossa maneira de nos relacionar com outras pessoas, com o mundo da natureza e com o universo que nos constitui (HAPPE, 1997; BRENNAN, 1987).

A oportunidade de compreensão de si mesmo e do outro e a capacidade de transformação positiva e criativa dos relacionamentos são citadas por Cavalcanti (2000) como vieses espirituais. A autora mostra que a visão espiritual pressupõe primeiramente o autoconhecimento, levando a uma responsabilização pessoal pela própria transformação, assim como pela mudança ética da relação com o mundo, tornando essa relação mais responsável, amorosa, receptiva e criativa. Referindo-se a Freud, Cavalcanti (2000) lembra que o homem precisava amar para não ficar doente, sendo o amor um antídoto para o egoísmo, a destrutividade, a raiva e o ataque. Ela conclui que tudo isso é espiritual.

O ser humano tem evitado conectar-se com a sua interioridade, abafando a intuição (CAVALCANTI, 2000), o que resulta na sensação de vazio, oriunda de uma busca externa pelo sucesso material. Com isso, emerge o questionamento sobre o significado da vida, como um anseio de conferir e atribuir à vida um sentido de valor. Uma nova concepção da ciência, sustentada pelo paradigma da física quântica, tem-se valido de aspectos subjetivos e intuitivos que abrem possibilidades para as demandas do ser humano na atualidade (ZOHAR, 2000), com noções que assumem a possibilidade de complementaridade de acordo com o contexto e o ambiente (OLIVEIRA e VIEIRA, 2009), de livre arbítrio e de um universo em construção que permite que ser humano e natureza, ciência e filosofia se reconciliem (PRIGOGINE, 2002).

A capacidade humana de fazer perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar conexões com seu ambiente é chamada por Wolman (2002) de inteligência espiritual. Para esse autor, a partir de uma visão integradora, a objetividade da inteligência e a subjetividade da espiritualidade convivem juntas no interior de cada ser humano, produzindo, num processo dialógico (MORIN, 2009), a capacidade de pensar com a alma. A inteligência espiritual faz parte da vida normal da humanidade (WOLMAN, 2002) e pode ser vista como a capacidade de nos reconectarmos com o universo através de um estado harmonizado de conexão, de manifestarmos interna e externamente a sabedoria, o cuidado e a harmonia implícitos na própria estrutura desse todo do qual somos parte (DI BIASE e ROCHA, 2006). A essência dessa visão é a busca de um significado maior; para esses autores, isso demanda uma ação pautada em metas, missões e objetivos voltados para influenciar o entorno, de forma a contribuir para a transformação do mundo, com base em uma visão de reverência e respeito pela vida e pelas pessoas.

Morin (2005c, 2009) também acredita na interação do humano com a natureza, na condição de seres simultaneamente cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais. Ao mesmo tempo em que viemos do cosmos e possuímos sua essência, ele nos é desconhecido. “Nosso pensamento, nossa consciência, que nos fazem conhecer o mundo físico, dele nos distanciam ainda mais” (MORIN, 2009, p. 38).

A concepção de *noosfera*, resgatada pelo autor, abre uma vertente de diálogo com um aspecto espiritual. Noosfera seria o que está *entre* e ao mesmo tempo permeando as sociedades humanas, como um meio pelo qual a manifestação do

espírito humano acontece – algo imensurável e ao mesmo tempo o que permite a manifestação da criação, a partir da crença e da fé. Para Morin (2005c), deuses, saberes, mitos, ideias alimentam-se da energia psíquica retirada dos medos e anseios da humanidade, podendo influenciá-la positiva ou negativamente de forma muito abrangente, por meio de religiões e de escolas de pensamento, por exemplo.

Como parte desse todo que é o universo, o sujeito, como um ponto no holograma (MORIN, 2009), leva em sua singularidade toda a vida e toda a humanidade e, sendo assim, leva também o “mistério que jaz no fundo de nossos seres” (p.49). A esse mistério, podemos atribuir o que é desconhecido de nós mesmos, o inconsciente (THESENGA, 1997), a complexidade implicada no universo e até mesmo o *entre*, já referido como emergente das interações dos elementos organizadores dos sistemas (CAPRA, 2003; MORIN, 2009). Por ser inerente ao espírito humano o desejo de saber o que não lhe é conhecido (AGOSTINHO, 1994), um dos desafios é lidar com a incerteza ao percebermos um imenso desconhecido dentro e fora de nós.

Ao estabelecer articulação das ideias sobre espiritualidade até aqui apresentadas, a construção deste trabalho fundamenta-se na complexidade existente em cada um delas e em todas em relação. Compreendemos, então, o aspecto espiritual como inerente ao ser humano e indissociado do físico, do mental (intelectual) e do emocional, em constante interação e influência recíproca. Compreendemos também o aspecto espiritual como a integralidade do sujeito quando permeia a vivência diária e as relações/interações (interna e externa), assim como o ambiente biológico, cultural e social. A espiritualidade compõe os sujeitos ora como sistemas complexos, ora como elementos que são sistemas dos sistemas complexos universo/cosmos/natureza (CAPRA, 2003; DI BIASE e ROCHA, 2006; MORIN, 2005a, 2005b, 2005c, 2006, 2008, 2009; MULLER, 2004; WOLMAN, 2002; ZOHAR, 2000). A psicologia, considerada como ciência humana, tem pressupostos que sustentam a análise da realidade a partir da subjetividade e de um sistema de crenças, pois entende o ser humano como um mistério a ser compreendido, e não como um problema a ser solucionado (VEIT, 2002). Algumas ramificações da psicologia como ciência humana contemplam a dimensão espiritual. Para Veit (2002), esse aspecto é e sempre foi implicação da psicologia, desde o conceito etimológico que a compõe (oriundo do grego: *psyche*=alma; *logos*=razão), sendo o

estudo ou a razão da alma/mente (VEIT, 2002); daí que, quando se fala em alma, necessariamente inclui-se o que é espiritual.

A Psicologia Transpessoal, chamada de 4ª força, foi um movimento decorrente da Psicologia Humanista, posicionando-se de maneira integradora e englobando a dimensão espiritual na visão de ser humano. Boianain (1998) observa, nas últimas décadas, intensas transformações na cultura ocidental, como o aumento do interesse pela espiritualidade, bem como da busca por tratamentos “alternativos”. A disseminação de práticas meditativas e espirituais vindas do Oriente e a própria valorização cultural dessas práticas, antes rechaçadas, desafiaram a psicologia a abordar o fenômeno.

Conforme Hodge (2006), muitos profissionais da área da saúde incluem a espiritualidade na prática clínica, apesar de receberem muito pouco ou nenhuma capacitação para tal utilização. Para o autor, isso demonstra uma lacuna na literatura sobre esse uso na intervenção terapêutica e sua necessidade. Uma vertente da psicoterapia cognitiva, diferentemente da tradicional, utiliza os preceitos da espiritualidade derivados da visão dos próprios clientes, e vários estudos verificaram a efetividade desse tratamento (HODGE, 2006).

Outra ramificação ainda recente da psicologia, que busca um relacionamento com a religião, é a Psicologia Positiva (COSTA, NOGUEIRA & FREIRE, 2010). Muitos dos temas hoje por ela trabalhados foram preocupações centrais do pensamento de práticas espirituais e de tradições de fé. *Perdão, gratidão e esperança* são focos de alguns estudos que propõem esse diálogo (WATTS, DUTTON, & GULLIFORD, 2006). Parsons (2006) sugere que o advento da psicologia positiva pode ser um caminho para a reconciliação da psicologia com a religião, por abordar aspectos relativos à saúde e ao bem-estar. A importância de contemplar os aspectos relacionados ao desenvolvimento espiritual na formação de profissionais de psicologia é problematizada a partir de pesquisas realizadas com os próprios universitários, que demonstram esse desejo (COSTA et al, 2008; COSTA, NOGUEIRA e FREIRE, 2010).

Peres et al (2007) verificaram que a vivência espiritual e/ou religiosa foi a segunda maneira mais comum de lidar com o impacto emocional do estresse pós-traumático, enquanto o ato de conversar e compartilhar com outras pessoas ficou em primeiro lugar. As noções de espiritualidade apresentadas até então nos

permitem pensar que a expressão dos sentimentos no contato interpessoal também é espiritual (SOLOMON, 2003).

Percebemos muitos caminhos expostos até aqui que falam de espiritualidade e mostram como esse é um aspecto que, reconhecido, pode contribuir para a busca do bem-estar; mesmo sendo deveras subjetivo, pode contribuir também para a cura de doenças, mais objetivamente. A prática da religiosidade é citada em algumas pesquisas, e surgem nos autores questões a respeito de *como* se dá essa prática, já que tem se falado na necessidade de uma busca interna inerente ao processo de desenvolvimento pessoal e espiritual.

Embora exista aproximação entre as noções de espiritualidade e religiosidade, a primeira não se limita a determinadas crenças ou práticas e diz respeito à busca de significado da vida e da razão de viver; já a última, caracterizada como a crença em um poder sobrenatural, criador e controlador do universo, que deu ao homem uma natureza espiritual que permanece depois da morte de seu corpo, possui definição de um sistema de adoração e doutrina específica partilhada com um grupo (FLECK et al, 2003). Para Fleck et al (2003), muitas pessoas encontram na religião uma fonte de conforto, senso de pertença, ideal e força, enquanto que, para outras pessoas, a religião possui influência negativa em suas vidas.

Sendo assim, podemos compreender as religiões como meios potenciais de exercício da espiritualidade vivenciada (HAPPÉ, 1997; SOLOMON, 2003) e também como formas de manutenção do distanciamento de si, já referido anteriormente, como uma atitude da humanidade oriunda da visão cartesiana.

## 2.4 DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Compreendendo o desenvolvimento pessoal como um trajeto produtor de mudanças, Magalhães (2008) propõe que as transformações pessoais resultam do conhecimento de quem somos através da investigação interna dos níveis físico, mental, emocional e espiritual da realidade. Esse percurso de autoconhecimento é baseado nas próprias atitudes, pensamentos, sentimentos e crenças. Educar a mente, as emoções e o espírito para o cultivo de atitudes, pensamentos, sentimentos e ações pautadas na própria verdade, honestidade e coerência depende, em primeiro lugar, dessa investigação interna das áreas desconhecidas.

O aspecto pessoal e o aspecto ambiental/universal estão interligados no que tange ao crescimento e desenvolvimento humano (BRENNAN, 1987). Para Brennan (1987), a tarefa pessoal e os desafios individuais estão relacionados com a tarefa mundial. Ao desenvolver-se, o sujeito estaria também contribuindo para o desenvolvimento do seu entorno. Dialogando com Morin (2009), percebemos uma relação recursiva entre o desenvolvimento do ser humano e seu ambiente, como produtos e produtores um do outro. Essa relação de influência recíproca remete-nos à necessidade de ação local para alcançar a mudança global.

Brennan (1987) não distingue o desenvolvimento pessoal do desenvolvimento espiritual, em que os níveis físico, emocional e mental caminham juntos no processo evolutivo, que seria não somente individual, mas de toda uma geração, de modo que cada nova geração colheria os frutos desse processo, num movimento de desenvolvimento constante. Acreditando no livre-arbítrio e referindo-se à capacidade humana de criar sua própria realidade, a autora entende que essa criação pode emergir de partes diferentes do ser, nem sempre conhecidas: “criamos a partir da fonte pessoal e da fonte grupal, e naturalmente há grupos menores dentro de grupos maiores, todos emprestando sua contribuição à grande textura da experiência da vida criativa” (BRENNAN, 1987, p. 107).

Pelo olhar do pensamento Sistêmico Complexo, entendemos a ideia acima a partir da concepção de ser humano como um sistema de sistemas, cujas interações geram produções no *entre*, nas interações, de maneira dinâmica. Temos o sujeito como um sistema que interage com outros sujeitos-sistemas dentro de um sistema grupo, de onde emergem criações dessas relações entre os componentes do grupo e do contexto grupal. O grupo, como um sistema, também produz a partir da interação com outros grupos-sistemas (SEMINOTTI et al, 2006). O que Brennan (1987) não contempla, mas que conhecemos a partir do pensamento sistêmico complexo, é a inibição que pode ocorrer de qualidades oriundas das partes quando nessa relação grupal (MORIN, 2009; SEMINOTTI et al, 2006).

“A transição do isolamento egocêntrico para o estado de união com tudo é o passo mais importante no caminho da evolução de uma entidade espiritual individual” (PIERRAKOS e THESENGA, 1997, p. 77). Embora não se refira a um processo de desenvolvimento espiritual, Morin (2010) situa essa transição referida pelos autores acima através da noção de sujeito, cujo egocentrismo vital à sobrevivência possui ao mesmo tempo capacidades complementares e antagônicas:

egoísmo e aptidão para dedicar-se ao bem comum ou ao próximo, esta última caminhando para um princípio de pertencimento a uma sociedade. Essa sensação de conexão leva o ser humano a experimentar a união, a (re)ligação com o todo, deixando de enxergar-se isoladamente. Essa é a transição referida anteriormente por Pierrakos e Thesenga (1997) como fundamental no processo de desenvolvimento pessoal, que mais uma vez se apresenta implicado no desenvolvimento espiritual.

O bem-estar e a felicidade somente serão experimentados a partir da consciência, compreensão e vivência, em todos os níveis, de que somos partes de um todo universal (PIERRAKOS e THESENGA, 1997). Para que isso ocorra, o ser humano deve aceitar que possui uma dualidade, ou dialógica (MORIN, 2009, 2010) interna, e precisa reconhecer sua negatividade inconsciente, pertencente a essa dialógica: “é impossível aceitar a si próprio se não aceitar o que é de pior em si próprio” (PIERRAKOS, 1996f, p.2).

Conforme Pierrakos (1996d), muitas vezes, a felicidade é atribuída a uma condição externa ou ao futuro: “somente serei feliz *quando* ou *se* algo acontecer”. Para Pierrakos (1996d), a felicidade é decorrente dessa busca interna chamada autoconhecimento, e isso envolve o mergulho para o encontro de questões inerentes à individualidade de cada ser humano. Por isso, inclui a negatividade e a destrutividade – medos, angústias, crenças errôneas –, já que também são elementos constituintes da pessoa e convivem dialogicamente com a criatividade e a capacidade de construção positiva. O reconhecimento dessa dialógica interna faz parte do desenvolvimento pessoal.

Pelos princípios holográfico e recursivo (MORIN, 2005a; 2009), o ser humano organiza-se na interação e influência recíproca de seus aspectos, contendo cada um a representatividade do todo, por exemplo, a manifestação de um sintoma físico como consequência e causa de um sentimento represado. Quando o ser humano se responsabiliza pelo que o constitui, o desenvolvimento integral acontece (PIERRAKOS, 1996f).

## 2.5 O PATHWORK

### 2.5.1 Origem e surgimento do Pathwork

Eva Pierrakos (1915-1979) nasceu em Viena, na Áustria. Filha de um famoso escritor, convivia com intelectuais da época, como Thomas Mann e Hermann Hess. Mudou-se para a Suíça, onde um “dom psíquico”<sup>6</sup> começou a manifestar-se na forma de escrita automática. Segundo ela, estava sendo preparada para ser um canal espiritual. Recebeu orientações para fazer um trabalho de purificação, que incluía revisão diária todas as noites, meditação por longas horas e mudança alimentar. Assumiu o compromisso de usar seu dom exclusivamente para ajudar as pessoas, tornando-se um canal puro, de modo que uma entidade espiritual de elevada sabedoria, que se autodenominou “O Guia”, se manifestasse através de sua fala e oferecesse seus ensinamentos por meio de palestras (ROTMIL, 2010). A partir de 1955, um pequeno grupo reunia-se ao seu redor para ouvir as palestras, e alguns desses participantes ainda hoje são facilitadores do Pathwork.

Embora o conteúdo teórico do Pathwork considere desnecessário explorar sua origem, por tratar-se de um aspecto secundário ao foco do trabalho, concebemos a possibilidade de ter sido despertado no leitor, assim como surgiu nos autores, um misto de curiosidade e confusão a respeito do tema. Sem deixar de lidar com a incerteza e com a incompletude do conhecimento, mas tendo em vista que a simplificação também faz parte da complexidade (MORIN, 2006; SEMINOTTI et al, 2006), buscamos contextualizar o conceito de *canalização*, rumo a uma organização do conhecimento (MORIN, 2008).

“Não há sequer uma pessoa neste mundo que não pratique a canalização (...). Todos são canais; o ponto chave é saber quem ou o quê está sendo canalizado” (STONE, 1994, p. 218). Para Stone (1994), a maioria das pessoas tem a capacidade inerente de receber informações que não venham necessariamente do

---

<sup>6</sup> **Dom:** s. m.: dádiva; benefício./ **Psíquico:** adj.: Relativo à alma ou às faculdades morais e intelectuais (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2001).

pensamento consciente, mas de uma energia vital (PIERRAKOS, 1996a), que também poderíamos chamar de espiritual, residente dentro e fora de cada um de nós. Articulando essa ideia com Prigogine (2002), remetemo-nos à criatividade, ao livre-arbítrio e à imprevisibilidade do universo, que contém múltiplas possibilidades.

Stone (1994) atribui a manifestação da canalização à expressão da criatividade, da arte, da música, da escrita, sonhos e inspirações. Para ele, o ensino tradicional exerce um estímulo desproporcional, dando ênfase às faculdades intelectuais ligadas ao raciocínio lógico, em detrimento do desenvolvimento das capacidades intuitiva e criativa, embotadas ao longo do tempo. As crianças, de acordo com o autor, são bastante sensíveis à parte imaginativa, psíquica e intuitiva por não terem sido totalmente influenciadas pelo estímulo maior à área racional do cérebro. Einstein relatou que ficava em estado hipnótico ao fitar as nuvens, em sua cadeira de balanço, quando recebia respostas a perguntas sobre seus inventos, e Nikola Tesla recebia imagens mentais de suas invenções de forma minuciosa. Para Stone (1994), esses são exemplos de canalização.

O Pathwork é referido como um caminho que não é novo, mas que se manifesta ou se manifestou de diversas formas e evoluiu com a humanidade (PIERRAKOS, 1996f). Interessante, se relacionarmos tal ideia com o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento (MORIN, 2009), em que o conhecimento é reconstruído por alguém que organiza uma nova versão a partir das influências recebidas do contexto sociocultural e da própria visão de mundo.

Pierrakos (1996f) fala sobre níveis de realidade ainda não explorados e não experimentados pela personalidade. A respeito da canalização, afirma que todos possuem meios de transcender os estreitos limites de seu próprio ser, “e ter acesso a outros reinos e a entidades dotadas de um conhecimento mais amplo e profundo” (p.1).

Pela concepção de noosfera (MORIN, 2005), deuses, mitos e ideias exercem influência espiritual no ser humano. Fenômenos como a canalização podem expressar-se por meio da fala nos seres humanos (STONE, 1994). Articulando os dois autores, tratar-se-ia de uma influência recíproca entre as entidades da noosfera e a dimensão humana, relacionando a crença, a fé e as emergências do pensamento, como as ideias e as inspirações (MORIN, 2005).

Sabemos e sentimos o quanto é difícil lidar com a incerteza, mas, desafiados pela complexidade, pretendemos problematizar e imaginar como a incompletude, a dúvida e a confusão também podem ter permeado os questionamentos de Eva desde o início da manifestação desses fenômenos, quando desconhecia do que se tratava, passando pela emergência da escrita automática, até a canalização de voz, possibilitada pelo desenvolvimento de suas faculdades intuitivas e abertura para o novo, conforme seu relato:

“... e aí começaram estas palestras em transe. Acontecia de vez em quando, mas eu nunca tinha a menor ideia do acontecido. Era a última coisa que eu queria, mas era interessante. Comecei a ler livros sobre Fenômenos Psíquicos e Comunicação Espiritual. Então comecei a meditar a primeira vez na minha vida. Aí tive uma experiência interessante... Eu estava sentada, meditando, era verão, perto havia uma janela aberta. De repente, pela primeira vez, houve algum tipo de sinal. Isto foi em Zurique, na véspera de ano novo em 1950. Na Suíça, eles tocam todos os sinos de igreja. Foi então que eu senti alguma coisa, um poder incrível, como o poder de Cristo... como se os anjos estivessem lá. Eu não tinha nenhum conceito de tais coisas, mas foi alguma coisa tão forte que me forçou a ajoelhar. Foi incrível! Aí eu deixei isto de lado e esqueci completamente. Aquilo foi como um anúncio das coisas por virem” (ONLINE, 2010).

Em 1971, Eva casou-se com o médico psicanalista Dr. John Pierrakos, aluno de Wilhelm Reich e um dos fundadores da Bioenergética (CORE ENERGETICS, 2011). Em 1972, criou-se uma Fundação Educacional, sem fins lucrativos, a Pathwork Foundation. Sete anos depois, Eva faleceu, deixando como legado um material que reúne as palestras sobre a natureza da realidade psicológica e espiritual e sobre o processo de transformação pessoal (ROTMIL, 2010).

Atualmente, o Pathwork é ensinado e praticado em dois centros de retiro nos Estados Unidos e em outros centros naquele país, na Europa e América do Sul, que oferecem aconselhamento e programas de ensino. Pequenos grupos de pessoas ao redor do mundo reúnem-se para estudar e aplicar esses princípios espirituais (THESENGA, 1997). No Brasil, foi Aida Pustilnik, psicóloga, formada no Pathwork em Nova York, que em 1990 realizou a primeira formação para facilitadores. Renate Muller, aluna de Aida, iniciou esse trabalho em Porto Alegre/RS em 1994.

## 2.5.2 O Pathwork como abordagem para o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, convivendo com a espiritualidade, sob o olhar do Pensamento Sistêmico Complexo

Com o objetivo de possibilitar uma maior compreensão da aplicação dos ensinamentos do Pathwork, buscamos expor seus principais pressupostos, colocando-os em diálogo com o pensamento sistêmico complexo (MORIN, 2009).

Através de situações práticas do cotidiano, o Pathwork busca desenvolver a auto-observação e a integração dos aspectos:

Físico: por meio do desenvolvimento da consciência corporal;

Mental: identificando concepções distorcidas (crenças errôneas) sobre a realidade e reformulando-as conforme as verdades experimentadas;

Emocional: reconhecendo e assumindo responsabilidade pelos próprios sentimentos;

Espiritual: reconhecendo a existência de uma consciência maior do que apenas as limitações do ego (PATHWORK REGIÃO SUL, 2011).

Os princípios básicos que regem esse trabalho visam à orientação para a autoaceitação da própria condição, buscando diferenciar demandas do ego e necessidades do eu verdadeiro, fomentando a consciência da autorresponsabilidade pelas escolhas realizadas.

O foco do trabalho é a busca do autoconhecimento, por meio da autoconfrontação e auto-observação, permeadas pela autorresponsabilidade, e a experientiação dos principais conflitos e distorções.

O autoconhecimento constrói-se através da identificação de crenças, desenvolvidas normalmente durante o período da infância, que levam, de maneira inconsciente, a uma generalização na visão de mundo e das pessoas e, em consequência, da forma de agir perante a vida e as relações. Assim, generalizadas para todas as experiências de vida, essas crenças ou conceitos errôneos levam o ser humano a desenvolver “estratégias de sobrevivência”, chamadas pelo Pathwork de *máscaras, defesas, pseudo-soluções e idealização da autoimagem* (PIERRAKOS, 1996c, 1996g), que vão guiar seu comportamento. Como todo esse processo se origina sem que se tome consciência, é preciso lançar mão de um trabalho profundo para o conhecimento dessas distorções. Essa ampliação de conhecimento de si, de consciência, resulta numa compreensão não somente em

nível teórico ou mental, precisando alcançar os níveis emocional e espiritual (PIERRAKOS, 1996f).

Pela ótica do princípio hologrâmico, em que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e cada ponto no holograma contém a inscrição desse todo (MORIN, 2009), percebemos que, para um processo de desenvolvimento genuíno, esse conhecimento precisa acontecer em todos os níveis. Para Pierrakos (1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g), somente conhecendo tais distorções e migrando para um processo de reencontro com o *eu real*, que é a essência de quem somos, a qual esquecemos escondida atrás das *máscaras*, *defesas* e *autoimagem idealizada*, é que a transformação, ou o desenvolvimento pessoal, poderá ocorrer.

Visando a contribuir para a compreensão de como esse trabalho é realizado, apresentamos a seguir um quadro resumido, elaborado por Thesenga (1997):

O TRABALHO INTERIOR – COMO O PATHWORK É DESENVOLVIDO		
Práticas espirituais	Trabalho realizado no grupo ou em sessões individuais do Pathwork	Postura do Facilitador ou Helper ( <i>ajudante</i> )
Questionar todas as idéias fixas/imagens/attitudes; ver o <i>eu</i> com atenção, curiosidade e sinceridade. Meditar e rezar, em diálogo com a criança interior. Invocar o ego positivo adulto e a Divina Mãe/Divino Pai para que cuidem da criança interior.	Abrir-se à realidade emocional da criança interior. Descobrir como as imagens da infância criam e distorcem a realidade atual. Externar sentimentos reprimidos na infância, incluindo raiva, pesar, dor e alegria.	Trabalhar a transferência: analisar ativamente como a realidade da infância é reproduzida na relação com o ajudante. Permitir a transferência positiva e negativa: projeções do genitor "perfeito" e do genitor "decepcionante" ou "monstruoso".
Fazer um diário e uma recapitulação diária para descobrir padrões de personalidade. Meditar e rezar para desenvolver e fortalecer a capacidade de se observar com objetividade e tolerância. Fazer preces e afirmações para entrar em sintonia com o amor e a verdade.	Examinar honestamente padrões de vida e o que eles revelam sobre o <i>eu</i> . Aceitar as contradições do eu – os defeitos "maus" e as qualidades "boas"; a dor e o prazer. Diferenciar o eu dos outros; criar um ego resistente e eficaz. Reconhecer e aceitar os sentimentos atuais que vão surgindo. Fazer ligações com o passado se forem pertinentes; libertar-se do passado para atuar no presente.	Negociar um contrato claro e confiável, limites claros. Promover a diferenciação entre o ego e o ajudante. Não participar da transferência: trabalhar com problemas adultos, não com a recriação do relacionamento infantil. Fazer revelações pessoais dentro do razoável. Permitir que os sentimentos afluam, em vez de incentivá-los.
Meditar e rezar para abrir o coração, praticando o perdão de si mesmo e dos outros. Envolver-se com serviço compassivo.	Fazer interações conscientes; negociar os relacionamentos. Praticar a ligação com a realidade/vulnerabilidade/confissão/perdão. Vivenciar a fraternidade.	Participar por inteiro: falar mais, estimular a ligação, confrontar a separatividade. Passar da transferência para a intimidade; permitir o companheirismo.
Rezar, aceitar e afirmar as intenções positivas. Sintonizar-se com as qualidades divinas da alma: amor, poder ou serenidade. Descobrir e esforçar-se por	Descobrir e analisar as intenções negativas. Sentir e extravasar a dor que está por trás da vingança, da amargura, do retraimento. Assumir total responsabilidade pela criação da própria vida.	Observar como problemas mais profundos da alma são recriados no relacionamento com o ajudante. Servir de modelo para a forma adequada de se relacionar. Atenuar os limites para permitir o contato no nível da

cumprir a tarefa da alma. Buscar ouvir os guias espirituais; entregar-se aos mestres espirituais. Dedicar a vida e a vontade a Deus.	Trabalhar com arquétipos, sonhos, jornadas interiores, visualizações criativas. Trabalhar com respiração e ritmo.	alma. Sair do caminho; entrar no espaço que ultrapassa os limites do ego; canalizar energias superiores. Ser pessoalmente transparente.
Adorar o Divino em todas as suas formas. Praticar a percepção do momento.	Dar lugar aos impulsos espontâneos e criativos. Relaxar na respiração, no ritmo, em Deus.	Deixar que o trabalho seja uma constante criação conjunta do <i>helper</i> e do aluno, em que ambos têm acesso ao Divino, sem limites nem separações.

Quadro 1: Mapa do trabalho interior de transformação

Fonte: Thesenga (1997)

O Pathwork compreende que cada um de nós possui um *eu superior*, no qual reside a essência divina, espiritual; e um *eu inferior*, que contém qualidades positivas que foram distorcidas para a negatividade.

O aspecto espiritual mais profundo é a consciência maior que todos nós temos, chamada também de “fonte de inspiração interior”, ou “fonte de energia vital” (PIERRAKOS, 1996a, p. 2). A vivência desse aspecto não significa a busca de iluminação e ascensão espiritual pela meditação e acesso a áreas positivas de si mesmo. Pelo contrário, coloca a necessidade de reconhecimento de todas as partes constituintes do ser, as qualidades e intenções positivas e também as destrutivas, inerentes a cada ser humano. Isso contribui para o descortinar das distorções/crenças errôneas.

“Assim, o caminho deve ensiná-lo a encarar o que quer que esteja dentro de você, porque somente então você pode realmente se amar. Somente então você vai encontrar sua essência, o deus dentro de você. Mas se você deseja tentar encontrar sua essência, e sob a aparência de inclinações espirituais recusa-se a encarar o que quer que exista em seu íntimo, esse não é o caminho para você” (Pierrakos, 1996f, p.3).

Essa dualidade interna não deixa de ser uma expressão da dualidade externa, que coloca em oposição, por exemplo, *vida e morte*, *masculino e feminino*, *luz e escuridão*, e é também responsável por desejos conflitantes, atitudes, pensamentos e sentimentos divergentes, resultando numa visão parcial da vida (PIERRAKOS, 1996b; PIERRAKOS e THESENGA, 1997). Cada um de nós possui partes antagônicas que podem ser ao mesmo tempo complementares. Articulando essa ideia com o pensamento de Morin (2009, 2010), temos o princípio da “dialógica”. A proposta do Pathwork não é eliminar essa dialógica interna, mas tomar consciência de sua existência e de sua influência na construção das crenças distorcidas e nas interações estabelecidas na relação consigo e com o outro (PIERRAKOS, 1996b).

Com isso, o *eu* (MORIN, 2010) passa a compreender sua relação com o *nós* e seu pertencimento a uma sociedade, pela noção de inter-relação e não-separatividade. Para Pierrakos (1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g), por sermos “espelhos” uns dos outros, as relações são o melhor “laboratório” para o aprendizado do autoconhecimento, fornecendo informações a respeito das partes constituintes do ser. Com isso, a autoconfrontação do produto das interações, o *entre* (emergente das relações humanas), assim como a forma como ele é produzido, que faz ressonância com os aspectos internos, também são vistos como atributos para o autoconhecimento.

Os ensinamentos do Pathwork levam-nos à compreensão de que a sensação de bem-estar não ocorre separadamente nos níveis físico, emocional, mental e espiritual, pois todos estão ligados e se influenciam. Um desconforto físico não é isolado em si mesmo, mas é causa e consequência de alguma disfunção em outro(s) nível(is). O princípio do circuito recursivo (MORIN, 2009) contribui para o entendimento dessa influência ao conceber que produtos e efeitos são tanto produtores quanto causadores do que é produzido. Cada crença, opinião, conceito e ideia (conscientes e inconscientes) estão implicados nessa relação recursiva (MORIN, 2009) com sentimentos, atitudes, reações e expressões da pessoa na vida. Tal movimento leva à auto-organização dos sistemas, que nesse processo pode ser vista como o estado de satisfação ou felicidade referido acima por Pierrakos (1996f).

Outro atributo do autoconhecimento pelo Pathwork é o exercício de autorresponsabilidade. Desejar alcançar felicidade, bem-estar e realização na vida sem assumir as consequências, sem “pagar o preço” de suas escolhas, não é duradouro (PIERRAKOS, 1996f), tornando-se um atalho superficial ao conhecimento interno. De acordo com essa noção, observa-se em Morin (2010) uma crítica sobre a ascensão material desnivelada, em que poucos crescem em detrimento de muitos. Para o autor, o individualismo leva à falta de autorresponsabilidade, que por sua vez é gerada pela falta de autoconhecimento; o autor diz que “não haverá progresso humano se não houver o progresso da compreensão humana” (MORIN, 2010, p.294).

Na visão do Pathwork, os aspectos que compõem o ser humano são referidos como atos, pensamentos e sentimentos pertencentes aos processos físico, mental e emocional (PIERRAKOS, 1996a, 1996c, 1996e) e podem ser compreendidos pela complexidade como sistemas de sistemas (MORIN, 2005a, 2008). O aspecto

espiritual (força vital ou inteligência espiritual), da maneira como é trabalhado e compreendido pelo Pathwork, leva-nos a perceber uma essência interior maior do que cada um dos demais aspectos (PIERRAKOS, 1996a). Segundo os princípios da complexidade, o espírito, por exemplo, pode ser mais ou menos do que a soma de todos os aspectos. Mais, porque permeia cada um deles e de suas interações emerge uma consciência mais ampla; o espiritual é encontrado em todas as manifestações da natureza, no próprio organismo físico, mental e emocional muito complexo da criatura humana, onde está a prova da inteligência desse poder (PIERRAKOS E THESENGA, 1997). E menos, talvez porque seja necessária uma decisão consciente para acessá-lo, uma disponibilidade de acesso a essa fonte.

A força vital é a essência espiritual que existe em cada ser e, por permear cada um dos níveis, fluirá livremente se eles estiverem em harmonia (PIERRAKOS, 1996f). Essa harmonia, que podemos chamar de ordem, é consequência de um estado de desordem anterior, promovido pelas interações entre todos os aspectos (MORIN, 2008, 2009, 2010), inclusive pela tomada de consciência da própria dialógica. A inteireza de experiência acontece quando o conhecimento de si contempla a religação desses aspectos (PIERRAKOS, 1996a), assim como a complexidade, que, consciente de suas características dialógica e hologrâmica, compreende a necessidade de um princípio de religação (MORIN, 2010).

O princípio organizacional e o princípio do circuito recursivo (MORIN, 2009) sustentam a compreensão de que desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual não estão dissociados. Pensando o desenvolvimento pessoal como uma parte que compõe o sistema desenvolvimento espiritual, temos uma influência recíproca nesse processo. Da mesma forma, se olharmos o desenvolvimento espiritual como uma parte do sistema desenvolvimento pessoal, perceberemos a articulação que essas duas noções possuem, remetendo novamente à compreensão de espiritualidade naturalizada, que está em tudo o que é vivenciado (SOLOMON, 2003).

Complementando essa reflexão, conforme Pierrakos (1996f, p.3), “não pode mais haver uma marca divisória entre a psicologia moderna e as idéias espirituais, metafísicas ou filosóficas (...). Os conceitos ditos espirituais transformam-se numa experiência tão pessoal quanto qualquer descoberta psicológica”.

Essa trajetória rumo a conhecimento interno demonstra ser imprevisível; as descobertas poderão trazer surpresas, nem sempre agradáveis, mas que, mediante

a decisão de aceitar e responsabilizar-se pelo que quer que seja, pelo simples fato de que são aspectos pertencentes ao próprio organismo, promoverão ampliação da consciência de si mesmo. A esse movimento, o Pathwork atribui a figura de uma espiral em constante evolução, que muitas vezes pode parecer voltar ou passar muito perto de pontos já percorridos. Isso realmente pode acontecer, por sermos umaimensidão contida em nós mesmos, mas esse mesmo contato será sempre um novo contato, de outra camada da mesma espiral (THESENGA, 1997, PIERRAKOS, 1996a, PIERRAKOS, 1996g).

A esse movimento de constante desorganização e desconstrução de crenças para novos rearranjos, de construções de novas verdades internas que, por sua vez, em outros pontos da mesma espiral, poderão novamente desordenar-se para gerar um novo momento de organização, chamamos de desenvolvimento pessoal, que é físico, mental, emocional, espiritual e social. A noção de espiritualidade que sustenta os pressupostos do Pathwork contempla a integração dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual e compreende que a integralidade do sujeito é um sistema complexo holográfico e recursivo (MORIN, 2009) e se relaciona com o aspecto social que se constitui no *entre*, transbordando nessa complexidade dentro e fora dele.

Esse *entre* é percebido como as emergências das interações promovidas pelo processo de desordem que dará origem a uma nova organização, seja entre pessoas ou entre as dimensões humanas. Com isso, Morin (2010) enfatiza a noção de organização em lugar de sistema, com vistas à ênfase na ligação entre todo e partes.

Através do princípio sistêmico ou organizacional (MORIN, 2009), enxergamos não só a produção de novas propriedades pela interação de cada um desses aspectos no todo que constitui o organismo do sujeito, como também o organismo social que o constitui/produz e é constituído/produzido por ele.

A problematização do retorno ao olhar integral, que contempla o que é espiritual, demonstra significativa contribuição acadêmica e social (TEIXEIRA, MÜLLER e SILVA, 2004). Parece-nos ser essa visão integral a ponte viabilizadora da transposição e quebra de fronteiras disciplinares.

Morin (2010) não fala em espírito no sentido de espiritualidade quando expressa sua fé. Demonstra acreditar no amor, na compreensão, na comunhão, que para ele devem permear as relações. Ao mesmo tempo, de maneira antagônica,

demonstra simpatia por algumas expressões religiosas, como o Budismo, e até mesmo pelo mistério Xamã, que acessa informações e conhecimentos de maneira misteriosa. Morin (2010) não expressa crença de que tudo isso é permeado por uma espiritualidade e acredita que os deuses são criação da humanidade, apesar de isso nos levar a articular seu pensamento com noções de espiritualidade vivenciada, ou naturalizada, expressa na experiência humana das interações por meio de atitudes como amor e compreensão, termos insistentemente levantados por Morin (2010) como necessidade gritante da humanidade atual.

Isso demonstra a simplicidade e a complexidade convivendo juntas na reflexão sobre espiritualidade. É um tema rico em pesquisas que expressam sua contribuição no processo de desenvolvimento pessoal, resultando em curas físicas e emocionais, e não se deixa levar pela redução nem pela dissociação; talvez por isso sua compreensão passe por um processo muitas vezes confuso e antagônico. Talvez porque seu sentido mais belo seja quando vivenciado, e não descrito; quando experimentado, e não definido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer das reflexões propostas neste texto, transitamos por pensadores, teóricos e pesquisadores oriundos de distintas áreas do conhecimento, que colocamos em diálogo por meio de suas ideias, buscando transpor fronteiras. Com uma articulação de saberes, uma integração reflexiva entre as noções do pensamento complexo, desenvolvimento pessoal, espiritualidade e o Pathwork, não se deseja encontrar pontos finais ou uma única verdade, mas propor diálogos a favor da ciência e da sociedade das quais somos parte.

Alcançando os objetivos propostos, este exercício de reflexão permitiu-nos compreender que o reconhecimento da espiritualidade na vivência pessoal e social pode transformar a sensação de vazio interno em decisão de encontrar sentido na vida. Isso é possível pela capacidade criativa e transformadora atribuída ao ser humano, que se auto-organiza pela autonomia e dependência do ambiente, para manter certo equilíbrio – o que não significa estagnação, mas manutenção da sobrevivência, a partir de um processo dinâmico de desenvolvimento pessoal. A

abordagem do Pathwork possibilita que esse processo aconteça a partir da tomada de consciência da capacidade criativa, pela noção de autorresponsabilidade do sujeito pela sua trajetória.

“Autoconhecimento” e “autorresponsabilidade” são conceitos indicados pelo Pathwork como bases para o percurso de desenvolvimento pessoal proporcionado por essa abordagem. A ampliação da consciência e do conhecimento de si levará à aceitação da dialógica interna e de que somos co-criadores da realidade a que pertencemos, como parte de um todo que construímos e que nos constrói como sistema de sistemas.

O desenvolvimento pessoal é desencadeado por um processo dinâmico, em que a desordem promovida pelas interações internas e externas do sujeito como um sistema de sistemas traz ao conhecimento da consciência individual aspectos inconscientes que, mesmo desconhecidos, eram/são influenciadores do sujeito. Esse percurso, proporcionado pelos conceitos do Pathwork, caracteriza-se pela formulação de uma nova organização do sujeito em relação à sua atitude perante a vida, pelo crescente desenvolvimento emocional, físico, mental e espiritual. É um círculo virtuoso que se desenvolve em forma de espiral em constante movimento (PIERRAKOS, 1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996f) recursivo, retroativo (MORIN, 2009) e, quiçá, de transformação.

O Pathwork permite-nos compreender também que o desenvolvimento pessoal acontece de maneira sistêmica se há o reconhecimento de cada elemento constituinte desse todo dotado de físico, emoções/sentimentos, pensamentos, atitudes, sensações, que se expressam na relação, interagindo entre si e com outros sistemas. Cada parte do ser humano deve ser encarada e reconhecida em sua especificidade para contribuir no desenvolvimento pessoal. Reconhece-se, assim, a integralidade, sem excluir a distinção entre as partes para que o desenvolvimento integral aconteça (MORIN, 2009; PIERRAKOS, 1996f; THESENGA, 1997).

Em consonância com as pesquisas apresentadas anteriormente neste estudo, segundo as quais a busca por saúde e bem-estar é encontrada no resgate da visão integral, o Pathwork compreende um bem-estar integrado, que encontra sentido pelo reconhecimento da ligação das dimensões inerentes ao humano. Resulta em um conceito de saúde que une, que reconhece a parte no todo e o todo com suas partes igualmente importantes (MORIN, 2009). Como parte do universo/natureza, o ser

humano contém a inscrição desse todo representado que o representa e com o qual se relaciona.

Compreendemos a espiritualidade como um aspecto ou como o todo que contém e permeia os demais aspectos, a partir da visão integral. Assim, o espiritual organiza-se como veículo sustentador das interações entre os aspectos físico, mental, emocional e espiritual, possibilitando a emergência de novas propriedades.

Dessa forma, a reflexão sobre os construtos formadores do Pathwork levamos ao entendimento de que não existe separação entre desenvolvimento pessoal e espiritual. A espiritualidade, nesse caso, é o veículo catalisador do autoconhecimento, no sentido de permear a vivência pessoal no que tange ao aprendizado pela experiência, no reconhecimento da integração dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual. Quando falamos em autoconhecimento, o compreendemos como parte do processo de desenvolvimento pessoal.

Sabemos o quão complexo é o tecer de um assunto, como o processo desenvolvimento pessoal, que, quase num movimento espontâneo, nos leva à reflexão da complexidade implicada em nós mesmos, com os elementos que se relacionam dentro e fora de nós, fervilhando e influenciando leituras, escritas, construções, desconstruções e organizações do pensamento.

Como autora, transitei por novos caminhos, desconhecidos, que me fizeram reencontrar partes esquecidas de mim mesma. O processo de ordem/desordem/organização fez-se presente em cada passo da trajetória, que cria, a cada instante, novas possibilidades de relacionar, novos caminhos para religar.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

ASSAGIOGLI, R. In GROF, S., GROF, C. (orgs.) **Emergência espiritual: crise e Transformação espiritual**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BARROS, Regina D. B., JOSEPHSON, Silvia C. in JACÓ-VILELA, A.M.J. Ferreira, A.A.L, PORTUGAL, F. T (orgs.). **História da psicologia rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BRENNAN, Barbara Ann. **Mãos de Luz**. São Paulo: Pensamento, 1987.

BOIANAIN, Elias Jr. **Tornar-se Transpessoal**. Transcendência e Espiritualidade na Obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2003.

CASHWELL, Craig S., CLARKE, Philip B., GRAVES, Elizabeth G. Step by Step: Avoiding Spiritual Bypass in 12-Step Work. **Journal of Addictions & Offender Counseling** - Criminal Justice Periodicals, v. 30, n. 1, p. 37. Outubro/2009.

CAVALCANTI, Raíssa. **O retorno do sagrado** – a reconciliação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_, Raíssa. **O retorno do conceito do sagrado na ciência**. In: TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e Qualidade de vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

COSTA, Waldecíria, NOGUEIRA, Conceição, FREIRE, Teresa. The Lack of Teaching/Study of Religiosity/Spirituality in Psychology Degree Courses in Brazil: The Need for Reflection. **Journal of Religion and Health**, v. 49, n.3, p.322. 2010.

COSTA, et al. **Qualidade de Vida e Bem Estar Espiritual em Universitários de Psicologia**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 249-255, abril-junho/2008.

COVEY, Stephen R. **Liderança Baseada em Princípios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

CUNNINGHAM, Alastair J. Integrating Spirituality Into a Group Psychological Therapy Program for Cancer Patients. **Integrative Cancer Therapies**, v. 4. n.178. 2005. Disponível em <<http://ict.sagepub.com>> Acesso em: 19/05/2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. eBookLibris, 2003. Digitalização da edição em pdf originária de [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia). Disponível em <[http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord\\_sociedade\\_do\\_espetaculo.pdf](http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord_sociedade_do_espetaculo.pdf)> Acesso em: 28/11/2011.

DI BIASE, Francisco, ROCHA, Mário Sérgio F., **A conspiração Holística e Transpessoal do Terceiro Milênio**. Espiritualidade na vida Excelência nas pessoas Revolução nas empresas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

Dicionário Priberam. Significação: Dom / Psíquico. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=ps%C3%ADquico>> Acesso em: 19/08/2011.

FLECK et al. Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. **Revista de Saúde Pública** vol.37, n.4, p. 446-455. São Paulo. Agosto/ 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n4/16779.pdf>> Acesso em 19/08/2011.

FRANKL, Vitor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTSMA, Elisabeth J., CUMMINGS, Anne L. Midlife Transition and Women's Spirituality Groups: A Preliminary Investigation. **Counseling and Values**. V.49. Outubro/2004.

HAPPÉ, Robert. **Consciência é a Resposta**. São Paulo: Talento, 1997.

HARVEY, Idethia S., SILVERMAN, Myrna. The Role of Spirituality in the Self-management of Chronic Illness among Older African and Whites. **Journal Cross Culture Gerontology**. Springer Science + Business Media. 2007. V. 22, p. 205–220. 17/março/2007.

HODGE, David R. Spiritually Modified Cognitive Therapy: A Review of the Literature Social Work; v. 51, n. 2; **ProQuest Medical Library**, pg. 157.2006.

INSTITUTO Core Energetics, São Paulo. Apresenta a história de seu fundador John Pierrakos. Disponível em:  
[http://www.coreenergetics.com.br/core/index.php/news/core\\_energetics/20061113/14](http://www.coreenergetics.com.br/core/index.php/news/core_energetics/20061113/14). Acesso em: 15/07/2011.

KEHOE, Nancy. **Spirituality Groups in Serious Mental Illness**. Southern Medical Association special Section: Spirituality/Medicine Interface Project, 2007.

MAGALHÃES, Dulce. **Manual da disciplina para indisciplinados**. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meu caminho**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **O método 1**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **O método 3**. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **O método 5**. A humanidade da humanidade. A identidade humana. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

MÜLLER, Marisa C. In: TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

O'CONNELL, Kathryn A., SKEVINGTON, Suzanne M. The relevance of spirituality, religion and personal beliefs to health-related quality of life: Themes from focus groups in Britain. **British journal of Health Psychology**, 2005.

OLIVEIRA, Ivan S., VIEIRA, Cássio L. **A revolução dos q-bites: o admirável mundo da computação quântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PATHWORK REGIÃO SUL. Rio Grande do Sul e Santa Catarina. **Metodologia e Princípios Básicos do Pathwork**. Disponível em<<http://www.Pathworksul.com.br/inicio.htm>> Acesso em: 16/07/2011.

PAIVA, Geraldo J., Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 24, n. 1, p. 99-104, janeiro – março/2007.

PARSONS, William B. On Mapping the Psychology and Religion Movement: Psychology as Religion and Modern Spirituality. Springer Science + Business Media **Mental Health, Religion & Culture** June 2006, v. 9, n. 3, p. 209.

PERES, Júlio F.P. et al. Spirituality and Resilience in Trauma Victims. **Journal of Religion and Health**,v. 46, p. 343-350. 2009.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl.1; p. 136-145. 2007.

PIERRAKOS, Eva. **Contact with the life force**. Pathwork Guide Lecture No. 126. 1996a. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P126.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Duality Through Illusion – Transference**. Pathwork Guide Lecture No. 118. 1996b. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P118.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **The Defense**. Pathwork Guide Lecture No. 101. 1996c. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P101.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Self-Knowledge: The great plan, the spirit world.** Pathwork Guide Lecture No. 11. 1996d. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P011.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Spiritual and emotional health through restitution for real guilt.** Pathwork Guide Lecture No. 109. 1996e. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P109.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **What Is The Path?** Pathwork Guide Lecture No. 204. 1996f. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P204.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

\_\_\_\_\_. **The Idealized Self-Image.** Pathwork Guide Lecture No. 83. 1996g. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P083.PDF>> Acesso em: 29/08/2011.

\_\_\_\_\_. **Spiritual Nourishment – Willpower.** Pathwork Guide Lecture No. 016. 1996h. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P016.PDF>> Acesso em: 07/09/2011.

\_\_\_\_\_. **O Caminho da Auto-Transformação.** São Paulo: Cultrix, 1990.

PIERRAKOS, Eva, SALY, Judith. **Criando União.** O significado espiritual dos relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 2007.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Educação para inteireza: um(re)descobrir-se.** Revista Educação, v. XXX, n. especial, p. 285-296, Porto Alegre/RS, outubro/ 2007.

PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir.** São Paulo: UNESP, 2002.

ROTMIL, Charles. **Entrevista com Eva Pierrakos.** Disponível em: <http://www.Pathworksp.com.br/path/index.php/news/Pathwork/20061130/33>. Acesso em 21/05/2010.

SEMINOTTI, Nedio A.; MORAES, Maria Lúcia A., ROCHA, Flávia M. Pequenos grupos informais nas instituições: exercício da cidadania e da dimensão instituinte. **Psicologia - USF**, vol.14, n.3, p. 329-340. 2009.

SEMINOTTI, Nedio A., SCARPARO, HRENATE B. K., MORAES, Maria Lúcia A., ALVES, Miriam. Olhando e vivendo grupos – reflexões sobre uma prática. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 45 p. 73-80, abr./jun. 2006.

STONE, Joshua D. **Psicologia da Alma**. Chaves para ascensão. São Paulo: Pensamento, 1994.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**. Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e Qualidade de vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

THESENGA, Susan. **O Eu sem defesas**. O Método Pathwork para viver uma espiritualidade integral. São Paulo: Cultrix, 1997.

THESENGA, Donovan, PIERRAKOS, Eva. **Entrega ao Deus interior**. O Pathwork no nível da alma. São Paulo: Cultrix, 1997.

VASCONCELLOS, Maria J. Esteves de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas, Papyrus: 2003.

VEIT, Carlos A. **Espiritualidade e Personalidade na História da Psicologia: das origens à Pós-Modernidade**. In: VAZ Cícero E., VEIT, Carlos A. (orgs.) Personalidade, Cultura e Técnicas Projetivas. Psicologia da Personalidade. Porto Alegre, Edipucrs, 2002.

WOLMAN, Richard N. **Inteligência Espiritual**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WATTS, Fraser, DUTTON, Kevin, GULLIFORD, Liz. Positive psychology, religion, and spirituality. **Mental Health, Religion & Culture**. V. 9, n.3, p. 277–289. June/2006

ZOHAR, Danah. **Inteligência Espiritual** – QS o que faz a diferença. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## CAPÍTULO II – O PATHWORK NA EXPERIÊNCIA PESSOAL

### RESUMO

O estilo de vida decorrente do cenário econômico mundial, onde a ascensão material é colocada em primeiro plano, traz consequências desastrosas no que tange à saúde dos aspectos constituintes do ser humano: físico, mental, emocional, espiritual e social. O Pathwork é uma abordagem para o autoconhecimento desenvolvida pela integração desses aspectos. A espiritualidade, neste estudo, é compreendida como vivenciada, de maneira que está presente no cotidiano das relações intra e interpessoais, permeando o processo de desenvolvimento pessoal. Baseado no pensamento sistêmico complexo, este estudo compreende o ser humano como um sistema de sistemas. Com base nesses conceitos, o objetivo é compreender a relação entre grupos de Pathwork, espiritualidade e desenvolvimento pessoal, para seus participantes. É uma pesquisa qualitativa, baseada no método de Morin, que teve como sujeitos seis participantes de grupos de Pathwork e como participante referência a então coordenadora do Pathwork nos estados do RS e SC. As estratégias para coleta/produção de informações foram entrevistas abertas e discussões com o grupo de pesquisa. A análise, discussão e compreensão das informações ocorreram desde a transcrição das entrevistas até suas diversas leituras, que contaram com o apoio da construção de um quadro, de onde emergiram os organizadores da pesquisa. A discussão dos resultados concentrou-se em quatro organizadores, sendo um deles, denominado Espiritualidade Integral, *container* dos demais organizadores: mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento; emergentes do/no grupo; noções organizadoras do Pathwork. As principais contribuições da pesquisa foram: a concepção de Espiritualidade Integral como um veículo para o autoconhecimento e conseqüente transformação pessoal, no sentido de ser, mais do que integrada, integradora de todos os demais níveis ou aspectos da complexidade sujeito-sociedade-natureza-universo; e a identificação de quatro organizadores do sistema Pathwork – espiritualidade integral, autorresponsabilidade, contato com a negatividade e aceitação –, que se relacionam entre si e dependem uns dos outros para que a transformação pessoal aconteça, sendo que o conhecimento das partes dependerá do conhecimento do todo, assim como o conhecimento do todo dependerá do conhecimento das partes.

**Palavras-chave:** Pensamento Sistêmico Complexo. Método de Morin. Espiritualidade Integral. Organizadores do Pathwork. Ser humano como sistema de sistemas.

## **ABSTRACT**

Life style generated by the world economic scenario, in which material ascension is in the foreground, has brought disastrous consequences regarding health of the aspects that constitute the human being, i.e. physical, mental, emotional, spiritual and social aspects. Pathwork is an approach aiming at self-knowledge developed through the integration of those aspects. Spirituality, in this study, has been understood as something experienced, so that it is present in daily life in intra and interpersonal relationships, permeating the process of personal development. Grounded on complex systemic thinking, this study understands human being as a system of systems. Based on these concepts, the aim is to understand the relationship between Pathwork groups and spirituality as seen by their participants. It is a qualitative research, based on Morin's method. The participants were six members of Pathwork groups; the coordinator of Pathwork in the states of Rio Grande do Sul and Santa Catarina at the time the research was carried out was taken as a reference-participant. The strategies used for collection/production of information were open interviews and discussions with the research group. The analysis, discussion and understanding of information took place since the transcription of the interviews until their several readings, which were supported by the construction of a chart, from which the research organizers have emerged. The discussion of results has concentrated on four organizers; one of them, called Integral Spirituality, contains the others: changes triggered by the process of self-knowledge; emergences from and in the group; notions that organize Pathwork. The main contributions of this research have been the following: the conception of Integral Spirituality as a vehicle for self-knowledge and consequent personal transformation in the sense that, more than being integrated, it integrates all the other levels or aspects of the subject-society-nature-universe complex; and the identification of three organizers of the Pathwork system – self-responsibility, contact with negativity, and acceptance – which relate to and depend on one another for the personal transformation to occur, so that the knowledge of the parts will depend on the knowledge of the whole, as well as the knowledge of the whole will depend on the knowledge of the parts.

**Keywords:** Complex systemic thinking. Morin's method. Integral Spirituality. Pathwork organizers. Human being as a system of systems.

## 1 INTRODUÇÃO

A humanidade vem se tornando cada vez mais consciente de que passa por uma crise espiritual e ecológica, segundo um ponto de vista dualístico e fragmentado (CAVALCANTI, 2004), no qual pautou seu desenvolvimento durante séculos. Como seres humanos, possuímos capacidade criativa para construir e não destruir e, na medida em que destruimos a natureza, estamos destruindo a “teia da vida” e a essência espiritual que nos constitui (CAPRA, 2003, p.26; HAPPÉ, 1997). É indiscutível que os grandes progressos da humanidade se devem aos avanços científicos, porém esse crescimento foi pautado na valorização de aspectos objetivos e racionais, em detrimento de aspectos intuitivos, emocionais e espirituais. A reflexão presente neste estudo baseia-se na necessidade de re(integração) e (re)ligação, dentro da própria ciência, daquilo que ela mesma separou: a ênfase no desenvolvimento intelectual esqueceu a natureza emocional e espiritual humana (CAPRA, 2003; MORIN, 2008, 2010).

Para Happé (1997), é preciso haver a tomada de consciência sobre uma responsabilidade pessoal e social perante o que Capra (2003) chama de “teia”, a qual denota um sentido de conexão entre todos os seres vivos, ligando-nos a tudo e a todos. Através do aumento da consciência dessa ligação e do autoconhecimento, a partir da (re)conexão com a essência espiritual, poderemos exercer nossa capacidade de escolha, levando-nos a um caminho de equilíbrio e união dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual, separados pela dualidade do paradigma cartesiano da física clássica (PIERRAKOS, 1996b).

O anseio por um estado mais satisfatório de consciência é inerente ao ser humano. Quando percebemos que a felicidade, que é esse estado de bem-estar e/ou satisfação interna (PIERRAKOS, 1996b; THESENGA, 1997), não é conquistada somente por meio de bens materiais, realizações profissionais ou mesmo relacionamentos, a atenção volta-se para dentro, emergindo questionamentos sobre quem somos nós, afinal, qual nosso propósito de vida, o que é a verdadeira felicidade e como fazer para alcançá-la (THESENGA, 1997). Essas questões podem impulsionar a busca por caminhos de autoconhecimento que levarão ao (re)conhecimento de questões psicológicas e espirituais.

O Pathwork é uma abordagem que propõe o desenvolvimento desse caminho de volta às questões da essência espiritual do ser humano, visando ao conhecimento e à integração da realidade interior e promovendo crescimento pessoal (THESENGA, 1997). Ele enfatiza a necessidade de autoaceitação da dualidade interna: o lado mau e o lado bom, o ego limitado e o eu superior, ou essência espiritual. Conceitualmente, está baseado no material que Eva Pierrakos canalizou<sup>7</sup> desde 1955 até morrer, em 1979 (PIERRAKOS e SALY, 2007; PIERRAKOS e THESENGA, 1997).

Para possibilitar uma maior compreensão do tema deste estudo, contextualizamos a abordagem do Pathwork a partir de suas principais premissas e aplicação.

Realizado nos Estados Unidos (onde fica situada a Pathwork Foundation), na Europa e América do Sul, o Pathwork oferece aconselhamento e programas de ensino. Pequenos grupos de pessoas ao redor do mundo reúnem-se para estudar e aplicar seus princípios, com o suporte e coordenação de profissionais habilitados – facilitadores ou *helpers* – que passaram por um extenso programa de formação e desenvolvimento (PIERRAKOS e SALY, 2007; PIERRAKOS e THESENGA, 1997; THESENGA, 1997).

As palestras – conteúdo teórico deste trabalho – tratam de aspectos da alma que serão acessados não somente por meio da leitura, mas através de um trabalho interior realizado com a ajuda dos profissionais do Pathwork. Os *helpers* conduzem a abordagem através de um trabalho individual, e os facilitadores, através de grupos. A repercussão interior ultrapassa a simples compreensão intelectual e teórica do assunto, pois, para que ocorra o desenvolvimento pessoal, deve haver predisposição a um profundo mergulho interno, desencadeado pela teoria e vivenciado por meio de exercícios práticos que permitirão que esse caminho alcance os níveis físico, mental, emocional e espiritual de cada participante. “O autoexame possibilita o acesso a novas camadas da psique (...), que, libertadas, estarão aptas a absorver os (...) ensinamentos” (PIERRAKOS e SALY, 2007, p.6).

---

<sup>7</sup> Canalização, para Stone (1994), é um fenômeno pelo qual são recebidas informações não provenientes do pensamento consciente. No caso de Eva Pierrakos, esse fenômeno se deu por meio da voz: palavras que não provinham da sua consciência, mas de uma entidade espiritual (ROTMIL, 2010).

Thesenga (1997) organizou uma síntese dos principais pressupostos do Pathwork:

Estágio de desenvolvimento e tarefa:	OS TRÊS EUS		
	O eu-máscara	O eu inferior	O Eu superior
<b>Eu criança</b> Reeducar a criança interior para transformar-se em um adulto autônomo	Comportamento falsamente infantil como reação às expectativas dos outros, com o objetivo de evitar a vulnerabilidade decorrente da autenticidade.  Criança submissa ou rebelde, como reação à autoridade dos pais projetada em outras pessoas.	Criança egoísta e voluntariosa, que quer tudo à sua moda.  Criança negativa e magoada, que se defende do sentimento de dor e da decepção.	Criança espontânea, amorosa, criativa, em contato com o espírito. Criança aberta e sem defesas, capaz de sentir dor e ser vulnerável.  Aberta à realidade espiritual, sem pré-concepções.
<b>Ego adulto</b> Fortalecer a mente positiva do ego; alinhar-se com o Eu espiritual	Auto-imagem idealizada, que mostramos ao mundo e queremos acreditar que corresponde ao que somos. Exigências de perfeccionismo para si mesmo e para os outros.  Defesas de caráter da máscara: distorção de uma <u>qualidade divina</u> :  <i>Submissão (amor)</i> <i>Agressão (poder)</i> <i>Retraimento (serenidade)</i>	Defeitos de personalidade.  Ego egoísta, que quer dominar tudo o que está sob a sua supervisão.  Alternativamente, ego fraco e dependente que não assume responsabilidade nem reivindica o que merece.  Orgulho, obstinação e medo (aspectos do eu inferior em todos os níveis).	Boas qualidades da personalidade. Vontade positiva do ego, a serviço do Eu espiritual. Escolhas positivas. Observa e aceita todos os aspectos do eu. Busca disciplina espiritual e segue as orientações recebidas.  <u>Força pessoal</u> : amor, poder, serenidade.
<b>Relacionamentos humanos</b> Integrar-se com os outros	Padrões de dependência e/ou separação. Atribuição de culpas e projeção dos próprios problemas sobre os outros.	Relacionamentos manipuladores e desonestos baseados na sensação de ser especial e importante (eu <b>ou</b> / <b>contra</b> o outro).	Relacionamentos onde existem, ao mesmo tempo, autonomia e amor recíproco (eu <b>e</b> o outro).
<b>Alma/ nível transpessoal</b> Curar a alma pessoal e coletiva; entregar-se a Deus	A máscara deixou de existir.	<u>Alma pessoal</u> : Direção negativa da alma, visando a perpetuar a dualidade.  <u>Alma coletiva</u> : Arquétipos negativos. Ligação com o poder negativo e com a separação (mal).	<u>Alma pessoal</u> : Direção positiva da alma, visando a unificar dons pessoais da alma e vontade de servir.  <u>Alma coletiva</u> : Arquétipos positivos. Entrega aos guias interiores e a Deus.
<b>Nível unitivo</b> ESTAR EM DEUS	A máscara deixou de existir.	Não há mais impulsos de separação; o eu inferior desaparece.	Presença criativa: amor e verdade. ESTAR AQUI AGORA.

Quadro 2: Mapa da psique humana

Fonte: Thesenga (1997)

Além dos conceitos organizados no quadro anterior, outras noções são fundamentais: *autorresponsabilidade*, *autoconfrontação* e *aceitação da própria condição* (PIERRAKOS, 1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g).

A autorresponsabilidade é um requisito básico para um processo de desenvolvimento pessoal genuíno e sincero, em que o ser humano se responsabiliza pela sua trajetória e pelas decisões realizadas ao longo do caminho. A autoconfrontação é baseada no contato com todas as partes do ser, buscando perceber e conhecer o que lhe é desconhecido. É assim que a aceitação interna

pode começar a acontecer (PIERRAKOS, 1996g).

Como já referido, os conceitos são trabalhados em todos os níveis, de maneira que não é suficiente que a *autorresponsabilidade*, *autoconfrontação* e *autoaceitação*, por exemplo, sejam realizadas somente no nível mental, já que o intelectual, por ser bastante desenvolvido pela humanidade, é eficiente em criar racionalizações, as quais, muitas vezes, são defesas contra a verdadeira aceitação (PIERRAKOS, 1996c). Com isso, um trabalho que alcance o nível físico, pelas sensações e consciência corporal; o emocional, por meio da identificação e vivência dos sentimentos; e o espiritual, por meio da conexão com a essência interior divina, traz a possibilidade de experiência e vivência desses conceitos. Dessa forma, o participante do Pathwork leva para o contexto do trabalho as próprias experiências cotidianas e é ajudado a analisá-las e experimentá-las novamente, sob a ótica das concepções apreendidas (THESENGA, 1997).

A aceitação da própria dualidade é um dos passos dessa trajetória, através da compreensão do “eu inferior”, ou lado escuro da natureza interior. As ideias do Pathwork demonstram o pressuposto de que o ser humano, além de ser parte do todo universal constituído pela força vital, também se constitui de defeitos e imperfeições (PIERRAKOS, 1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g).

Thesenga (1997) explica que cada pessoa é, na realidade, muitos seres, existindo simultaneamente em muitos níveis de consciência. Ao mesmo tempo em que isso causa confusão, também contribui para o encontro de sentido nas muitas aparentes contradições coexistentes dentro de nós. Esses vários *eus* interiores frequentemente se contradizem, numa complexidade interna de crenças, atitudes e sentimentos (MORIN, 2010).

Essas partes, ou “eus”, em sua maioria, são desconhecidas pelo ser humano, e a possibilidade de familiarização com cada uma delas inicia por um processo de aceitação daquelas aparentemente indesejáveis, incluindo, por exemplo, a “criança assustada e sensível” e o “adulto hostil e vingativo” (THESENGA, 1997). Já que essas partes jamais serão eliminadas, cada sujeito tem a liberdade de escolher entre continuar a reprimi-las ou trazê-las à luz da consciência, o que resultará em maior conhecimento das próprias atitudes, crenças, desejos e contradições internas (PIERRAKOS, 1996g).

Por um pensamento que diferencia e une, baseado no aporte teórico do qual emerge a visão integral de ser humano sustentado no pensamento sistêmico complexo (CAPRA, 2003; VASCONCELLOS, 2003; MORIN, 2008, 2009), lançamos um olhar implicado na problematização do resgate de valores humanos sustentados na (re)conexão com a essência espiritual. Espiritualidade é concebida, neste estudo, como a sensação de que somos parte de um sistema complexo (universo), pelo qual somos também responsáveis (HAPPÉ, 1997). Utilizamos a ideia de espiritualidade vivenciada, que permeia atitudes e relações intra e interpessoais e concebe que viver bem diz respeito à disposição de experimentar a essência de nós mesmos, juntamente com a sensação de ligação com a sociedade e a natureza das quais fazemos parte (SOLOMON, 2003).

O objetivo deste estudo é compreender a relação entre grupos de Pathwork, espiritualidade e desenvolvimento pessoal, para seus participantes. Para responder a tal objetivo, elencamos alguns específicos: identificar os motivos pelos quais os participantes buscaram os grupos de Pathwork; conhecer a noção de espiritualidade dos participantes dos grupos de Pathwork; analisar os efeitos dos grupos de Pathwork no desenvolvimento pessoal dos participantes.

## **2 MÉTODO**

### **2.1 DELINEAMENTO**

O Pensamento Sistêmico, proposto como um novo paradigma da ciência, engloba os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2003). O pesquisador é sistêmico quando se vê implicado no mundo em que vive, amplia o foco de sua observação, permitindo um pensamento integrador, inclui a si próprio na observação e concebe o dinamismo dos fenômenos que ocorrem em determinados contextos (MORIN, 2009; VASCONCELLOS, 2003).

Além de focar as relações, o pensamento sistêmico ultrapassa a forma de pensar dualista e adota uma atitude articuladora. Simplicidade, estabilidade e objetividade dão lugar a complexidade, instabilidade e intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2003).

A complexidade reconhece a especificidade de cada parte do que se quer

analisar, assumindo a diferenciação entre essas partes (MORIN, 2005); por meio da articulação, tenta possibilitar o encontro ou o reencontro, a religação (MORIN, 2010) do que foi em determinado momento fragmentado, dissociado e separado. Traz a possibilidade de um diálogo a partir do *entre*, a partir de um método que, ao invés de ocultar, conceba as emergências, que vá além da simplificação, mas que fomente as ligações, as articulações, as interdependências, a complexidade. Esse novo paradigma concebe um todo organizado, de partes distintas, diversas, que se relacionam por meio de interações, retroações, inter-retroações, que se organizam e formam sistemas complexos (MORIN, 2008, 2009, 2010).

Teoria e método comunicam-se constantemente, sendo a teoria não uma solução, mas uma possibilidade de tratar um problema. A definição de método, para Morin (2008), constitui-se como uma trajetória que o pesquisador percorre e vai construindo ao longo do percurso. É onde o observador deve ser integrado à observação, já que é parte de uma cultura, de um contexto, de uma sociedade, não podendo ficar isento diante do objeto de análise.

A realização desse estudo foi permeada pela incerteza, já que a complexidade é um convite à reforma do pensamento (MORIN, 2009). Não encontramos uma única verdade, nem ideias fechadas, e sim o desafio de se permitir transitar por um processo de ordem, desordem e organização, sustentado por uma estratégia, mas com propostas de significação e compreensão tecidas pela trajetória (MORIN, 2008). Nesse processo, espaços vazios são deixados por dúvidas; outros são preenchidos por novas possibilidades, sem buscar uma unidade de conhecimento ou encontrar uma só verdade (MORIN, 2010).

Corroborando o pensamento complexo, Minayo problematiza a cientificidade, que deve ser compreendida como uma proposta de compreensão e atribuição de significado, e não como um método regulador de padrões e regras a serem seguidas. É preciso desintegrar as falsas certezas e aceitar a confusão, a dúvida e a incerteza, de onde surge espaço para novas reflexões do pensamento e onde novas respostas terão espaço para emergir (MINAYO, 2003; MORIN, 2008).

Morin (2008, 2009, 2010) propõe o método não como um ponto de partida, mas como uma construção que o pesquisador realiza durante a trajetória da pesquisa. A proposta não parte com o método, parte com a noção de incerteza do que encontrará no caminho. Parte com a não-aceitação da linearidade e do render-

se à racionalização e redução, pois, para Morin, isso oculta justamente aquilo que está obscuro e que poderá ser encontrado no caminho quando se parte da incerteza, da dúvida. Fica-se, assim, aberto para o que for que surja no percurso, sem se render a regras ou a expectativas, rejeitando-se uma teoria unitária, o que sintetiza e totaliza. A pesquisa qualitativa busca compreender e lidar com as interpretações das realidades sociais (BAUER & GASKELL, 2002). Aqui, entendemos os grupos de Pathwork como ambientes sociais, como próprio dinamismo da vida individual e coletiva e suas interações, com a riqueza de significados dela transbordante (MINAYO, 2003).

## 2.2 ESTRATÉGIAS PARA COLETA/PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Os participantes da pesquisa foram seis integrantes de grupos de Pathwork e a presidente da Associação do Pathwork RS/SC na época de realização da pesquisa. Esta última foi escolhida como participante referência para coleta e validação do estudo, por ter sido precursora na abordagem do Pathwork na região Sul (desde 1990) e uma das primeiras profissionais a desenvolver esse trabalho no Brasil. Yin (2005) indica como uma estratégia para validação dos dados a solicitação de revisão de um rascunho do relatório de análise e compreensão das informações ao informante-chave, nomeado aqui *participante referência*.

Os critérios para escolha dos entrevistados foram: ser participante de um grupo de Pathwork e ter ingressado nesse grupo há no mínimo dois anos (sem interrupção). A escolha dos participantes deu-se por conveniência. Dois deles foram entrevistados na cidade de Goiânia e são naturais dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. As demais participantes foram entrevistadas em Porto Alegre/RS e são naturais dessa mesma cidade.

O quadro a seguir apresenta o perfil dos participantes da pesquisa:

Área de trabalho ou formação	Idade	Tempo no Pathwork (em anos)
Biologia	54	3
Jurídica	48	4
Comercial	34	4
Psicologia Clínica	28	8
Psicologia Clínica	40	10
Gestão Empresarial	40	10
Pathwork	51	20

Quadro 3: Perfil dos Participantes

Para coleta dos dados e construção do *corpus* de análise, foram realizadas entrevistas abertas, focadas no tema da pesquisa: “desenvolvimento pessoal, desenvolvimento espiritual e grupos de Pathwork”. Foi feita uma entrevista com cada participante. As entrevistas foram gravadas e transcritas após a anuência dos participantes, com garantia de sigilo e anonimato. No mês de maio de 2011, foi realizado um total de sete entrevistas, em locais indicados pelos entrevistados.

As entrevistas abertas partiram de quatro grandes temáticas:

- a) Significado do Pathwork para os participantes;
- b) O Grupo de Pathwork na visão dos participantes;
- c) Noção de espiritualidade / relação entre Pathwork e espiritualidade para os participantes;
- d) Transformações pessoais percebidas – atribuídas ou não ao Pathwork.

O Diário de Campo constituiu-se também numa importante estratégia para produção e compreensão das informações. Lá, como pesquisadora, expressei os passos do percurso, os sentimentos despertados, as dificuldades, o vai e vem do pensamento, as interações, as descobertas produzidas no e pelo caminho, seja pela dúvida, pela incerteza ou até mesmo pelas renúncias necessárias.

### 2.3 ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A análise e compreensão dos dados iniciaram ainda durante a produção das entrevistas e do diário de campo, quando, como pesquisadora, transitei dentro e fora do objeto pesquisado. Implicada pelas próprias percepções e vivências, muitas

vezes me enxerguei na fala dos entrevistados, ao mesmo tempo em que emitia um olhar investigativo e curioso para o que era produzido no percurso da entrevista.

Durante a transcrição das entrevistas, por mim realizada, muitos aspectos foram identificados mesmo antes da primeira leitura do material. Algumas perspectivas de significação apareceram no que seria o primeiro contato com o material escrito, mas que já se configurava como um novo olhar para o que havia sido (co)produzido.

A segunda leitura das entrevistas originou outros rearranjos, que, identificados nesse momento como *eixos temáticos*, se encontravam em número de onze: *Atribuição de significado ao Pathwork; Transformações pessoais percebidas pelos participantes; Pontos de destaque ou diferenciação no Pathwork em relação a outras abordagens; Papel do grupo nas transformações pessoais; Ampliação de consciência pessoal; Diálogo Pathwork e Psicologia; Visão de Deus e noção de espiritualidade; Pressupostos do Pathwork; Percepções sobre a canalização – que deu origem ao Pathwork; Limitadores do Pathwork; Resultados na saúde física.*

Mais leituras foram realizadas, no intuito de buscar significado no que havia sido construído nas entrevistas, o que promoveu um rearranjo nos eixos temáticos. Conteúdos migraram de um eixo para outro durante essa etapa, e a criação de um quadro possibilitou nova organização, facilitando a visualização do material. Emergiram daí seis organizadores temáticos, que promoveram articulação entre os eixos temáticos anteriormente encontrados: *Dimensão Física; Dimensão Emocional; Dimensão Mental; Dimensão Espiritual; Dimensão Social*. O próprio Pathwork refere-se à constante relação e integração de quatro dimensões inerentes ao ser humano: física, mental, emocional e espiritual. Porém, nenhuma delas se refere ao que é produzido nas e pelas relações oriundas dos grupos de Pathwork – era a emergência de uma dimensão social. O aspecto social compõe o *entre* os seres humanos, aquilo que a psicologia social busca problematizar, juntamente com outras configurações.

Percebi que o olhar de pesquisadora se misturava com o olhar da pessoa que realizou o percurso de autoconhecimento no Pathwork, insistindo muitas vezes em aproximar a sua percepção das percepções dos sujeitos. Por outro lado, essas percepções (dos sujeitos) trouxeram clareza e ressignificação às minhas próprias compreensões sobre o Pathwork, além do próprio curso de mestrado ter sido um

momento em que os aprendizados obtidos, além de terem sido vivenciados, foram revisitados, promovendo ressignificação em muitos aspectos de minha trajetória.

Fui então desafiada a revisitar as entrevistas, lançando um olhar destituído das possibilidades de articulação realizadas nas leituras anteriores. Essa etapa, angustiante e libertadora, foi permeada por certa intranquilidade, já que as construções anteriores insistiam em permanecer, apontando para sinais já conhecidos. Nesse caso, deixei que se abrissem espaços para novos meios de significação, sem que as possibilidades prévias fossem excluídas, promovendo articulação com as novas emergências. Foi assim que percebi uma nova configuração e já me sentia à vontade para trabalhar com o conceito de *organizadores* (ALVES, 2010; ALVES e SEMINOTTI, 2006; MORIN, 2009), no lugar de *eixos*.

Nesse momento, o aspecto ou dimensão espiritual adquiriu uma compreensão mais ampla, no sentido de permear todas as outras. Entendemos esse aspecto como um organizador mais abrangente, chamando-o ***Espiritualidade Integral*** (THESENGA, 1997; WILBER, 2007). Os demais organizadores surgiram como organizadores desse organizador. São eles: ***Mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento; Emergentes do e no grupo; Noções organizadoras do Pathwork.***

Após a realização das etapas descritas acima, foi enviado à participante-referência, um rascunho da análise, compreensão e das informações, no intuito de obter sua impressão a respeito do conteúdo produzido.

### **3 ANÁLISE, COMPREENSÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A trajetória dos entrevistados desde seu ingresso no Pathwork é singular e plural, una e múltipla. Una, pois cada um tem sua história de vida, vivências, e contexto sociocultural. Múltipla porque a experiência é permeada pela espiritualidade, e cada aspecto ou dimensão do ser humano interage com os demais, diferenciando-se, influenciando e sendo influenciado, produzindo e sendo produzido (MORIN, 2009), ocorrendo simultaneamente dentro e fora do sujeito.

### 3.1 ORGANIZADOR: ESPIRITUALIDADE INTEGRAL

A sensação e o estado de espírito trazidos pela leitura das palestras do Pathwork são específicos para cada participante e, ao mesmo tempo, permeados pela sua noção de espiritualidade. Para alguns, a leitura do material, por este ter sido canalizado, possibilita uma conexão com esse canal, muitas vezes referido como a conexão com a fonte, ou o Deus interior:

“(...) é como se tivesse uma energia que me envolvesse e me levasse de novo para dentro do meu cerne (...) ao tu contatares com a canalização, tu também entras nesse mesmo canal, que para mim é a fonte, não tem nada externo, é a fonte de nós mesmos (...) é uma coisa que parece que toca num nível mais profundo (...) ele é muito vivencial. Seja no nível emocional, no físico, faz com que a gente entre mais (...) tu trazes o teu dia a dia para o trabalho, e a recíproca é verdadeira (...) ali tu vais viver aquela cena do teu dia que te incomodou, tu vais levar para aquela vivência no teu grupo (...) reviver dentro de ti mesmo a situação, então, parece que aquilo te leva para uma apropriação maior do que aconteceu” (Renate - Participante Referência).

O entendimento de espiritualidade é expresso pela noção de Deus como um poder ou uma energia maior que está à disposição de todos; como uma consciência superior; como a própria vida e a confiança na própria capacidade criativa, de estar em verdade consigo mesmo e com a vida.

“(...) o Guia fala sempre nas leis espirituais, tem até uma palestra em que ele fala: ‘você não respeita a lei da gravidade, então por que não respeita a lei de pagar o preço?’ (...) uma das coisas que eu estou aprendendo é que a visão que eu tinha de Deus era sempre um ser fora, (...) a projeção, a imagem que eu tenho de Deus é a imagem que eu tenho dos meus pais, e eu sempre achei que Deus não é para mim, exatamente como meu pai não é para mim. (...). E hoje eu já tenho a concepção e hoje eu vivencio isso, Deus está aqui dentro” (Artur).

Observamos que o sentido espiritual está presente no processo de desenvolvimento pessoal, embasando e permeando o trabalho de autoconhecimento. Encontramos o que Solomon (2003) aponta em relação à “espiritualidade naturalizada”, ou vivenciada, como um encontro de sentido nas próprias experiências.

Uma visão integradora em relação a diversas abordagens é colocada pelos participantes. Eles não hesitam em agregar outras perspectivas no caminho de autoconhecimento, desde que sintam a contribuição para o seu processo de desenvolvimento pessoal. Assim, a música, a yoga, a terapia de vidas passadas, a

religião espírita e a psicoterapia são citadas como fontes de bem-estar e convivem de maneira articulada com o Pathwork na experiência dos participantes.

"(...) ele [o Pathwork] consegue aceitar, que se existe outra dinâmica, outra questão que possa agregar no teu caminho ela é bem vinda. (...) a gente está falando de uma possibilidade infinita, (...) de ser humano, de todo um contexto, e se a gente for pensar isso seria obvio que deveria ser assim. E eu vejo nos profissionais da área da saúde muito fechados. Acho que é mais uma coisa que o Pathwork traz de novo e de lindo" (Clarisse).

Assistimos aí ao exercício da integração de disciplinas, teorias, filosofias e/ou pensamentos (MORIN, 2008, 2010) na vivência de quem busca beber de diversas fontes, desde que estas tragam sentido e correspondam aos anseios do sujeito. Quem migra para uma transdisciplinaridade é o próprio sujeito, articulando cada uma das fontes no exercício de seu próprio desenvolvimento e no daqueles com quem ele se inter-relaciona, produzindo relações recursivas (MORIN, 2009).

Wilber (2002), a partir de um modelo de psicologia integral que propõe a integração de todas as áreas do conhecimento (ciência, filosofia, arte, ética e espiritualidade), também concebe a noção de espiritualidade integral, onde o processo de cura se dá a partir da relação entre corpo, mente, alma e espírito, aspectos que constituem o que chama de espiral de cura (p.111), também integral.

Percebe-se também nas falas dos entrevistados, a abertura ao novo, ao desconhecido, pela vontade de estar bem, de sentir-se feliz, com disposição para responsabilizar-se pelo que quer que emerja durante o percurso de autoconhecimento. A consciência da responsabilidade perante a própria vida e pelas relações que o sujeito estabelece é expressa em uníssono, assim como a clareza sobre os conceitos apreendidos no Pathwork. Os participantes demonstram esse entendimento em todos os níveis do ser, uma compreensão que vai além do intelectual, mas aparece como um aprendizado vivenciado, suportado por uma crença em algo espiritual e, por isso, integral.

"(...) nós somos misturados, tudo faz parte da nossa essência espiritual. Eu entendo que há leis espirituais regendo o universo, e uma vez que a gente aceita essas leis e vive de acordo e dê o melhor como espírito eterno para o universo, é a verdadeira razão de ser da nossa criação. A vida espiritual seria todas essas dimensões superiores diferentes da matéria" (Artur).

Essa crença em algo maior, que une, que sustenta, que (re)liga, possibilita o exercício de conceitos como autoaceitação, autoconfrontação e autorresponsabilidade. A dimensão espiritual aparece de maneira explícita – através do conceito de Deus e/ou noção de espiritualidade – ou implícita nos relatos, levando à percepção de que permeia o próprio trabalho do Pathwork, assim como todos os aspectos da vida dos entrevistados: “(...) *o chamado da minha alma que aquele era o caminho (...) buscando entender melhor os anseios da alma*” (Clarisse).

A espiritualidade parece transpassar as relações, de forma a contribuir com o autoconhecimento. Alguns participantes estão ligados a alguma religião, mas sua crença no espiritual transcende as religiões, como observado nas falas a seguir: “Eu consigo encontrar a espiritualidade no Pathwok, na religião católica, no espiritismo. Eu consigo encontrar espiritualidade em todos os lugares e em todas as religiões.” (Clarisse), “espiritualidade, para mim, é a vida, estar em inteireza comigo” (Graça).

Ao estabelecermos relações com outras pesquisas (COSTA et al, 2008; PERES et al, 2007, 2009), percebemos que a vivência da espiritualidade não se restringe ao bem-estar religioso, estando implicada numa busca de compreensão e significado na vida, o que remete à sensação de encontro de sentido.

Percebe-se que o Pathwork, ao mesmo tempo em que foca as relações interpessoais, propicia o contato com as experiências do cotidiano e o sentimento por elas provocado. O Pathwork está sustentado pela noção de integração e pertencimento a algo maior, que é o universo e o espiritual. “*O espiritual transcende a questões ligadas ao ego (...), é o que está além de nós, que nos liga a algo maior*” (Graça).

Falar em leis espirituais (PIERRAKOS, 1996h) parece ajudar no embasamento espiritual dos entrevistados. Com isso, podemos nos referir ao que Wolman (2002) entende por Inteligência Espiritual, concebendo inter-relação entre o nível intelectual, mais referido neste estudo como aspecto mental, e o nível espiritual. Desse modo, observamos a contribuição dessa inteligência espiritual no entendimento de situações difíceis para os entrevistados, como, por exemplo, rompimentos bruscos no curso da vida, a morte repentina de alguém querido, uma separação ou doença:

“(...) o entendimento traz o conforto, mas não traz a ausência da dor (...) hoje eu entendo a parte espiritual da ida dela... Não entenderia se o Pathwork não estivesse na minha vida. Sempre

eu iria colocar a minha revolta em alguns momentos da minha vida se não fosse o Pathwork..." (Beatriz).

A noção de "autorresponsabilidade" pode ser observada no trecho acima, onde o sujeito busca compreender a situação e responsabilizar-se pelo seu enfrentamento e pela mudança. Essa compreensão de responsabilidade pela própria condição também é encontrada em Brenann (1987), Cavalcanti (2000) e Happé (1997), que atribuem ao ser humano, enquanto ser espiritual, a capacidade (criativa) de co-criação da realidade, sugerindo que a consciência dessa capacidade poderá levar a criações positivas nas relações com os sistemas que nos constituem: sociedade/cultura/natureza/universo.

A busca pelo Pathwork deu-se, em alguns casos, em situações de sofrimento intenso, em que outros caminhos já haviam sido procurados na tentativa de aliviá-lo: "(...) eu não encontrava aquele acolhimento que eu estava buscando" (Clarisse). Em outros casos, houve uma busca consciente de um caminho que atendesse à demanda de preenchimento ou de acolhimento à sensação de vazio interno.

Um viés espiritual no movimento de procura e/ou encontro com a abordagem do Pathwork pode ser identificado se nos embasarmos nas pesquisas realizadas por Peres et al (2007), que observam que a espiritualidade fundamenta a busca pessoal de uma compreensão maior sobre o significado da vida.

Descrito como um "*caminho de autoconhecimento*" (Beatriz), "*um norte na minha vida*" (Graça), "*um caminho sem volta*" (Artur) ou "*caminho de assumir a responsabilidade pela própria vida e pelas próprias criações*" (Renate – P.R.), o Pathwork é reconhecido como parte da vida. Sua aplicação prática traz a possibilidade de entendimento das situações cotidianas, de "*purificar sentimentos*" (Graça), perpassando as fronteiras do momento de encontro nos grupos.

As resistências internas à entrega a um trabalho de autoconhecimento como o Pathwork também são percebidas pelos participantes. Por ser um caminho de autoconfrontação que demanda o encontro com partes ou aspectos internos não tão agradáveis de serem conhecidos, os participantes reconhecem que é preciso haver uma escolha, uma disponibilidade interna para que a compreensão se expanda, alcançando a vivência integral de cada um.

"(...) acho que é uma metodologia que num primeiro momento assusta, (...) para todas as pessoas a quem eu divulguei o grupo fizeram essa observação pra mim, e todos quando vem e se interessam pela dinâmica questionam: mas como assim, a gente fala na frente dos outros as coisas da gente? Aí quando eu digo que se for essa a tua vontade tu vais falar, se não, não. E a segunda

pergunta é: “Mas se eu não falo de que adianta então eu fazer?” (Clarisse).

### 3.1.1 Organizador: Mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento

A consciência dos próprios sentimentos, pensamentos e motivos desencadeadores de comportamentos leva à revisão e/ou mudança gradual de valores na vida. À medida que o conhecimento de si aumenta, ele repercute no entorno, na sociedade:

“(…) o que é importante na vida é esse trabalho de autoconhecimento, não é o cargo que eu exerço, isso é coisa do ego! Aí eu percebi qual o objetivo que tinha por trás de eu querer ser juiz, eu queria o poder (…) Então, eu penso: ‘se eu puder fazer algo mais interessante, se eu puder fazer alguma coisa para ajudar as pessoas...’ (Artur).

Importante observar que o caminho do autoconhecimento não apresenta um final, uma conclusão, mas podemos compreendê-lo como um percurso permeado pela complexidade. Como indicado no Quadro 3, os entrevistados têm de três a vinte anos na trajetória proposta pelo Pathwork, sem citar os outros caminhos por eles também percorridos, seja antes ou mesmo durante o percurso do Pathwork. As novas descobertas continuam, e, juntamente com elas, a consciência de que muitas outras estão por vir, como um processo constante e contínuo, já que o mistério de ser humano reside nesse movimento, guiado pelo anseio inerente de saber o que lhe é desconhecido (AGOSTINHO, 1994). A esse movimento, podemos atribuir a noção de ordem/desordem/organização (MORIN, 2009).

A consciência das próprias distorções (termo utilizado pelos entrevistados) e das principais questões relacionadas ao desafio de crescimento e desenvolvimento pessoal é desenvolvida de maneira integral nos níveis mental, emocional, físico e espiritual: *“a gente vai fazendo a repetição das nossas dores da infância, e a gente fica muitas vezes sem sair dessa repetição”* (Graça).

“Olha, sobre a hipertensão, eu percebi, num dos trabalhos do Pathwork: isso está associado à morte do meu pai. (...) A minha mãe desmaiou (...), e começou a chegar um monte de gente para socorrer e tal, e eu ali, e ninguém me pegou. Eu queria ter sido pego por alguém, protegido, acolhido, alguma coisa (...). Lembro como se fosse hoje, eu tinha 7 anos, quase 40 anos depois, e falei: ‘por que existem essas coisas aqui?’. Não tem sentido nenhum existir mais nada disso. Então, com um trabalho posterior no Pathwork, eu vi que, se eu relaxar, algo de ruim vai acontecer. Até hoje, eu sinto isso, (...) mas hoje essa hipertensão reduziu muito” (Artur).

O relato acima nos permite observar a consciência da influência do aspecto emocional no físico, proporcionando um alívio nos sintomas. Essa compreensão ocorre a partir de um trabalho que abrange todos os aspectos, não somente o mental, no que diz respeito ao entendimento, mas uma compreensão mais profunda, que envolve o contato com os sentimentos e as reações corporais desencadeadas pela situação vivenciada, conforme o relato e o contexto da entrevista, o que foi também observado na fala abaixo:

“Quando eu iniciei [o Pathwork] eu tinha muito mais somatizações, eu adoecia mais, (...) e isso foi diminuindo, diminuindo,... hoje eu percebo toda a tomada de consciência, (...) O Pathwork me ajudou muito a ter consciência, do que me levava a ter somatizações de coisas que me aconteciam” (Graça).

A contribuição do Pathwork é percebida para obtenção de clareza e entendimento das situações vivenciadas, incluindo, talvez principalmente, as situações difíceis. Os participantes reconhecem seu esforço e disposição para contatar as próprias dificuldades, os “*aspectos distorcidos*”. Esse seria outro ponto de destaque no Pathwork: o contato com a negatividade interna, passo fundamental para o entendimento dos motivos que levaram a pessoa a criar determinada situação, por exemplo.

Uma terceira questão destacada é a aceitação de si, da sua realidade, do que se é, da própria negatividade, das próprias qualidades, de todos os aspectos que compõem o sujeito:

“(...) tão óbvio, tão difícil e complexo! Porque, primeiro, a gente passa a maior parte do tempo querendo ser o que nós não somos, ou querendo ser só uma parte do que somos e negando a outra. Então, eu diria que esse é um caminho de buscar as partes que a gente negou, confrontar-se com elas e aceitá-las” (Renate – P.R.).

Existe o entendimento de que as experiências de vida levam as pessoas ao encontro das feridas que precisam ser curadas. Esse entendimento faz com que aceitem o que a situação traz e busquem o aprendizado nela existente. Os entrevistados relataram que, no passado, frente a situações semelhantes, teriam reagido de forma diferente e o sofrimento seria maior. Demonstram, assim, que a ampliação da consciência e do conhecimento de si possibilita-lhes a realização de escolhas e que a escolha atual é uma escolha consciente de enfrentar a situação e todos os sentimentos difíceis, toda a negatividade que encontrarem nela, pois poderiam decidir não enfrentar.

"A gente no Pathwork é convidada a ficar em profundo contato com a realidade externa. (...) São noções ao mesmo tempo

complexas e simples, ricas e fáceis, é complicado de traduzir em palavras assim um referencial como o Pathwork. (...) No início, quando a gente lê as palestras, a gente pensa: (...) me descobriram! Como é que pode! Já está tudo mapeado e eu estou repetindo um script que eu não tinha me dado conta, então tu vês que tudo faz sentido, (...) aqueles conteúdos fazem parte da humanidade e tu enquanto pessoa de alguma forma estás em consonância com aquilo” (Flávia).

Como essa escolha implica dedicação e enfrentamento com sofrimento, com o reviver de situações difíceis e contato com aspectos internos não tão agradáveis, todos reconhecem que o bem-estar, a harmonia nos relacionamentos e a tranquilidade interna são coisas realmente conquistadas após e durante um percurso de entrega e vontade de transformar-se. Isso seria consequência da escolha de responsabilizar-se por si mesmo e por seu caminho, com aceitação do que for encontrado nesse percurso: “(...) talvez um dos princípios que propicia a cura é a aceitação. A questão da aceitação eu acho que é um dos atributos principais desse processo” (Flávia).

Nota-se o desenvolvimento pessoal acontecendo como uma busca interna para a consciência de si mesmo, dos princípios e valores, das congruências e incongruências pessoais (COVEY, 2002), como uma investigação interna fundamentada nas próprias atitudes, pensamentos, sentimentos e crenças. Os resultados serão transformações pessoais percebidas em todos os níveis (MAGALHÃES, 2008), além de repercutirem no aspecto social, por meio das relações com o entorno (BRENANN, 1987).

A expressão “orgânico” ilustra os relatos desse processo, no sentido de que ele vai acontecendo em todos os níveis do ser (mental, emocional, físico, espiritual e social), sem mudanças bruscas, de forma gradual e específica a cada organismo.

O autoconhecimento proporciona o desenvolvimento de aceitação da vida e das dificuldades apresentadas, com maior possibilidade de entender o outro. O entendimento proporciona também maior aceitação de padrões repetitivos de comportamento de outras pessoas. Com isso, aparece o desejo de apresentar o Pathwork às pessoas próximas, sejam familiares, amigos ou colegas de trabalho. Os benefícios são reconhecidos e compartilhados com esse entorno, embora muitas vezes as mudanças de comportamento causem estranhamento e desconforto: “Quando tu vais pro grupo em vez de tu ficar melhor tu fica pior! E mal elas sabiam que aquilo era um elogio pra mim, porque era o que eu precisava desenvolver não é!” (Clarisse). As mudanças comportamentais são reconhecidas pelo entorno, que

muitas vezes reage com estranhamento, já que isso desorganiza o sistema. Por exemplo, alguém cujo comportamento era pautado na evitação de confronto e posicionamento, com a mudança, pode desestabilizar certa organização existente ou aparente. Colocamos em relação o princípio da autonomia/dependência, assim como a noção de ordem/desordem/organização (MORIN, 2009, 2010), com esse processo de transformação pessoal, que transborda para/nas relações e interações dentro e fora do grupo.

A vontade de mudar aparece nas entrevistas sob a forma de disposição para a transformação, incluindo a consciência de que o que será encontrado não serão somente partes saudáveis, mas também as negatividades, as distorções. Estas serão transmutadas a partir de um movimento de clareza e aceitação, com a consciência de que elas são apenas uma parte do todo, que é o organismo. Novamente, o princípio da dialógica (MORIN, 2009, 2010) traz a convivência de questões antagônicas e complementares, o que o Pathwork chama de dualidade interna (PIERRAKOS, 1996b).

### 3.1.2 Organizador: Emergentes do/no grupo

Os participantes relatam a consciência de suas resistências, a percepção de quando não estão dispostos a entrar em contato com aspectos internos que se apresentam no decorrer do trabalho. Tal resistência pode aparecer na dificuldade de se expor perante o grupo, principalmente na fase inicial; no afastamento temporário, com posterior retorno, quando o participante percebe que, naquele momento, não estava preparado para contar com a negatividade interior; ou até mesmo na própria dificuldade de acessar sentimentos: *“(...) não é um caminho de flores. A gente passa por situações difíceis, por momentos de um sofrimento muito grande”* (Clarisse).

O não-aprofundamento pode ser uma escolha (consciente ou não) quando se participa de um grupo de Pathwork. Por ser um trabalho em grupo, a pessoa pode continuar frequentando e escolhendo não se aprofundar, o que, em determinado momento, pode tornar-se consciente e até mesmo vir à tona por meio do grupo.

A concepção de que somos seres sociais dotados de corpo, mente/pensamento, sentimento/emoção, espírito/alma, faz-se presente e permeia os relatos. Isso conversa com a noção de que o ser humano, como parte do todo (sociedade/universo), é um ponto no holograma (MORIN, 2009), levando em sua

singularidade toda a vida e toda a humanidade; ao desenvolver-se, está contribuindo como desenvolvimento de seu entorno (BRENNAN, 1987).

Ao referirem-se ao grupo, os participantes demonstram respeito e comunhão com ele. Sentem-se contribuindo com o processo de desenvolvimento e autoconhecimento dos demais componentes e reconhecem que as interações do e no grupo possibilitam maior clareza em relação aos próprios aspectos nebulosos, confusos e/ou desconhecidos:

“(…) o fenômeno grupal, para mim, foi aprender, experimentar, me colocar e me expor perante um grupo (….) o que um sente (…), a dor de um é a mesma dor do outro, a identificação com os temas, com os momentos de vida” (Denise).

Percebemos conteúdos emergentes grupais, oriundos das interações entre os participantes, promovendo desordem no sistema grupo, que se organizará novamente, num processo constante, contribuindo para o processo de desenvolvimento pessoal de cada participante desse grupo (ALVES e SEMINOTTI, 2006).

O grupo de Pathwork aparece como um ambiente acolhedor e seguro para que o exercício de exposição pessoal aconteça:

“(…) esse senso de pertencimento a um grupo é diferente. (...) Eu consigo sentir conexão com quem quer que seja, talvez porque eu tenha, num grupo, me permitido me conectar profundamente com várias pessoas muito diversas. Isso faz com que eu esteja mais próxima, mais conectada (...), seja com quem for, porque parece que eu aprendi a me conectar num lugar que era saudável, iluminado, com muita amorosidade. (...) O fato de ter amigos e me sentir pertencendo a um grupo, a uma era, talvez, faz toda a diferença” (Flávia).

O grupo também é referido como um ambiente de multiplicação de saberes, proporcionada pela confiança gerada e construída pelas partes e sustentada por uma conexão com o que é espiritual em cada um dos membros e no universo: “*se não fosse o Pathwork, eu estaria bem desconectada desse algo a mais. Eu atribuo muito essas vivências coletivas e meditações a essa conexão*” (Denise); “*nesse espaço [grupal], se dão essas trocas. (...) geralmente, as pessoas trazem coisas muito peculiares, muito singulares, mas que são também de um todo...*” (Graça).

Ao mesmo tempo, podem surgir dificuldades relacionadas à própria configuração grupal. No início de um grupo, as resistências e o medo da exposição são os principais dificultadores. Conflitos entre membros também parecem existir e são encarados como oportunidades de resolução e como aspectos que contribuem para a construção de confiança no grupo.

Alguns reconhecem que precisam do grupo para sentir a conexão com algo maior, como é referida a espiritualidade. Parece ser um processo de apropriação dessa conexão interna, que é fomentado pelo grupo. Inicialmente, a espiritualidade é desencadeada somente pelo grupo e, ao longo do tempo, é vivenciada em todas as áreas da vida.

A percepção de que existe a necessidade de uma mudança de paradigma é observada na fala: “*somos seres emocionais, então, deveríamos aprender isso na escola*” (Artur). Isso vem atrelado a um senso de pertencimento social – “*eu sou parte de tudo isso que eu condeno*” (Artur) –, que colocamos em diálogo com o que vislumbra Morin (2010) sobre a necessidade de a reforma no ensino começar nas séries iniciais. Segundo essa visão, a compreensão deveria ser ensinada e fomentada entre as crianças, que se tornariam adultos mais educados emocional e socialmente.

### 3.1.3 Organizador: Noções organizadoras do Pathwork

O Pathwork é referido como uma possibilidade de integração de diversos conhecimentos, fornecendo, a partir de uma base teórica muito completa, embasamento para que a complexidade humana expressa nos conceitos seja aplicada de maneira simples e prática: “*para mim, é tu pegares a essência do que é um ser humano, e te ajuda a entender essa complexidade (...) de uma forma bem orgânica...*” (Denise).

Assim, é possibilitado o contato com o momento presente e suas repercussões em todos os níveis do ser, sem perder a conexão com o passado, depositário de situações desencadeadoras de crenças articuladoras da personalidade.

A maneira de aplicação do Pathwork, referida como simples e prática, não deixa de ser profunda. É justamente essa configuração, de trabalho vivencial, referida como um dos pontos de destaque, que leva ao aprofundamento e consequente fortalecimento da relação intrapessoal no enfrentamento das questões cotidianas.

Um conteúdo emergente nas entrevistas foi a articulação do Pathwork com outros meios convergentes no autoconhecimento, como processos psicoterápicos. Os participantes parecem transitar de forma bastante tranquila entre a psicologia e a

abordagem do Pathwork, fazendo eles mesmos a conexão dentro de suas experiências pessoais. É como se a técnica não tivesse tanta importância quanto o resultado obtido. Um dos entrevistados disse que, apesar de seu terapeuta divergir de muitos aspectos propostos pelo Pathwork, o trabalho em conjunto (Pathwork e Psicologia) foi fundamental no seu processo de desenvolvimento pessoal.

Essa questão pode ser novamente relacionada com a problematização da fragmentação das disciplinas, feita por Morin (2009) e Vasconcellos (2003). A proposta da transdisciplinaridade mostra-se como um caminho onde ideias, conceitos e teorias atravessam duas ou mais disciplinas, que se articulam em prol de sua aproximação e contribuição para a resolução dos problemas da sociedade.

Ainda nesse diálogo, os entrevistados compreendem a complementaridade do Pathwork e da Psicologia e acreditam que, no Pathwork, existe um aprofundamento maior nas questões pessoais trabalhadas. Uma das razões para isso seria o direcionamento trazido pelos seus conteúdos, o que talvez, num curso psicoterápico, não aconteça; além disso, o próprio grupo é visto como um “acelerador” do trabalho individual, pelas emergências por ele desencadeadas.

Atribuímos às três noções citadas pelos participantes – *Autorresponsabilidade*; *Contato com a Negatividade*; *Aceitação* – o conceito de organizadores do sistema Pathwork. Elas se relacionam entre si e dependem umas das outras para que a transformação aconteça. O conhecimento das partes dependerá do conhecimento do todo, assim como o conhecimento do todo dependerá do conhecimento das partes, como aponta Morin (2008, 2009, 2010).

Autorresponsabilidade denota que a mudança da própria realidade só pode ser conduzida a partir da consciência da responsabilidade perante a própria vida, a partir da conscientização de que cada um é co-criador de sua própria realidade – e isso implicará o contato com a “sombra” (Renate – P.R.). Os entrevistados reconhecem que esse não é um caminho de fácil percurso, pois, na medida em que escolhem responsabilizar-se pela própria vida, encontram aspectos negativos (sentimentos, experiências, desejos) a serem encarados. Trazemos o princípio da dialógica (MORIN, 2009, 2010) para vislumbrar, neste momento, um processo ambíguo e complementar vivenciado pelo sujeito através do encontro com os próprios aspectos negativos e positivos.

“(…) se a gente realmente, enquanto *helper*, se apropria desse conceito de que nós criamos a nossa própria realidade, nós

não entramos na 'história fantástica' dos nossos pacientes. Para mim, esse é o ponto fundamental, a cereja do bolo!" (Renate – P.R.)

A fala acima demonstra um exemplo do exercício da autorresponsabilidade na atuação dos profissionais do Pathwork. Embora não seja esse o foco deste estudo, observamos a importância de esses profissionais também vivenciarem um processo de autoconhecimento para que possam ser verdadeiros “ajudantes”<sup>8</sup> do processo de outras pessoas.

As experiências que ilustram a trajetória do autoconhecimento e consequente transformação pessoal são sempre sustentadas pelas ideias teóricas do Pathwork. Isso permite compreender que existe um aprendizado vivencial, que não somente estuda os conceitos, mas os apreende a partir das sensações físicas, dos pensamentos, dos sentimentos, da conexão espiritual, e essa experiência leva à transformação real. Essa questão é crucial nesse processo vivenciado e expresso pelos participantes, remetendo-nos novamente ao entendimento de uma visão integral, em que as interconexões dos aspectos mental, emocional, físico, espiritual e também social produzem o aprendizado, a ampliação de consciência, o autoconhecimento e, por fim, as mudanças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autoconhecimento trabalhado a partir das concepções do Pathwork demonstra desencadear uma ampliação da autopercepção nos níveis que compõem o ser humano (físico, mental, emocional, espiritual), seja por meio dos sinais do corpo, das emoções, dos pensamentos, das sensações e/ou das reações emocionais relativas ao externo. Esse processo passa por um caminho de ordem/desordem/organização, precedido pela disponibilidade em desconstruir antigas verdades, reconhecer aspectos antagônicos, caminhar pelo desconhecido, muitas vezes dificultoso e sofrido, para então vê-lo ser transformado e ressignificado.

---

<sup>8</sup> *Helper*, do inglês = ajudante. Termo que indica o profissional do Pathwork que realiza a abordagem individualmente ou em grupo. Já o Facilitador, é habilitado somente para condução de grupos de Pathwork.

Encontrar a negatividade interna pertencente à dualidade humana aparece como percurso cheio de atrativos para o retorno, o não-enfrentamento. Para os participantes, a decisão de seguir em frente vem da confiança de que encontrarão novas partes de si mesmos esquecidas e negligenciadas e de que poderão vestir uma nova roupagem, tecendo uma nova organização interna, que será refletida externamente.

Com isso, os resultados do trabalho do Pathwork demonstram ser duradouros e profundos, e as novas concepções são novas formas de ver e viver a vida. Esse processo acontece em todos os aspectos do ser humano – físico, emocional, mental/cognitivo, social e espiritual, de maneira não linear, mas simultaneamente, num movimento espiral recursivo. Ao olharmos a especificidade de cada aspecto, podemos encontrar, no aspecto mental, a compreensão intelectual pelo estudo do conteúdo teórico do Pathwork, por onde se inicia o processo de autoconhecimento. A partir desse entendimento de princípios ou conceitos, são realizadas vivências, dinâmicas e meditações com o objetivo de alcançar a dimensão emocional, de onde emergirão conteúdos (sentimentos, reações emocionais), muitos deles desconhecidos pelo sujeito, que buscarão uma compreensão integrada com os demais aspectos: físico, mental, espiritual, social.

O aspecto físico é percebido como uma expressão dos demais. O corpo aparece como um depositário e ao mesmo tempo um termômetro das emoções. Se existe disfunção em qualquer outra dimensão, o corpo a denunciará a partir da manifestação de doenças, da expressão corporal perante a vida ou pela própria forma física. As transformações nesse nível são percebidas como consequência das transformações nos demais.

A dimensão social caracteriza-se pelo que acontece no grupo e pelo que transborda para fora dele nas relações sociais. É o que emerge do e no grupo, facilitando e contribuindo para o crescimento individual; assim, volta para o grupo, de maneira que se forma uma rede em constante movimento e reverberação. O processo de um indivíduo influencia os dos demais e é influenciado por eles, e as relações entre eles se colocam a serviço do processo de desenvolvimento pessoal, como espelhos das relações externas ao grupo, contribuindo novamente para o entendimento/compreensão nos níveis mental e emocional. Essa rede que constitui o grupo também demonstra ser sustentada por um sentido espiritual que facilita a conexão entre os participantes e move o trabalho.

Alcançando o objetivo geral desse estudo, constatamos que a relação entre espiritualidade, desenvolvimento pessoal, e grupos de Pathwork dá-se a partir do que percebemos e identificamos como organizadores do Pathwork, que possibilita que o desenvolvimento pessoal aconteça: espiritualidade integral, autorresponsabilidade, aceitação e contato com a negatividade. O exercício desses organizadores dentro do grupo é o veículo para um profundo e consistente processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, o que repercute para fora desse grupo, em todas as relações do sujeito.

O aspecto espiritual é a base do trabalho do Pathwork e, apesar de aparecer como foco na descrição dos autores a respeito do Pathwork (PIERRAKOS e SALY, 2007; PIERRAKOS e THESENGA, 1997; THESENGA, 1997), no processo de desenvolvimento dos participantes, não é evidenciado em primeiro plano, diferentemente do que era nosso entendimento ao iniciar esse estudo. No entanto, a espiritualidade permeia com naturalidade as falas dos participantes e, ao mesmo tempo, leva-nos a considerar que, sem a sustentação desse aspecto, o desenvolvimento pessoal por meio do Pathwork simplesmente não acontece. E novamente remetemo-nos ao conceito de espiritualidade vivenciada, que permeia a experiência.

Dessa forma, este estudo permitiu-nos compreender a espiritualidade como, mais do que integrada, integradora dos demais aspectos da complexidade humana, pois ela impulsiona o aprendizado vivencial na própria experiência pessoal.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

ALVES, Míriam Cristiane. **Desde Dentro: um olhar sobre a produção de saúde nos terreiros**. 2010. Projeto de Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ALVES, Miriam, SEMINOTTI, Nédio A. **O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin**. Psicologia USP. 2006.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRENNAN, Barbara Ann. **Mãos de Luz**. São Paulo: Pensamento, 1987.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2003.

CAVALCANTI, Raíssa. **O retorno do sagrado** – a reconciliação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_. **O retorno do conceito do sagrado na ciência**. In: TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) *Espiritualidade e Qualidade de vida*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

COSTA, et al. **Qualidade de Vida e Bem Estar Espiritual em Universitários de Psicologia**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 249-255, abril-junho/2008.

COVEY, Stephen R. **Liderança Baseada em Princípios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

HAPPÉ, Robert. **Consciência é a Resposta**. São Paulo: Talento, 1997.

MAGALHÃES, Dulce. **Manual da disciplina para indisciplinados**. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria C. de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social**. In: MINAYO, Maria C. de Souza (org.) Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência** 2005.

\_\_\_\_\_. **Meu caminho**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Método 1**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita** – repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PERES, et al. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl.1; p. 136-145. 2007.

\_\_\_\_\_. Spirituality and Resilience in Trauma Victims. **Journal of Religion and Health**, v. 46, p. 343-350. 2009.

PIERRAKOS, Eva. **Contact with the life force**. Pathwork Guide Lecture No. 126. 1996a. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P126.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Duality Through Illusion – Transference**. Pathwork Guide Lecture No. 118. 1996b. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P118.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **The Defense**. Pathwork Guide Lecture No. 101. 1996c. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P101.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **The Idealized Self-Image**. Pathwork Guide Lecture No. 83. 1996d. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P083.PDF>> Acesso em: 29/08/2011.

\_\_\_\_\_. **Self-Knowledge: The great plan, the spirit world**. Pathwork Guide Lecture No. 11. 1996e. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P011.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Spiritual and emotional health through restitution for real guilt.** Pathwork Guide Lecture No. 109. 1996f. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P109.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **What Is The Path?** Pathwork Guide Lecture No. 204. 1996g. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P204.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Spiritual Nourishment – Willpower.** Pathwork Guide Lecture No. 016. 1996h. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P016.PDF>> Acesso em: 07/09/2011.

\_\_\_\_\_. **O Caminho da Auto-Transformação.** São Paulo: Cultrix, 1990.

PIERRAKOS, Eva, SALY, Judith. **Criando União.** O significado espiritual dos relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIERRAKOS, Eva THESENGA, Donovan. **Entrega ao Deus interior.** O Pathwork no nível da alma. São Paulo: Cultrix, 1997.

ROTMIL, Charles. **Entrevista com Eva Pierrakos.** Disponível em: <http://www.Pathworksp.com.br/path/index.php/news/Pathwork/20061130/33>. Acesso em 21/05/2010.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos.** Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STONE, Joshua D. (1994). **Psicologia da Alma.** Chaves para ascensão. São Paulo: Pensamento.

THESENGA, Susan. **O Eu sem defesas.** O Método Pathwork para viver uma espiritualidade integral. São Paulo: Cultrix, 1997.

VASCONCELLOS, Maria J. Esteves de. **Pensamento sistêmico:** o novo paradigma da ciência. Campinas, Papirus: 2003.

WILBER, Ken. *Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia*. São Paulo, Cultrix: 2002.

\_\_\_\_\_, Ken. *Espiritualidade Integral: Uma nova função para a religião neste início de milênio*. São Paulo, Aleph: 2007.

Yin, R.K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre, Bookman: 2005.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O resultado deste estudo transborda das fronteiras da dissertação. Ao escrevê-la, o desafio foi transmitir um processo de construção de conhecimento iniciado anos antes, no percurso que a vida me permitiu e escolhi percorrer. A oportunidade de realizar um mestrado que me levou a visitar conceitos, reorganizar conhecimentos, além de articular e construir novas possibilidades de significação, foi um presente que levo para todas as minhas dimensões da vida. Como participante de grupos de Pathwork há dez anos, eu havia construído uma forma de organizar esse conhecimento a partir das minhas próprias experiências. No percurso deste estudo, deparei-me com a necessidade de reorganizar o pensamento, de desconstruir ideias, com o intuito de compreender outras formas de organização dos mesmos conceitos. Tudo isso me levou à criação de uma nova organização, que trouxe, inclusive, mais clareza, revivenciando e experienciando ideias, pensamentos, conceitos. A introdução do conhecedor na organização do conhecimento pelas emergências desse processo de visita é um aspecto intrínseco ao pensamento sistêmico complexo, assim como para o Pathwork, é o aprendizado vivencial.

Alcançando os objetivos propostos, este estudo trouxe-nos, especialmente, a compreensão de que o autoconhecimento baseado na autorresponsabilidade perante a vida e permeado pelo reconhecimento da espiritualidade na vivência pessoal e social pode transformar a sensação de vazio interno em encontro de sentido na e pela própria caminhada. Esse processo constrói-se no *entre*: nas interações dos aspectos internos do sistema ser humano e nas inter-relações entre os sistemas seres humanos.

Compreendemos a possibilidade de diálogo e articulação entre o pensamento sistêmico complexo, a noção de espiritualidade e a abordagem do Pathwork, de maneira que, ao diferenciarem-se e complementarem-se, produziram novas perspectivas de significação. Relacionamos também os sete princípios de complexidade para Morin com o processo de desenvolvimento pessoal embasado pelas concepções do Pathwork.

A noção de espiritualidade vivenciada acompanhou o percurso deste estudo e, ao ser articulada com a proposta do Pathwork, levou-nos ao conceito de

espiritualidade integral. Ao conceituarmos desenvolvimento pessoal, percebemos que não há separação entre este e o desenvolvimento espiritual, pois entendemos o espiritual como um aspecto e, ao mesmo tempo, o todo que contém e permeia os demais aspectos. A espiritualidade seria impulsionadora das interações entre o aspecto físico, o mental, o emocional, o próprio espiritual e o social, levando à emergência de novas organizações, novas formas de ver e viver a vida.

A espiritualidade parece fazer-se presente e perpassar todas as etapas do caminho de autoconhecimento e transformação pessoal, concebida por essa visão integral de ser humano como um sistema de sistemas. Compreendemos a espiritualidade como integradora das partes que constituem a complexidade humana, assim como do aspecto social da complexidade sujeito-sociedade-natureza-universo.

Percebemos que o processo de desenvolvimento pessoal proporcionado pela abordagem do Pathwork é um percurso de autoconhecimento permeado pela espiritualidade. Como tal, demanda disponibilidade interna do sujeito para assumir responsabilidade pela própria vida e reconhecimento da dialógica interna, composta por aspectos antagônicos, incluindo a própria negatividade, aceitação da própria condição e das emergências produzidas na trajetória de interações internas e externas.

Esse processo de desenvolvimento pessoal levado pelo aprendizado vivencial na própria experiência caracteriza-se pela auto-organização do sujeito, haja vista demandar responsabilidade pela própria criação e reconhecimento dos próprios aspectos (físico, mental, emocional, espiritual e social) em inter-relação, de maneira sistêmica/organizacional.

A experiência é individual, influenciada pelas próprias concepções e pela forma de enxergar o mundo, mas não ocorre sem a influência das interações. Ou seja, o desenvolvimento pessoal produz-se pelas emergências dessas interações, *entre* as relações produzidas com os demais sistemas e com o ambiente. As inter-relações que acontecem no grupo de Pathwork proporcionam um movimento que gera desordem para originar novas organizações. Cada participante, como um ponto no holograma, contém a inscrição do grupo, que é ressignificada, ao mesmo tempo, pela interação com seus aspectos internos, retornando para o grupo, onde emergem novos elementos agregadores ao processo individual. Dessa forma, à medida que o processo individual ganha novas organizações, o grupo também se vê influenciado

novamente rumo à desconstrução para buscar uma nova ordem. Com isso, percebemos um movimento recursivo e retroativo constante no processo grupal e individual repercutindo um no outro.

A experiência dentro dos grupos de Pathwork, baseada nesses conceitos, demonstra ter significativa contribuição no processo de desenvolvimento pessoal, já que se caracteriza como um espaço de ressignificação das próprias experiências. A vivência e a expressão do aprendizado dentro do grupo repercutem para fora desse grupo, nas demais inter-relações do sujeito, e as transformações pessoais são experienciadas e reconhecidas no e pelo entorno.

Essas transformações demonstram ser resultado de um verdadeiro e profundo movimento de disponibilidade interna para trilhar um caminho de flores e também de espinhos, de assumir e enfrentar as irregularidades do percurso e de acreditar no propósito, reconhecendo a necessidade do esforço, do contato com a dor para a sua ressignificação.

Dessa forma, identificamos que o aprendizado vivencial concebe igual importância ao desenvolvimento dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual do ser humano, o que proporciona ao sujeito a ampliação de sua percepção de cada um desses aspectos, resultando num processo de desenvolvimento pessoal também integral.

Emergem, neste estudo, quatro organizadores do Pathwork: *espiritualidade integral, autorresponsabilidade, aceitação e contato com a negatividade*.

Compreendemos o mestrado como um percurso de ressignificações, construções, aprendizados, renúncias. O pensamento sistêmico complexo, como uma forma não só de ver, mas de experimentar o mundo, trouxe ao mesmo tempo dúvida e certeza, num movimento de significação, ressignificação, desordem e caos, com novas possibilidades de organização. Por fim, há a sensação de tecer conceitos teóricos com experiências únicas de vida, em longos caminhos percorridos, embebidos de sentimentos e vivências pessoais compartilhados com disponibilidade e abertura, expressos com brilho no olhar e vigor na expressão de quem reconhece as partes na totalidade da vida e para quem cada experiência é um presente a ser desfrutado.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

ALVES, Miriam Cristiane. **Desde Dentro: um olhar sobre a produção de saúde nos terreiros**. 2010. Projeto de Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ALVES, Miriam, SEMINOTTI, Nédio A. **O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin**. Psicologia USP. 2006.

ASSAGIOGLI, R. In GROF, S., GROF, C. (orgs.) **Emergência espiritual: crise e Transformação espiritual**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BOIANAIN, Elias Jr. **Tornar-se Transpessoal**. Transcendência e Espiritualidade na Obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998.

BRENNAN, Barbara Ann. **Mãos de Luz**. São Paulo: Pensamento, 1987.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2003.

CASHWELL, Craig S., CLARKE, Philip B., GRAVES, Elizabeth G. Step by Step: Avoiding Spiritual Bypass in 12-Step Work. **Journal of Addictions & Offender Counseling** - Criminal Justice Periodicals, v. 30, n. 1, p. 37. Outubro/2009.

CAVALCANTI, Raíssa. **O retorno do sagrado** – a reconciliação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_, Raíssa. **O retorno do conceito do sagrado na ciência**. In: TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e Qualidade de vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

COSTA, Waldecília, NOGUEIRA, Conceição, FREIRE, Teresa. The Lack of Teaching/Study of Religiosity/Spirituality in Psychology Degree Courses in Brazil: The Need for Reflection. **Journal of Religion and Health**, v. 49, n.3, p.322. 2010.

COSTA, et al. **Qualidade de Vida e Bem Estar Espiritual em Universitários de Psicologia**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 249-255, abril-junho/2008.

COVEY, Stephen R. **Liderança Baseada em Princípios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

CUNNINGHAM, Alastair J. Integrating Spirituality Into a Group Psychological Therapy Program for Cancer Patients. **Integrative Cancer Therapies**, v. 4. n.178. 2005. Disponível em <<http://ict.sagepub.com>> Acesso em: 19/05/2010.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. eBookLibris, 2003. Digitalização da edição em pdf originária de [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia). Disponível em <[http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord\\_sociedade\\_do\\_espetaculo.pdf](http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord_sociedade_do_espetaculo.pdf)> Acesso em: 28/11/2011.

DI BIASE, Francisco, ROCHA, Mário Sérgio F., **A conspiração Holística e Transpessoal do Terceiro Milênio**. Espiritualidade na vida Excelência nas pessoas Revolução nas empresas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

Dicionário Priberam. Significação: Dom / Psíquico. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=ps%C3%ADquico>> Acesso em: 19/08/2011.

FLECK et al. Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. **Revista de Saúde Pública** vol.37, n.4, p. 446-455. São Paulo. Agosto/ 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n4/16779.pdf>> Acesso em 19/08/2011.

FRANKL, Vitor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTSMA, Elisabeth J., CUMMINGS, Anne L. Midlife Transition and Women's Spirituality Groups: A Preliminary Investigation. **Counseling and Values**. V.49. Outubro/2004.

HAPPÉ, Robert. **Consciência é a Resposta**. São Paulo: Talento, 1997.

HARVEY, Idethia S., SILVERMAN, Myrna. The Role of Spirituality in the Self-management of Chronic Illness among Older African and Whites. **Journal Cross Culture Gerontology. Springer Science + Business Media**. 2007. V. 22, p. 205–220. 17/março/2007.

HODGE, David R. Spiritually Modified Cognitive Therapy: A Review of the Literature Social Work; v. 51, n. 2; **ProQuest Medical Library**, pg. 157.2006.

INSTITUTO Core Energetics, São Paulo. Apresenta a história de seu fundador John Pierrakos. Disponível em:  
[http://www.coreenergetics.com.br/core/index.php/news/core\\_energetics/20061113/14](http://www.coreenergetics.com.br/core/index.php/news/core_energetics/20061113/14). Acesso em: 15/07/2011.

KEHOE, Nancy. **Spirituality Groups in Serious Mental Illness**. Southern Medical Association special Section: Spirituality/Medicine Interface Project, 2007.

MAGALHÃES, Dulce. **Manual da disciplina para indisciplinados**. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social**. In: MINAYO, Maria C. de Souza (org.) Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita** – repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

\_\_\_\_\_. **O método 1**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **O método 3**. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **O método 5.** A humanidade da humanidade. A identidade humana. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

MÜLLER, Marisa C. In: TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e qualidade de vida.** Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

O'CONNELL, Kathryn A., SKEVINGTON, Suzanne M. The relevance of spirituality, religion and personal beliefs to health-related quality of life: Themes from focus groups in Britain. **British journal of Health Psychology**, 10, 379-398 H ^ U M c • uj. 2005.

OLIVEIRA, Ivan S., VIEIRA, Cássio L. **A revolução dos q-bites:** o admirável mundo da computação quântica. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PATHWORK REGIÃO SUL. Rio Grande do Sul e Santa Catarina. **Metodologia e Princípios Básicos do Pathwork.** Disponível em<<http://www.Pathworksul.com.br/inicio.htm>> Acesso em: 16/07/2011.

PAIVA, Geraldo J., Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia.** Campinas, v. 24, n. 1, p. 99-104, janeiro – março/2007.

PARSONS, William B. On Mapping the Psychology and Religion Movement: Psychology as Religion and Modern Spirituality. Springer Science + Business Media **Mental Health, Religion & Culture** June 2006, v. 9, n. 3, p. 209.

PERES, Júlio F.P. et al. Spirituality and Resilience in Trauma Victims. **Journal of Religion and Health**, v. 46, p. 343-350. 2009.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia.** Revista de Psiquiatria Clínica, v. 34, supl.1; p. 136-145. 2007.

PIERRAKOS, Eva. **Contact with the life force.** Pathwork Guide Lecture No. 126. 1996a. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P126.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Duality Through Illusion – Transference.** Pathwork Guide Lecture No. 118. 1996b. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P118.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **The Defense.** Pathwork Guide Lecture No. 101. 1996c. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P101.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **The Idealized Self-Image.** Pathwork Guide Lecture No. 83. 1996d. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P083.PDF>> Acesso em: 29/08/2011.

\_\_\_\_\_. **Self-Knowledge: The great plan, the spirit world.** Pathwork Guide Lecture No. 11. 1996e. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P011.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Spiritual and emotional health through restitution for real guilt.** Pathwork Guide Lecture No. 109. 1996f. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P109.PDF>> Acesso em: 23/06/2010.

\_\_\_\_\_. **What Is The Path?** Pathwork Guide Lecture No. 204. 1996g. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P204.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Spiritual Nourishment – Willpower.** Pathwork Guide Lecture No. 016. 1996h. Disponível em<<http://www.Pathwork.org/lectures/P016.PDF>> Acesso em: 07/09/2011.

\_\_\_\_\_. **O Caminho da Auto-Transformação.** São Paulo: Cultrix, 1990.

PIERRAKOS, Eva, SALY, Judith. **Criando União.** O significado espiritual dos relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIERRAKOS, Eva THESENGA, Donovan. **Entrega ao Deus interior.** O Pathwork no nível da alma. São Paulo: Cultrix, 1997.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Educação para inteireza: um(re)descobrir-se.** Revista Educação, v. XXX, n. especial, p. 285-296, Porto Alegre/RS, outubro/ 2007.

PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir.** São Paulo: UNESP, 2002.

ROTMIL, Charles. **Entrevista com Eva Pierrakos**. Disponível em: <http://www.Pathworksp.com.br/path/index.php/news/Pathwork/20061130/33>. Acesso em 21/05/2010.

SEMINOTTI, Nedio A.; MORAES, Maria Lúcia A., ROCHA, Flávia M. Pequenos grupos informais nas instituições: exercício da cidadania e da dimensão instituinte. **Psicologia - USF**, vol.14, n.3, p. 329-340. 2009.

SEMINOTTI, Nedio A., SCARPARO, HRENATE B. K., MORAES, Maria Lúcia A., ALVES, Miriam. Olhando e vivendo grupos – reflexões sobre uma prática. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 45 p. 73-80, abr./jun. 2006.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**. Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STONE, Joshua D. (1994). **Psicologia da Alma**. Chaves para ascensão. São Paulo: Pensamento.

TEIXEIRA, Evilázio F., MÜLLER, Marisa C., SILVA, Juliana D.T. (Orgs.) **Espiritualidade e Qualidade de vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

THESENGA, Susan. **O Eu sem defesas**. O Método Pathwork para viver uma espiritualidade integral. São Paulo: Cultrix, 1997.

THESENGA, Donovan, PIERRAKOS, Eva. **Entrega ao Deus interior**. O Pathwork no nível da alma. São Paulo: Cultrix, 1997.

VASCONCELLOS, Maria J. Esteves de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Papyrus, 2003.

VEIT, Carlos A. **Espiritualidade e Personalidade na História da Psicologia: das origens à Pós-Modernidade**. In: VAZ Cícero E., VEIT, Carlos A. (orgs.) Personalidade, Cultura e Técnicas Projetivas. Psicologia da Personalidade. Porto Alegre, Edipucrs, 2002.

WATTS, Fraser, DUTTON, Kevin, GULLIFORD, Liz. Positive psychology, religion, and spirituality. **Mental Health, Religion & Culture**. V. 9, n.3, p. 277–289. June/2006.

WOLMAN, Richard N. **Inteligência Espiritual**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WILBER, Ken. **Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia**. São Paulo, Cultrix: 2002.

\_\_\_\_\_, Ken. **Espiritualidade Integral**. São Paulo, Aleph: 2007.

Yin, R.K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre, Bookman: 2005.

ZOHAR, Danah. **Inteligência Espiritual – QS o que faz a diferença**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

**Observação: foram atribuídos nomes fictícios aos participantes no intuito de preservar sua identidade.**

#### ENTREVISTA 1 – 04/04/2011 - Artur

Após me apresentar, leio o termo de consentimento e o entrevistado concorda com a gravação (o que se repete em todas demais entrevistas).

MARIELA - Então, nós já conversamos um pouco e eu gostaria de saber o que é o Pathwork pra ti?

ARTUR - É, essa pergunta já me foi feita no primeiro módulo da formação, e eu respondi que é um caminho sem volta! Falei que pra mim é um caminho sem volta porque a gente começa a tomar consciência das coisas, de quem a gente é, e aí quando você toma consciência não tem mais como você dizer: não, não quero mais ter consciência, não tem como! Então, o Pathwork ele me ajuda, a saber, como eu to, no meu caso específico, as minhas tendências, dos meus medos, algumas ansiedades, me ajuda muito a olhar questões lá do meu passado, da minha infância, em que a partir de um determinado momento que eu passei e eu cheguei a uma conclusão né, tive um crença sobre determinada coisa e os efeitos disso hoje na minha vida e o Path ajuda a gente a olhar esse padrão repetitivo de comportamento. E uma coisa que as vezes eu quero muito e que eu mesmo me vejo já agora com mais clareza boicotando aquilo pra que aquilo não aconteça.

MARIELA - Me falaste antes que em determinado momento de decisão profissional estavas fazendo terapia e também frequentando os grupos de Pathwork. Essa terapia era com um profissional de psicologia?

ARTUR - Sim, agora não mais, tenho feito sessões individuais com a Rita (Helper do Pathwork), mas antes meu terapeuta era fora do Pathwork, inclusive ele não concordava com os pressupostos do Pathwork! Risos.

MARIELA - E como era isso pra ti, como tu fazias esse diálogo?

ARTUR - É eu conseguia fazer porque ele me ajudou muito na questão pratica, eu chegava pra ele com questões praticas, tá acontecendo isso com meu filho, tal, e ele me ajudava com a experiência dele a me mostrar uma coisa... embora ele não concordasse muitas coisas eu via que vinham ao encontro do que o próprio Pathwork ensina, mas que ele me ajudou muito pro dia a dia nas questões praticas. Então eu trabalhava alguma coisa no grupo do Path, levava pra ele e eu fazia a filtragem, eu tinha que saber fazer a filtragem, eu via que às vezes ele trazia alguma coisa e que eu via que era só a nomenclatura diferente.

MARIELA - Tu conseguias fazer com que isso fizesse sentido pra ti.

ARTUR - Sim, ele me ajudou muito com questões bem da minha infância, com questões com a minha mãe, questões com meu pai, algumas dinâmicas que ele fez que eu achei fabuloso, em que ele me deu umas placas, acho que placas de Rorschard, não me lembro, em que eu comecei a olhar e comecei a sentir um mal estar e ele começou a me perguntar, eu fui olhando as coisas e ele me perguntando o quê que eu tava sentindo e ele me disse que aquelas placas representavam a atmosfera psíquica no momento em que eu fui concebido.

E aí a partir dali com esse mal estar eu fui conversar com a minha mãe. Falei: mãe como que era no momento em que a senhora soube que eu, né, a senhora e o papai, como que era? E aí o mal estar foi muito bem explicado porque a minha mãe falou assim: não, seu pai achou que você não era filho dele, porque eu fui pra Bahia e quando voltei grávida e ele falou, não esse filho não é meu não, e ela rapaz eu saí daqui grávida já. E aí foi bom porque eu conversei com ela e ela fez todo o movimento pra que me ter, era uma gravidez de risco,

eu sou o caçula, ela já tinha uma certa idade, então eu consegui entender, e através daí eu fui conversando e entendendo outras coisas, então nesse aspecto ele me ajudou muito, com umas dinâmicas que ele fazia que parecia que não tinha lógica nenhuma, desenhava uns desenhos, complementava outros, e tinha muita coisa! E ele me falava um monte de coisa que tinha muita coerência. Então achei que foi bacana esse trabalho em conjunto.

Hoje eu não faço mais com ele, tenho ido mais na Rita, mas tenho uma colega que tem formação em vidas passadas, e eu vou procurá-la pra poder fazer um trabalho também com ela junto com o Pathwork. Porque eu to sentindo falta, às vezes só o Pathwork, eu preciso mais, e a Rita é muito ocupada, não dá tempo.

MARIELA - Do que exatamente sentes falta, pois participas do grupo e das sessões individuais.

ARTUR - Não, eu faço o grupo e o individual de vez em quando não sempre, o individual é só quando às vezes vem uma crise e aí eu corro pra Rita.

MARIELA - Falando no grupo, como percebes o Pathwork trabalhado em grupo, no teu processo de desenvolvimento?

ARTUR - Importantíssimo, porque uma das coisas que eu tenho aprendido é que o grupo são meus aspectos todos ali, então eu do muita atenção tanto nesse grupo semanal quanto na formação que somos 35. Eu fico atento a cada movimento de cada um, quando a pessoa entra em processo eu fico presente, embora eu esteja do outro lado às vezes sentado eu consigo focar ficar atento com o que está acontecendo, eu evito dispersar ao máximo, porque eu vejo que com o outro eu aprendo muita coisa eu vejo movimento semelhantes, eu vejo dores semelhantes, e tem me ajudado muito quando eu vejo que são partes minhas espalhadas e que eu vou recolhendo, aí eu to conseguindo ver assim, tornar um pouco mais inteiro, e aí um mais inteiro na concepção que eu tinha antiga eu tinha eu queria um mais inteiro só coisa boa né, juntar so o bom do inteiro.

Hoje eu já consigo pegar as coisas negativas, as distorções, consigo ver a energia das negatividades, sentir mas não me identificar com ela, a minha parte, quando eu faço a opção consciente de fazer diferente. Então eu tenho muito isso. Eu sempre fui muito fechado, então assim através do Pathwork eu consegui me abrir.

MARIELA - Como foi teu primeiro contato com o Pathwork?

ARTUR - A minha esposa, minha segunda esposa que é minha atual. Meus dois filhos são do meu primeiro casamento, então eu vim do RJ casado em 1990 com um filho. Ele hoje tá com 22 anos e já tá fazendo Pathwork! É uma coisa fabulosa, nossa, ontem tava até conversando com ele e ele se interessou porque ele falou: Nossa, pai, o senhor mudou muito! Eu quero ver que negocio é esse aí, eu quero conhecer.

MARIELA - E é assim mesmo né, a gente fala, fala, fala, não adianta, são nas atitudes.

ARTUR - É, porque eu fiz um trabalho de defeitos e qualidades com Rita, duas vezes, e eu fugi um ano e meio do Pathwork, eu comecei a fazer mas na época eu não dei conta, não tava preparado ainda. Aí tinha esse trabalho e eu pedi pro meu mais velho e o meu caçula fazerem esse trabalho, meus defeitos e qualidades. Aí foi ótimo porque que eles me falaram coisas que eu nem imaginava! Eles me fizeram uma carta pra mim legal! Elogios e falaram realmente daquilo que incomodava muito eles, aí a partir dali eu já comecei a fazer... mesmo eu parando com o Pathwork não parei com a terapia, e aí eu consegui fazer algumas mudanças.

A minha esposa que é uma guerreira, ela não parou.

MARIELA - Ela já fazia?

ARTUR - É, a minha esposa fazia antes, me levou, eu saí e ela continuou... aí eu voltei porque eu fui numa confraternização com ela, aí eu vi um monte de amigos, aí eu voltei, aí eu animei! Mas parece que por eu não ter parado também com a terapia, sempre tive muita vontade de me transformar realmente e aí ela quem, ela é super assídua, é super aplicada a minha esposa.

MARIELA - E como é que foi, tu sabias que ela fazia, ela te convidou...?

ARTUR - Não, ela foi pelo seguinte: quando eu me separei aqui em Goiânia, já tinha nascido o meu outro filho que tinha 3 anos na época, e o Bruno que hoje tem 22 tinha 6 anos. E aí foi quando no Tribunal eu

conheci minha segunda esposa, a gente casou, eu vejo assim como um encontro de almas mesmo, que a gente em pouco tempo, em um mês a gente casou, ela achou que não ia casar nunca, tinha uma resistência com casamento tanto é que um mês depois a gente casou. E o meu cunhado falou eu quero saber quem é esse cara que fez a minha Irmã mudar de ideia porque ela tinha pavor de casamento! Então seja muito bem vindo! E eu ganhei outra família!

Bom, e os meus filhos, tinha aquela visita quinzenal, e tal, até que a minha ex-esposa voltou pro RJ, mas ela abandonou o mais velho intelectualmente.

Eu tive que entrar com uma ação e pedir a guarda. Ai foi um grande aprendizado também porque eles vieram morar com a gente, quase que a gente separou, a gente foi fazer terapia, e a terapeuta propôs: morem em casas separadas e continuem casados, mas eu não quis, eu não ia dar conta.

Nossa, e os dois, eles detonavam, ai eu descobri a musica. A musica pra eles foi a melhor coisa, quando eu botei o meu caçula na musica, a agenda dele era cheia de recados da escola. A mãe falou pra ele que só ia ficar um tempo fora, ela não falou a verdade pra ele, aí quando ele disse pronto agora eu quero ficar com a minha mãe, mas ela não ia voltar.

E nesse período antes dela voltar eu fiquei sabendo que a minha cunhada que hoje ta morando no sul, foi a primeira aluna da Rita, e a minha esposa conversando com a minha cunhada ela se interessou e ela falou: pelos meninos eu vou, eu vou começar o Pathwork, porque cobravam dela que ela amasse eles. E ela: eu não dou conta!

Eu de certa forma cobre isso dela, eu queria que ela fosse a mãe, eu costumo dizer que eu tive duas encarnações porque quando eu casei com ela porque quando eu casei com ela minha vida mudou demais.

E agora ele mora com a mãe, a minha ex-esposa voltou, hoje ele mora com a mãe, quando ela voltou eu deixei livre, ele disse: pai, posso escolher? Eu disse claro meu filho, você pode escolher. Eu vou respeitar a sua escolha, e o mais velho não quis porque quando a mãe foi embora ela não se despediu dele, e isso é uma das coisas que ele vai trabalhar no Pathwork. Ela se despediu só do caçula, ele tava na escola no Senai, ela o dia todo, ela não esperou e aí ele sente isso. Ele optou em morar sozinho.

Nesse período, pra eu não me separar da minha atual esposa, a minha mãe, ela hoje é falecida, faleceu a um ano e meio, ela morava com meu outro irmão, aí eu falei assim: mãe, me ajuda, cuida dos meninos pra mim? Aí eu aluguei um apartamento pertinho daqui. E ela disse ajudo sim meu filho, mamãe sempre muito...atenciosa, me ajudou durante uns 3 anos.

Depois eu comprei um apartamento, que é onde hoje o meu filho mais velho mora, ele optou por isso, e ele trabalha desde cedo, o caçula ligou agora porque está no Senai, faz marcenaria, e avisou que vai ter que ficar até 7 horas da noite, então eu me preocupo muito com essa formação profissional pra que eles já tenham logo.

O meu mais velho desde os 15 anos ele trabalha, então ele já tem autonomia. Então ele optou em morar sozinho. A mãe não queria muito não, mas ele disse eu quero. Ele tem ainda algumas questões pra resolver. Mas foi por eles que a minha esposa atual foi pro Pathwork, e olha, ela fez um trabalho tão intenso, tão bacana, que hoje a harmonia já reina totalmente porque uma das coisas que não acontece é falta de respeito, eles só eram arteiros demais. Eles pegavam assim, já viu esse errorex, eles passavam no móvel todinho, da casa inteira, e aí quem fez? Ninguém, ninguém aparecia.

Então isso ai era arte, nunca teve, sempre que ela chamava atenção eles respeitavam. Ela tem um ascendente moral sobre eles, acho bacana isso, eles sempre respeitaram. E hoje a gente vive em harmonia graças a Deus e foi realmente algo conquistado a partir de um trabalho onde ela viu todas as projeções que ela fazia, ela viu que ela tinha uma identificação, ela projetava no meu caçula a criança dela, o jeito mais orgulhoso, ele era desse jeito e ela morria de raiva, ela conseguiu ver que ela projetava, ela conseguiu ver que ela realmente me mostrava muitas coisas deles dois que eu não queria ver.

E ela falou Artur olha, to mostrando, realmente eles tinha algo que não era legal, mas eu jogava né, meu eu inferior...

M - Como foi pra ti perceber tudo isso, levou um tempo, foi difícil?

ARTUR - Nossa, foi difícil demais! Eu achei que eu tinha feito uma coisa assim: amo a minha esposa, um amor por ela muito grande mas eu achei que eu tinha dado um passo além do que eu podia, eu falei não mereço ela ainda, porque a percepção e a maturidade dela dá de 10 a 0, porque a minha criança é muito presente, eu não amadureci ainda, apesar da idade eu to lutando para amadurecer porque em todos os momentos eu não queria fazer as coisas, eu queria alguém pra entregar. E olha que bacana, ela era a máscara do poder, que faz realiza que pega tudo, e eu da serenidade: não quero sentir nada, não quero saber de nada.

E aí na hora que eu achei que tinha encontrado alguém que eu ia entregar, ela falou assim: olha eu não vou pegar. Eu vou fazer um trabalho meu que eu não quero mais isso.

Aí eu tive que pegar. E hoje eu agradeço a ela porque foi a melhor coisa que podia ter acontecido pra mim. Porque aí eu tive que aprender a ser pai, aí tem a dor da perda do meu pai, eu perdi o meu pai quando eu tinha 7 anos. Fui resolver essa questão, fui me despedir do meu pai. No terceiro módulo, ali realmente eu tive a oportunidade de me despedir dele, numa dinâmica que eu achava que não tinha nada a ver, nossa quando eu vi eu caí exatamente na dor da perda desse pai que ele sempre me fez falta, e logo que seguida meu irmão mais velho casou, foi morar em Brasília e ate hj eu tenho que ver algumas questões com esse irmão mais velho. Ele mora pertinho de mim aqui mas a gente quase não tem contato porque ainda tem coisa ai que eu to trabalhando pra ver se eu consigo tirar dele alguma culpa, alguma responsabilidade que não seria dele mas que eu queria que ele tivesse, minha criança queria. Então perdi o que eu tava falando....

Então trabalhei a questão do pai, consegui me despedi dele, e consegui consertar, porque eu não tive modelos, perdi meu pai, meu padrinho morreu num acidente de avião, aí a minha crença: as pessoas que eu amo me abandonam, aí a vida não tem sentido. Ai uma serenidade total, me desligo fácil das pessoas, to aqui daqui a pouco não to mais.

E hoje não precisa mais, eu já to vendo isso e to num movimento de me envolver mesmo, mais ai eu não sabia como ser pai, a minha esposa falou: pega. E ai foram os terapeutas que me ajudaram, uma força de vontade muito grande..

MARIELA - Tu enxergas um marco, quando deu o clic, quando aconteceu essa mudança?

ARTUR - É, não é um clic imediato quando você vê fala puxa to dando conta, e é uma surpresa. Eu antes não dava. Quando você chega e fala: você tem a responsabilidade de cuidar. AS vezes eu nem queria ir na escola, a diretora chamava e eu tinha pavor a um tempo atrás. Ai falei não, eu tenho que ir e tenho que saber o que é, eu tenho que educar esses meninos, eu sou o pai deles. E se eu não tive um exemplo de como é ser pai, eu vou conversar com meu cunhado, com as pessoas que são pais.

M -Isso foi antes de tu entrares no Pathwork?

ARTUR - Aí eu já fazia. A Rita me ajudava muito. E aí interessante que eu ia, olhava: trabalho com as imagens, trabalho com qualidades e defeitos e tal, aí eu fui me conhecendo um pouco aí eu fui vendo que pô não é tão difícil, vai vindo uma confiança.

E eu sou espírita, eu fiz vários trabalhos, vários tratamentos espirituais, eu fazia ia, tomava passe, participava das aulas, eu sempre fui muito de buscar ajuda mas tudo graças à minha esposa que ela é mais buscadora que eu. E depois de um tempo eu percebi que não precisava mais ela falar, ela falava: vai, marca uma na Rita, vai La na Rita, e depois hoje já não precisa mais, eu já to cuidando de mim. E aí chega um momento que você sente algo da uma vontade: fala po to dando conta, não era tão assim como eu achava que era, vai vindo, não da pra precisar o momento exato, mas você sente a diferença, uma novidade, pra mim foi novidade: ah quando acontecia isso eu sentia tanta raiva agora não sinto mais... sentia tanto medo disso, agora, vai te dando mais segurança.

MARIELA - A decisão é da busca, mas a mudança acontece... não é hoje eu vou decidir e a mudança vai acontecer amanhã.

ARTUR - Não, não é assim, igual o Guia fala é orgânico, você vai trabalhando e daqui a pouco voce vai vendo que a coisa vai acontecendo e que não dava conta antes.

MARIELA - Tu já me falaste o que o Pathwork contribuiu na questão pessoal e também falaste um pouco na questão profissional. E nas relações falando da questão profissional, tu também vê a mudança?

ARTUR - Sim, sim, nossa senhora! Primeiro as figuras de autoridade. Eu tenho 20 anos de tribunal e até pouco tempo atrás eu não me sentia parte do tribunal ainda. Risos

Eu questiono todas as decisões das autoridades e acho que elas estão erradas, equivocadas, eu vejo uma, aí eu faço as projeções, as transferências, eu vejo eles muito focados neles, o administrador não pensa no corpo, pensa nele, quer inaugurar uma obra e quer botar uma placa com o nome dele e ele não quer melhorar a situação do judiciário, não quer tornar o processo mais rápido, e eu sempre tive ideias, eu lembro que todo o concurso que tinha: premio melhores ideias, eu participava com um monte de ideias, só que nenhuma era implementada. E hoje eu já vejo algumas sendo implementadas, mas sem aquela ânsia que eu tinha antes. Então com o Pathwork hoje eu consigo ver com quais as figuras que eu faço transferência, os meus chefes, pai e mãe, com relação a minha imaturidade emocional, a minha criança que quer tudo e não quer dar nada em troca, eu vejo a minha máscara, fingindo ali que to fazendo alguma coisa mas que no fundo tem uma negatividade contida nessa boa ação e que antes eu ficava invocado quando algo que eu sugeria não era feito, mas hoje eu já olho e percebo que eu to tentando fazer alguma coisa e tem uma vantagem pra mim, aí eu já fico com vergonha(risos) e isso tem me ajudado aí eu olho pros colegas, olho pros chefes, olho pra todo mundo, isso HOJE, e eu já consigo liberar eles mais, eu já consigo sabe, respirar tranquilo, dar o meu melhor independente do que retornar, pelo prazer de dar o meu melhor, ser um servidor realmente atento, que eu possa servir realmente o publico no que ele precisa, e eu consigo... interessante: lá no Tribunal vários colegas já tão fazendo e essa turma que a Rita abriu agora muitos queriam entrar e não tem vaga. Porque às vezes eu to lendo alguma palestra, ou escutando as palestras gravadas e o pessoal vinha e perguntava, eu mandei muitos alunos pra Rita! E eu acho bacana isso! E aí eu começo a ver, o que é realmente importante na vida é esse trabalho de a gente se conhecer, não é a função que eu tenho, o cargo que eu exerço, isso é coisa do Ego!

Aí eu consegui ver qual o objetivo que tinha por trás de eu quere ser Juiz, eu queria o poder! Eu queria dar uma ordem e ninguém questionar, porque quando eu vi que a justiça que eu buscava essa num processo não tem. Porque um processo judicial é uma parte contando uma história que muitas vezes não é verdade, que a gente vê isso nos bastidores, o outro vem conta outra tentando ver se engana e você juiz no meio tentando não ser enganado por ninguém. A justiça mesmo a verdade real essa nesse processo judicial nosso hoje, isso não. Então eu penso poxa, se eu puder fazer algo mais interessante, seu eu puder fazer alguma coisa pra ajudar as pessoas. E aí eu fui fazer uma coisa que eu adorava já a muito tempo e não fazia a muito tempo que foi estudar a musica. Fui aprender violoncelo, então hoje assim eu me considero...! Hipertenso desde novo, sempre fui desde criança, uma hipertensão, controlada com remédios, mas hoje essa hipertensão reduziu muito, quando eu saí da área fim do tribunal só fui diminuindo a dosagem, hoje tomo a dosagem mínima, inclusive fiz um checkup semana passada, a médica ficou maravilhada, perfeito!

MARIELA - Chegaste a levar isso para o trabalho do Pathwork?

ARTUR - Olha, sobre a hipertensão, teve um módulo que eu percebi o seguinte: isso ta associado à morte do meu pai. Porque quando chegou a morte do meu pai, ele já estava no hospital, e eu tava dormindo com a minha mãe na cama dela, porque a gente sempre dormia à tarde, e a minha tia bateu na janela, aí minha mãe falou ihh, deve ser algo sobre o seu pai. Porque ninguém acordava ela, então deveria ser algo importante. A minha mãe desmaiou, aí eu fiquei assim, aí eu tava folhando uma revista, e começou a chegar um monte de

gente pra socorrer e tal, e eu ali e ninguém me pegou. Eu queria ter sido pego por alguém, protegido, acolhido, alguma coisa.

Então eu tava folhando uma revista, olhando fotos de carros, lembro como se fosse hoje, eu tinha 7 anos, quase 40 anos depois, e falei porque existe essas coisas aqui, não tem sentido nenhum existir mais nada disso. Então com um trabalho posterior eu vi que se eu relaxar algo de ruim vai acontecer. Até hoje eu sinto isso.

MARIELA - Mas hoje tens mais consciência de que ela serviu pra isso?

ARTUR - É exatamente, mas eu consegui fazer essa ligação: eu fico tenso porque se eu relaxar... olha eu tava dormindo, quer momento mais relaxado quando a gente tá dormindo?

Foram muitas coisas, muitas coisas, quando eu era mais novo eu carreguei uma culpa muito grande, quando eu tinha 5 anos, meu pai ainda era vivo, meu terapeuta me ajudou muito, o Pathwork também, a Rita me ajudou muito. Eu ia pra cama da minha mãe tocar nela, e isso me fez sentir a pior das criaturas, porque isso tava enterrado lá... daí uma vez num trabalho do Pathwork isso veio, aí eu lembrei... mas eu me senti a pior das criaturas.

E aí a Rita e o meu terapeuta também falaram não, isso é normal, criança tem curiosidade... e aí a Rita me fez ir para aquele momento de novo algumas vezes, e realmente eu não vi aquela coisa ruim que eu achei que era, era uma criança curiosa, era bom aquilo de fazer escondido... eu carreguei aquela culpa muitos anos.

E tinha alguma coisa entre eu e a minha mãe, porque eu fui amamentado até os 6 anos de idade, e eu tinha um ódio muito grande daquilo, porque a minha mãe me expunha, contava pra todo mundo. Aí teve uma vez aqui, na casa do meu cunhado, ela gostava de contar, aí eu já fazia Pathwork, eu cheguei olhei pra cara de todo mundo, todo mundo rindo.

Aí eu falei assim: engraçado né, precisou uma criança de 6 anos ter a lucidez de falar pra parar, porque eu que não quis mais mamar. Aí ficou todo mundo me olhando e eu saí. Aí eu me estranhei porque sempre ouvi e fiquei calado. Quando eu comecei a olhar eu pude ter acesso a toda a raiva que eu senti da minha mãe, e fui me libertando.

E sobre a perda do meu pai, eu perdi alguém importante, que eu queria muito ouvir, saber o que fazer, ouvir conselhos, como fazer...

Aí os colegas da formação falam: não Artur, você fez as escolhas certas cara!

Hoje eu já posso saber o que eu quero hoje eu já posso fazer as minhas escolhas. E a minha dificuldade MARIELA, é que as pessoas eu ficaram próximas a mim, eu era pequeno já mas eu sabia que eu não podia fazer as coisas que eles faziam, se não eu estaria preso, seria um fora da lei. Eu tive que ter cuidado pra não ir pro outro lado, porque as figuras que ficaram, todas, tios...

MARIELA - Tu tiveste que ser o teu juiz?

ARTUR - É e isso só fez que eu me fechasse mais. O esporte me ajudou, porque aí eu fui jogar voleibol. Chegava da escola, final de semana. Ser atleta me ajudou conviver com um ambiente bem saudável, e isso até me ajudou na minha hipertensão, porque eu não sabia que tinha na época porque o voleibol me ajudou a controlar. Quando eu cheguei aqui que eu parei de jogar é que ela começou a apresentar, então tive que tomar remédio, porque a atividade física mantinha minha pressão estável. Então eu vejo muita dor lá pra trás, muita dor, e hoje eu ainda vejo que essa criança ainda quer alguém que diga a ela o que fazer.

Aí esses dias eu fiquei chocado com a minha obstinação, aí eu fazia uma associação equivocada que por eu ser da serenidade eu não tinha obstinação, aí eu: Rita, obstinação não é do Poder?E ela não, Artur, todos nós temos! É do eu inferior.

Aí eu percebi que isso é tão forte. Ontem ao acordar eu percebi o quanto eu faço as coisas só focado no que eu penso, no que eu quero. E graças a Deus eu consegui olhar pra minha esposa e falar isso. Eu sei que as vezes mexe com ela porque uma verdade, só porque é verdade não quer dizer que o outro vai ouvir e ficar tudo bem. Mas eu já tenho um grau de liberdade com ela que eu pude me abrir, me expressar pra ela. 13 anos de

casado não teve uma vez sequer que eu me preocupei de verdade com o que ela ta sentindo nas coisas que eu quero fazer, nossa isso me chocou demais! Daí eu vi que não foi só com ela, eu vi com todas as pessoas que eu fiz isso. E aí eu disse: a partir de agora, e foi a partir de ontem, eu vou olhar, eu vou enxergar o outro, eu nunca enxerguei ninguém, e essa verdade dói pra caramba. Na hora eu fiquei profundamente emocionado, e eu senti quando eu falei isso, que agora tem, e eu até usei essa expressão: agora tem um soldado aqui dentro. E essa vontade, essa obstinação, ela vai ter um freio, as outras pessoas tem sentimento, respeito, e isso me fez muito bem, saber que agora eu mesmo posso conter esse impulso forte de que seja do meu jeito, e vou abrir mão, experimentar fazer diferente, a sensação que eu tenho agora falando pra você é que eu vou ser aniquilado se eu fizer diferente, mas eu to disposto.

MARIELA - Há quantos anos fazes Pathwork?

ARTUR - Comecei em 2004 até 2005, e voltei em 2007. No mínimo 4 anos.

MARIELA - E relataste que ontem tomou a decisão que agora te sentes em condições com todo esse processo, como enxergas isso?

Eu agora enxergo, até falei pra minha esposa, graças a Deus eu tive essa percepção aqui, porque a primeira pessoa que eu queria enxergar é ela, porque ela representa tudo exatamente, ela é a pessoa que fez esse compromisso de me resgata e você estar me resgatando, porque eu sou espírita.

MARIELA - O que entendes por espiritualidade?

ARTUR - É a verdadeira vida, é tudo que ta fora da matéria, é a vida, a essência, onde nós como seres criados a imagem e semelhança de Deus podemos nos movimentar pelo universo de acordo com nosso nível de consciência, podemos fazer parte, trabalhar dentro dessa obra de Deus, não nem noção de como isso seja, mas sei que não é aqui, eu sei que aqui é uma esfera onde nós criamos, no nosso nível de consciência dualista, criamos, porque aqui a gente experimenta a dualidade em todos os aspectos. Bem, mal, noite, dia, porque o espírito não tem sexto, o ativo e passivo tudo é inerente ao espírito. E aqui a gente vivencia que o homem é ativo, razão, e a mulher é passiva, emoção. E não é nada disso, nós somos misturados, tudo faz parte da nossa essência espiritual, eu entendo que há leis espirituais regendo o universo, e uma vez que a gente aceita essas leis e viva de acordo e de o melhor como espírito eterno pro universo é a verdadeira razão de ser da nossa criação, a vida espiritual seria todas essas dimensões superiores diferentes da matéria, a matéria é condensada, é um estado transitório.

MARIELA - E percebes alguma contribuição do Pathwork no teu desenvolvimento espiritual?

ARTUR - Sim, porque o Guia ele fala sempre nas leis espirituais, tem ate uma palestra que ele fala: você não respeita a lei da gravidade, então porque não respeita a lei de pagar o preço? Tantas leis espirituais que tem né, porque você não respeita isso, porque você quer o máximo e não quer dar nada? Tem me ajudado sim, e uma das coisas que eu to aprendendo é que a visão que eu tinha de Deus era sempre um ser fora, eu aprendi que a projeção, imagem que eu tenho de Deus é a imagem que eu tenho dos meus pais, e eu sempre achei que Deus não é pra mim, exatamente como meu pai não é pra mim, não vou ter ninguém pra me orientar, pra cuidar, então eu sempre vi dessa forma, Deus é pros outros e não pra mim. E hoje eu já tenho a concepção e hoje eu vivencio isso, Deus ta aqui dentro.

Quando eu fui pra esse modulo agora, o modulo 4, perguntaram qual a sua pretensão: eu falei que quero ter uma experiência verdadeira com Deus. Aí eu tava esperando algo fantástico, extraordinário, mirabolante! Então lá no intervalo no cafezinho, a Iná falou assim, interessante, a nossa mente fica esperando algo extraordinário, é uma armadilha, enquanto às vezes num dia você num dia tem varias experiências com Deus, você não percebe porque a sua mente está esperando algo... e nessa conversa eu percebi, aí eu comecei a olhar dentro, em cada detalhe, e realmente eu consegui começar ver realmente essa essência divina dentro de mim, dentro, fora, em todas as pessoas. E não essa figura que está fora que eu preciso chegar e olhar pra estrela pra fazer uma oração e então era assim que eu fazia antes.

MARIELA - Alguma coisa a mais que gostarias de trazer?

ARTUR - Eu tenho vontade de trabalhar com o Pathwork, as vezes eu acho que eu teria que fazer psicologia, hoje eu não me sinto em condições, mas eu sei que se eu estudar as palestras, mergulhar, fazer um trabalho de transformação mesmo, trazer o Maximo de material do inconsciente, olhar, pegar esse material, trazer pra luz, analisar, observar minhas reações, cada sentimento que eu tenho em relação a determinada pessoa, cada reação emocional, ver o que a vida ta me mostrando, ficar atento, e é uma grande oportunidade pra olhar em volta, olhar o que esta por trás da raiva que sinto de alguma pessoa por exemplo, aprofundar, vai, vai olhar mesmo, pra dentro, pra chegar nesse ser de luz que nós somos, e lembro agora da queda, eu questionei as leis divinas e quis fazer por minha conta, sobrepondo camadas e mais camadas de ilusão, que é o nosso eu inferior, e que esse é o trabalho do Pathwork, é a proposta dele, não tem como chegar nesse ser de luz sem passar por esse ser de sombra, eu vou ter que transformar, não existe o mal, existe a energia do bem distorcia, eu que distorci então eu que tenho que fazer essas energias fluírem nos canais certos, observando, olhando minhas tendências, meus pensamentos, estar atento, ai eu vejo a vida com outros olhos, a vida tem muito sentido, pra mostrar pra gente a cada momento quem a gente é, de onde viemos, pra onde estamos querendo retornar, exatamente pro seio de Deus.

E eu descobri que o meu *orgulhão* mesmo brabo é porque eu tenho que botar o rabinho entre as pernas e falar poxa eu questionei o senhor, Deus, agora eu vou ter que voltar de cabecinha baixa porque não era nada daquilo que eu imaginei que fosse, mas aí é um orgulho, eu posso sim porque o Guia fala que Deus não faz distinção. Essa essência divina dentro de cada um de nos é a garantia de que nós vamos voltar, e eu sinto que estou fazendo esse caminho de volta, sei que tomando consciência da minha natureza negativa e da minha positividade do meu eu superior e dessa força que eu posso estar pedindo, transformando e me purificando em cada parte minha que eu precise passar por esse processo.

Não sei quantas vidas eu vou demorar, mas eu to disposto!

ARTUR - Eu vejo o Pathwork como algo que deveria se ensinar na escola, e eu acho que um dia a gente vai aprender que nós somos seres emocionais e acho que essa é uma tendência. Vai chegar um ponto em que o sistema atual precisa ser reformulado realmente porque só no intelecto... a gente vê desenvolvimentos fantásticos, que nem lá no Japão, tem uma tremida e nos não sabemos como lidar, porque o emocional não é desenvolvido, algo tem que ser repensado de uma forma que os fins não sejam só os econômicos. Mas esse estágio todo, o que o Path tem me ajudado, é que eu faço parte de tudo isso que eu condeno. Eu sempre me exclui, não eu sou parte, eu não sou melhor. Tudo isso, o que ta acontecendo La no Japão é uma parcela minha, eu tenho que ter a compaixão, o sentimento que são irmãos meus, e não: ah ainda bem que é lá e não aqui.. isso é separatividade! E não exclua isso, é uma parte nossa.

MARIELA - Obrigada pela tua entrevista.

## **ENTREVISTA 2 – 04/04/2011 - Beatriz**

MARIELA - O que é o Pathwork pra ti?

BEATRIZ - O Pathwork é o autoconhecimento que eu busquei numa fase difícil de inflexibilidade na minha vida.

MARIELA - E como foi o teu primeiro contato com o Pathwork?

BEATRIZ - Na verdade foi uma amiga minha que comentou comigo há quinze anos atrás a respeito do Pathwork e ela falou: você vai gostar e você precisa fazer. É um trabalho profundo que nessa fase da tua vida é importante você buscar.

Eu morei uma época em Salvador, foi um bocado difícil a aceitação do local, da maneira que o povo vivia lá, da tranquilidade que eles tinham, eu não conseguia me sociabilizar, e tive muita dificuldade de aceitação dessa mudança, porque era uma época em que a gente estava muito estabilizado morando em Sorocaba e

tivemos que ir pra lá. Eu procurei o Pathwork só que eles não tinham ainda grupo formado, e eu achava que a cidade não me aceitava de jeito nenhum e foi aqui em Goiânia que eu consegui começar o Pathwork.

MARIELA - Depois de Salvador vocês vieram pra cá?

BEATRIZ - Isso, primeiro foi Curitiba, Caxias do Sul, que foi mais fácil a aceitação porque eu não tinha filhos ainda então a minha carreira fluiu melhor, e a aceitação de quem mora em algum lugar pra ir pro Sul eu acredito que é mais fácil, pelo menos pra mim foi, agora sair do Sul ou Sudeste e vir pro Nordeste, Norte ou Centro-Oeste, aí a cultura é muito diferente, então a minha inflexibilidade apareceu muito aí. E foi através de autoconhecimento que eu consegui me adaptar e ter aceitação e aproveitar o que era bom nas regiões que eu morei.

MARIELA - Começaste o Pathwork aqui em Goiânia há quanto tempo?

BEATRIZ - Três anos.

MARIELA - Sem interrupção?

BEATRIZ - Sim, mas na verdade eu to me aprofundando muito mais neste ano, talvez os dois últimos anos eu tava focada em outros problemas e não no Path e foi nesse ano que eu resolvi realmente estudar, porque eu achei que estava levando muito na flauta, achei que se eu não me aprofundasse o aproveitamento emocional, para minha estabilidade emocional ia ser muito fluído, e a Rita possibilitou isso. Mesmo não fazendo todas as tarefas eu comecei os módulos.

MARIELA - Começaste a formação?

BEATRIZ - Isso a formação. E eu não tinha a persistência de fazer todas as tarefas, aquilo pra mim era muito pesado eu não conseguia encarar direito os textos, eu não assimilava, e a partir desse ano que eu entrei, a produção pra mim foi crescente.

MARIELA - A que tu atribuis isso. Teve alguma coisa que aconteceu na tua vida que tenha contribuído?

BEATRIZ - Sim, as situações de vida sim, minha filha teve um câncer tireoidiano há cinco anos atrás e agora depois que ela estabilizou a parte emocional dela, porque ela teve problemas com depressão e alguns transtornos obsessivos compulsivos, e eu percebi assim: a hora que ela estabilizou um pouquinho eu consegui pensar mais em mim, acho que esse foi o fator fundamental, e sei que eu me fortalecendo eu posso ajudá-la muito mais.

MARIELA - Que idade ela tem?

BEATRIZ - Hoje 20. Teve com 15 anos. E ela mora em SP, minhas duas filhas moram lá. E isso também fazia com que eu não tivesse tanto estímulo para ficar parte do meu dia voltada ao Path. Agora eu to me organizando mais.

MARIELA - E a tua outra filha é mais nova que ela?

BEATRIZ - É mais velha, ela já se formou tá trabalhando, ela faz Path, ela ia pra terapia desde que ela começou morar sozinha em São Paulo. E eu falava tanto do Path pra ela, e a própria terapeuta dela abriu um grupo e Pathwork, ela começou e gosta muito. Graças a Deus! Só falta a mais nova agora ir pro Path também!

MARIELA - E ela está emocionalmente acompanhada agora?

BEATRIZ - Sim, ela na verdade chegou a ir pra terapia e psiquiatria também, porque o desequilíbrio que ela teve foi muito intenso, mas com a psiquiatria ela não se deu bem, foi pra medicamentos ultra fortes, foi uma violência com ela, e aí também o desequilíbrio comigo foi muito grande. Agora ela tá só com terapia, tomando medicamento mas pra controlar a ansiedade violenta que ela tem, ela não se percebe se enterrando em comida, ela come 3 ovos de páscoa num dia, mas agora ela tá equilibrada também?

MARIELA - E com isso tu te permite ir em busca também?

BEATRIZ - Exatamente, cada vez que eu leio uma palestra eu enxergo um ponto que eu preciso ir mais a fundo e preciso trabalhar. Mesmo quando eu volto na palestra depois de um ponto, eu encontro outro ponto que eu preciso também trabalhar, eu vejo que as palestras são infinitas, por mais que você leia você não

consegue enxergar tudo o que ele te oferece, é um material que eu guardo...eu posso dividir mas aquele material tem que ficar comigo também!

MARIELA - Já falou um pouco, mas gostaria de saber se há algo mais que gostaria de colocar a respeito de se percebe o Pathwork contribuindo no teu desenvolvimento pessoal.

BEATRIZ - Aceitação que eu tenho da vida hoje dos entraves da vida, das mudanças que tanto a gente passou e aceitar de uma maneira mais interna porque às vezes você comenta que gostou, aceita, e no fundo você não aceita 100%, você tem essas diferenças culturais, você não consegue aceitar a postura das pessoas, na maneira que elas tratam os outros numa cidade ou perante a vida. Isso eu percebo quanto eu tenho mudado para aceitar até um carro estacionado em cima da calçada, porque isso me incomoda tanto, a pessoa passar um sinal fechado, eles nunca tiveram essa cultura de respeito, então é um problema cultural que eu tenho que trabalhar em mim e essa aceitação o pathwork ta cada vez mais fixando em mim e dando a possibilidade de entender o outro. Inicialmente a minha revolta era muito grande, eu brigava com as pessoas na rua, e isso me fazia muito mal, porque o outro não tava nem preocupado, achava que eu era louca! Essa aceitação eu comecei a ter, e olhar para essas pessoas de uma maneira mais piedosa, falar coitado, ele não teve a possibilidade que eu tive de entender que isso talvez fosse um erro, mas eu tenho que ter aceitação dessa limitação dele, e isso que eu trabalho hoje em mim, acho que é difícil e acho nuns 7 anos de pathwork que eu vou conseguir me livrar dessa aceitação, é um trabalho de anos e acho que vai ao longo da minha vida. Respondi?

MARIELA - Respondeu. Só complementando isso como vê as mudanças nas tuas relações, com essa resposta trouxeste a relação contigo. E as demais?

Hoje eu vejo que as pessoas me buscam para me colocar numa questão familiar e me perguntar como que eu resolvo, como se eu fosse uma psicóloga, porque eu acho que você acaba desenvolvendo um bom senso, quando você tem o autoconhecimento me dá um discernimento maior. Elas me procuram e sempre tão me requisitando até pra formar parcerias em negócios, como se fosse uma parte RH. Familiarmente, quando eu vou a São Paulo, eles me chamam pra isso e eu vejo que eu tenho que estar presente. Eles marcam uma vez por mês e uma vez por mês eu vou pra São Paulo pra eles me pedirem opinião a respeito de uma decisão.

Hoje eu vejo que eu sou uma pessoa muito mais leve, eu não questiono muito comportamento do outro eu tento aceitar mais, mesmo achando que não é o mais certo

MARIELA - Tu atribuis essas demandas deles à tua mudança de atitudes?

BEATRIZ - Isso! Sem duvida, eu até coloco isso pra eles, eu consigo ver isso em vocês em função do Pathwork que esta me dando uma clareza na vida muito grande, coisa que eu não conseguia perceber a alguns anos atrás.

Então acho que essa busca interna pra esse autoconhecimento já é uma necessidade que você tem pra resolver alguns planos da tua vida principalmente os familiares, e a aceitação dessas diferenças familiares, no momento que você tem o autoconhecimento você consegue entender o porquê que as pessoas agem de uma determinada forma ao longo da vida, sendo que tem 50, 60 anos e continua repetindo aquilo. Então o que eu busco também no autoconhecimento também é passar alguma informação que eu aprendi ver se aquela pessoa esta no momento de aceitar aquela informação que eu aprendi.

MARIELA - Tu citaste anteriormente sobre as mudanças da cidade, e falou que a tua questão profissional lá fluiu melhor por não teres ainda filhos, como é isso hoje e como vê a influencia do Pathwork nesse aspecto?

BEATRIZ - Hoje eu percebo que quando minha filha mais velha foi pra SP, eu estava com minha filha mais nova em Salvador, e foi diagnosticado o câncer tireoidiano nela. Meu marido já estava aqui em Goiânia. O que eu percebo é que eu não conseguia lidar com a situação com uma clareza muito grande. Primeiro que eu tive 1 ano e meio de não aceitação, foi depois de ano e meio que eu percebi e foi através do autoconhecimento que eu dizia: ela teve câncer.

Porque pra todo mundo eu falava não ela tem que tirar um nódulo se não vai crescer, e todo mundo sabia que era câncer, mas eu não dizia e não aceitava que era um câncer. E uma questão muito forte minha foi que eu esquecia a mais velha, foi quando ela teve que procurar ajuda terapêutica foi quando eu perdi a minha mãe, depois nós perdemos uma cunhada depois de uma cirurgia, e a minha filha passou todo o sofrimento dela junto com os primos, sozinha! E eu cuidando da mais nova em Salvador e depois aqui em Goiânia. E isso foi uma coisa que me doeu demais, eu ter esquecido da mais velha achando que a mais nova já tava autossuficiente, e eu voltada totalmente pra mais nova. As duas precisavam ainda de mim. E isso foi um desequilíbrio enorme que eu não conseguia enxergar, e o Pathwork fez eu enxergar tudo isso e ter aceitação, falar ela teve câncer, e hoje eu falo: você fez o tratamento, você teve um choque muito grande com a mudança, porque ela tava toda estabilizada morando em Salvador, com 15 anos, foi na época que desenvolveu o câncer nela, mas eu nunca tive aceitação até o momento de eu ter um contato mais intenso com o Pathwork. É a ajuda que eu precisava no momento. E não procurei terapia, engraçado, foi uma entrada espontânea no Pathwork pra poder entender todo esse processo que tava acontecendo.

MARIELA - Nunca fizeste terapia?

BEATRIZ - Não, engraçado que não. Mas fiz no passado, quando essa minha mais nova nasceu ela deu uma desequilibrada, porque eu trabalhava, e ela trocava a noite pelo dia e eu não conseguia mais conciliar as duas coisas e isso foi difícil pra mim e pra ela, e foi quando eu procurei terapia e fiquei um ano na terapia mas depois disso foi só o Pathwork. Se eu tivesse feito uma sessão individual pelo Pathwork, acho que seria muito forte pra mim, eu tinha resistência, eu ia desmontar muito rápido, então o Pathwork me dava uma aceitação mais lenta da situação. Eu dava dois passos pra frente e dava um pra trás, mas conseguia evoluir um pouquinho, mas essa lentidão é o que eu precisava na minha vida, o meu ritmo era lento pra aceitação e o Pathwork fez eu entender, dar essa aceitação a tudo o que estava acontecendo mais lentamente. Acho que eu não tava preparada emocionalmente pra enfrentar uma terapia, porque eu sei que talvez eu ia me deprimir um pouco, e com o Pathwork a minha aceitação era de acordo com a minha frequência.

MARIELA - O que entendes por espiritualidade?

BEATRIZ - Hum, meu Deus do céu! Olha, eu não entendo muito de espiritualidade não, eu acho que é um trabalho mais de alma, é um trabalho que eu consegui entender tudo o que tava acontecendo na minha vida, o que acontece na vida das pessoas, o porque que aquilo ta acontecendo, as perdas momentâneas, as perdas fora da época, você ter uma perda, você ter um rompimento de alguma coisa que aparentemente tava indo bem, o porque desse rompimento, acho que espiritualidade dá um entendimento melhor do porque que você teve aquele rompimento num momento da tua vida, uma questão mais brusca, a espiritualidade faz você entender isso.

MARIELA - Tu achas que o Pathwork contribuiu para o teu desenvolvimento espiritual?

BEATRIZ - Acho que o teu desenvolvimento espiritual com o Pathwork dá uma leveza de alma, você acaba tendo aceitação de perdas com uma leveza maior, como eu perdi essa minha cunhada que era uma irmã pra mim, faz 3 anos, foi em fevereiro que ela faleceu, eu demorei um ano e pouco pra entender porque ela tinha ido embora.

MARIELA - Foi algo muito brusco?

BEATRIZ - Muito brusco, muito, foi uma cirurgia de redução de mama que ela buscou a vida inteira, já tava com problema de postura e aí ela fez uma embolia pulmonar, e isso eu chorei durante um ano inteirinho, ate eu entender o porque que ela foi embora, e ela dava uma desestabilizada na família, hoje a família ainda esta tentando se estabilizar mas você percebe uma espontaneidade muito maior, uma clareza muito maior na família depois que ela foi embora. Foi muito interessante isso que ta acontecendo, inclusive um sobrinho se revelou gay depois que ela foi embora, e ele disse que nunca teria se revelado enquanto a mãe dele estivesse viva. Ate o pai que é muito machista aceitou muito fácil, a mãe não aceitaria nunca, então essas coisas vão aparecendo ao

longo disso, então hoje eu entendo a parte espiritual da ida dela, o porquê, o que que aconteceu. Não entenderia se o Path não tivesse na minha vida. Sempre eu ia colocar a minha revolta em alguns momentos da minha vida se não fosse o Path, acho que é isso, mas nunca fui envolvida.

Inclusive ela frequentava centro espírita semanalmente. Ela tava muito preparada para ir embora, interessante isso né. Mas é o que eu entendo de espiritualidade, não consigo te falar mais não.

Uma vez eu sonhei com ela 5 meses depois da morte dela, eu sonhei com ela, ela tava toda envolta num pano lilás, e ela ria, ria de mim, e dizia: pára de chorar Lucila, eu to aqui do lado de vocês o tempo todo! Menina, foi tão forte pra mim (muito emocionada, chora).

MARIELA - Mas é realmente muito difícil, por mais que se tenha todo o entendimento, é difícil. O entendimento traz o conforto, mas não traz a ausência da dor.

BEATRIZ - Exatamente. Nunca eu tive um sonho tão forte, mesmo com meu pai e a minha mãe, e o dela foi muito forte!

MARIELA - Lucila, e sobre o grupo, como tu vê esse trabalho realizado em grupo, como é a influencia do grupo que participas no teu desenvolvimento, essa interação, fala um pouco sobre isso.

BEATRIZ - Bom, eu acho fantástico como o grupo traz conhecimento pra gente, como as vezes a gente não consegue enxergar coisas na gente que o outro comenta, entra num processo de descoberta, e esse processo é o seu processo também. Toda a vez que a gente tem aula sempre tem um momento que um descobre o outro, se descobre no outro, agora o interessante que eu vivenciei nesse grupo nosso, é uma pessoa que saiu em função de outra. E essa pessoa disse que não vai voltar pro grupo enquanto tiver a outra. E o interessante que essa uma que saiu exigiu que a nossa orientadora fizesse alguma coisa! Tirei aquela outra! E essa que saiu é uma psicóloga renomada, você vê o quanto que ela tem ainda pra trabalhar pra entender o quanto que a outra incomoda e porque incomoda tanto. E eu adoro quando entra gente nova, e talvez ate porque eu não me abra tanto como as outras pessoas. Tem pessoas que tem muita facilidade pra se abrir, eu não tenho tanta facilidade pra me abrir, mas eu gosto muito quando mesclam os grupos, quando vem pessoas com outras experiências, pra mim é uma riqueza muito grande, mas eu vejo que tem gente que reage quando entra alguém, agora o fato mais interessante, já me perguntaram se nunca teve atrito no grupo, e essa situação que falei anteriormente acho muito interessante a pessoa não enxergar o que ela tem que trabalhar, e é uma psicóloga renomada aqui em Goiânia. Ela não conseguiu entender isso.

Como a gente queria trazer o mundo né, pro Path, a vontade que a gente tem, meu Deus como eu gostaria que meu marido, sabe, tivesse essa oportunidade, pra ele sentir um pouco mais de leveza na vida. Você quer levar todo mundo, principalmente pra que esta do seu lado!

E outra coisa, você começa a descobrir o que você gosta, o que te faz bem, os prazeres! Eu falo pras meninas, vocês moram perto do parque do Ibirapuera, as vezes elas tão meio *down*, eu digo vai caminhar! Eu tenho um prazer enorme de pegar o meu radinho e ir dar uma volta no Areião, aquilo me alimenta a alma! Ta vendo são coisas que a gente descobre que você não sabia, não conseguia ver isso antes do Pathwork, o que te dá prazer, acho que isso te rejuvenesce, você ter esse entendimento, essa clareza maior.

MARIELA - Que mais, algo que gostarias de falar?

BEATRIZ - Uma coisa que eu aprendi também é: as vezes as pessoas me confidenciam alguma coisa e eu guardo pra mim e não comento com mais ninguém, porque muitas vezes eu tinha tendência de comentar com as pessoas como eu recebi aquela informação, e isso não fazia bem pra mim depois que eu comentava e a pessoa expunha a opinião dela e eu tinha um entendimento totalmente diferente, aquilo me fazia muito mal. E hoje quando as pessoas contam as coisas pra mim mesmo que eu não concorde ou... eu aceito mais. É uma coisa que o Path trouxe muito forte pra mim também, eu aceitar mais o posicionamento do outro sem julgamento, simplesmente aceitar e guardar aquilo pra mim, sem fazer um comentário com ninguém mais, ter aceitação de como é aquela pessoa. E de uma coisa eu tenho certeza, eu nunca vou parar de estudar o Pathwork, não pra

formar grupo não, não tenho essa intenção, mas nunca vou parar de estudar. A hora que eu terminar a formação, talvez eu comece tudo de novo, não vou parar nunca, é como se fosse uma terapia, mas não de catarse, uma terapia de autoconhecimento, acho que você cresce muito com isso.

### **ENTREVISTA 3 – 11/04/2011 - Clarisse**

MARIELA - O que é o Pathwork pra ti?

CLARISSE - Desde que eu conheci o Pathwork ele tem sido uma das minhas maiores razões assim, de vida, eu redescobri uma Clarisse nova a partir do Pathwork. Eu brinco com a minha terapeuta, que eu aterrissei nesse mundo depois do Pathwork e com tudo o que eu venho descobrindo, obviamente com todas as questões que depois do pathwork eu venho tomando consciência de mim mesma. Então hoje eu não conseguiria imaginar o meu dia a dia, minha vida, não só sem o que eu já aprendi, mas também não conseguiria me imaginar mais evoluir dentro disso. É um caminho que quando a gente lê os folders e que a gente lê sobre o pathwork que fala sobre a questão do caminho, da evolução, a espiral do crescimento, que é um caminho transformador, eu simplesmente sou a experiência viva disso. Os feedbacks que eu recebo são quase diários, hoje mesmo tu foste uma que me trouxe uma observação (como Clarisse não é uma pessoa das minhas relações diretas, mas a vejo ocasionalmente, percebi uma grande mudança física e também um ar de amadurecimento e levei isso a ela) que outras pessoas já me fizeram, e com certeza isso eu devo ao pathwork.

MARIELA - Como foi o teu início no Pathwork?

CLARISSE - Então, o início foi bem difícil, eu procurei o path porque eu tava muito mal, aquela crise que a máscara não tá dando conta mais, na época eu nem sabia, não tinha consciência disso, numa crise pessoal muito forte, eu tinha me separado do meu marido, de uma relação de 7 anos só que de um casamento de 6 meses, que foi bem difícil pra mim tomar essa decisão, mas eu tinha tomado ela já antes de conhecer o path, em seguida disso eu me envolvi fortemente com uma pessoa e acabei não conseguindo administrar a relação nem, dessa pessoa nem, com meu ex-marido, nem com minha família, que meu pai e minha mãe estava super envolvidos, e eu tava numa crise pessoal muito forte, eu tava desesperada. Eu não fazia terapia individual seguindo a linha do path, eu percebi que só a terapia individual não tava dando mais conta e eu precisava de algo... sabe aquela coisa de ir pra benzedeira, pra casa espírita, busquei ajuda em casa espíritas, fui em mais de uma, nunca tinha ido e tava realmente desesperada, eu não encontrava aquele acolhimento que eu tava buscando. E a minha irmã na época fazia estágio na Santa Casa com a Jaqueline, que é a minha facilitadora, do meu grupo, e na época a Jaqueline divulgou o grupo pra minha irmã, me convidou pra ir com ela, no dia que ela foi eu preferi não ir, não misturar isso com o relacionamento de irmãs, e umas semanas depois eu fui pra conhecer o que seria. Foi bem engraçado que tinham 4 pessoas que tinham confirmado a presença naquele dia e só eu fui. Então eu recebi toda a explicação numa qualidade absurda porque era só pra mim, e foi um momento muito mágico porque foi instantâneo, eu lembro como se fosse ontem, eu lembro dos detalhes do consultório, eu lembro da decoração da sala, e foi amor a primeira vista, eu tenho certeza absoluta que foi o chamado da minha alma que aquele era o caminho. Tanto que a Jaque no final da explanação ela falou: bom querida, agora tu vai pra casa, pensa, se tu vai quer começar o grupo, conhecer mais esse trabalho. Eu olhei pra ela e falei: eu não preciso nem ir pra minha casa, eu já sei que eu quero. Isso foi no verão, o grupo ia começar em março, na época que continuava muito mal por causa dessa paixão fulminante. Aí eu comecei o grupo. Eu tinha muito receio na verdade por causa da questão grupo: como que eu vou falar das minhas coisas íntimas na frente de pessoas que eu nem conheço? Eu tinha esse receio que eu acho que é um dos receios mais clichês quando se fala em grupo. E a coisa foi fluindo tão mágico e tão perfeito que eu te digo que hoje o meu grupo são as pessoas que mais me conhecem, acho que mais que minha mãe, que é uma pessoa que me conhece bem. E aí eu fiquei de março até novembro conciliando o grupo com a outra terapia. E em novembro eu decidi trocar pra terapia individual com a Jaque também, porque acho que na própria terapia individual na linha do path, tu vai mais no detalhe, tu aprofunda mais, e até hoje. Isso foi 2008. Sigo o grupo até hoje e te digo que

de março de 2008 a abril de 2011, se tu tivesse conversado comigo lá atrás, a gente tivesse gravado, ia ser totalmente nítida a mudança, impressionamente!

Inclusive todas as pessoas que eu amo e eu convivo eu consegui mostrar pra elas com a minha própria experiência os resultados do path, tanto que as minhas duas melhores amigas hoje fazem path, e uma delas faz terapia individual com a Jaque porque se deram conta através de mim dos benefícios que eu encontrei seguindo a linha e buscando entender melhor os anseios da alma.

M - Se deram conta não com o que tu falavas, somente, mas com a tua mudança?

CLARISSE - tanto que elas começaram no ano passado e desde 2008 eu comentava, mas até bem pouco, elas começaram a dividir comigo a necessidade delas de buscar alguma coisa e foi então que eu sugeri: porquê não conhecer o path?

MARIELA - Tu vêes a contribuição do Path para ao teu desenvolvimento pessoal e profissional?

CLARISSE - Num primeiro momento eu percebia o path influenciando muito no meu crescimento pessoal. E de 2009 pra cá eu comecei a perceber algumas diferenças em âmbito profissional.

Porque no momento em que eu descobri algumas questões minhas, a minha mascara, as formas como eu encontrava, que eu entendia que era o caminho da felicidade, isso incluía a minha maneira de lidar com as pessoas, e a partir dessas descobertas e das mudanças que essas descobertas trouxeram pra mim, obviamente dentro do meu trabalho eu também mudei. Tanto que no inicio eu ainda muito confusa, e não entendendo muito bem, as minhas atitudes elas mudaram sem que eu conseguisse obviamente planejá-las da melhor forma e pessoas que trabalham muito próximas a mim começaram a me perceber diferente, e me diziam. O feedback delas era: "mas o quê que tá te acontecendo? Tu não era assim?" Então a minha mudança começou a incomodar algumas pessoas, porque eu passei a me colocar mais, colocar o meu ponto de vista de uma maneira mais enfática, algumas vezes me atrapalhava e acabava sendo mais grosseira com as pessoas do que qq outra coisa. E as pessoas perceberam isso. E eu também comecei a perceber isso, eu me percebia ate agressiva em algumas reuniões fora, e eu levava isso pra minha terapia individual, e eu acabei aceitando isso que de certa maneira estava vindo de uma forma muito forte dentro de mim, e agora eu to bem mais tranquila em relação a isso, porque eu consegui chegar num equilíbrio: nem tão permissiva e bondosinha e nem tão agressiva. Então agora eu já percebo isso de um jeito melhor, mas foi bem complicado no inicio. As pessoas mais próximas de mim e que sabem do pathwork diziam: "Mas esse grupo tá te deixando louca! Quando tu vai pro grupo em vez de tu ficar melhor tu fica pior!"

E mal elas sabiam que aquilo era um elogio pra mim, porque era o que eu precisava desenvolver né! Foi bem legal, bem importante. E em relação ao desenvolvimento pessoal, nossa, esse então nem se fala. Um caminho que não é um caminho de flores, a gente passa por situações difíceis, por momentos de um sofrimento muito grande, mas que com certeza tudo se faz necessário no seu devido momento, para que o depois aconteça e aí as coisas façam bem mais sentido. E hoje eu consigo inclusive nos meus momentos, porque sempre na vida a gente sempre vai se deparar com situações difíceis sejam elas pessoais ou profissionais, e até isso, eu to entrando no quarto ano, e eu consigo perceber a minha reação diferente diante de determinadas situações que antes seriam momentos de morte, se acontecesse isso comigo há quatro anos atrás eu ficava de cama, morrendo, acabada, sem ter a menor noção do porquê daquilo.

Claro que a gente muitas vezes recorre àquela questão lá da espiral, de precisar de vez em quando de volta, passar de novo naquele caminho conhecido pra então ver algo diferente que tu tava precisando ver, e que hoje também eu consigo aceitar e acolher isso de uma forma bem mais tranquila do antes. Antes a Jaque me falava isso e eu relutava em aceitar isso. Mas como Jaque, eu vou fazer de novo, eu fui de novo naquele mesmo lugar sabendo o que aquele lugar traz. E teve uma situação clássica e ela me disse: calma que provavelmente tu tem mais alguma coisa pra ver que tu não viu antes e que dessa vez talvez tu consiga ver, e dito e feito, se

passava algumas semanas, e eu trazia pra ela algumas coisas e ela me olha e me dizia: “ viu olha que diferente dessa vez. E aí as coisas voltavam a fazer sentido.”

MARIELA - Fala um pouco da tua escolha pelas sessões individuais na abordagem do path.

CLARISSE - O path ele busca o porquê das coisas. Ele te leva lá pra tua infância, lá pra uma tarde de um choro absurdo que tu nem lembrava que tu passou e que muitas vezes fez toda a diferença ao longo do teu trajeto. No momento em que tu compreende o porque das coisas, as coisas fazem muito sentido e tu consegue lidar com isso de uma forma diferente. Eu acho que o ponto transformador que é o que me faz ainda fazer essa escolha. E não só por isso também, mas a coisa de integrar a alma, a questão mais espiritual porque dependendo da situação tu trata de uma forma muito isolada as coisas e eu entendo que o ser humano ele seja sim composto de tudo isso, é um contexto, tu não é só carne, tu não é só osso, tu não é só espírito. Essa integração que eu não encontro em outro caminho, essa integração faz todo o sentido. Porque eu acredito que nossos pensamento tem uma força enorme e mágica, mas eu também acredito que exista algo a mais em volta da gente, essa coisa espiritual que também exerce uma força na vida da gente.

MARIELA - O que é espiritualidade pra tí?

CLARISSE - Pra mim espiritualidade é uma sensação, é tu sentir literalmente sentir na pele que existe um poder maior em algum lugar que tenha um poder, sobre tudo, assim, sobre a natureza, sobre as pessoas, sobre tudo o que aconteça, eu acho que eu ainda não, isso é uma das coisas que eu também busco muito, porque eu fui criada na religião católica, e desde que eu entrei no path eu venho buscando isso, de me encontrar em alguma religião, e a integração delas é uma coisa que eu fico um pouco confusa, mas essa questão de espiritualidade, pra mim, eu consigo encontrar a espiritualidade no Path, na religião católica, no espiritismo, entende, eu consigo encontrar espiritualidade em todos os lugares e em todas as religiões. Mas particularmente, até por causa do grupo, a gente estava estudando no grupo a palestra *Deixe estar deixe nas mãos de deus*, e *O Chamado*. Pra mim essa palestra tem todo um significado para este meu momento. E eu retomei as leituras, e tenho relido quase que diariamente, to alternando as duas, ontem voltei a reler, e isso tem me feito me reaproximar da questão Deus, não a força divina que eu tenho dentro de mim, porque essa a gente trabalhou no ano passado no grupo e foi muito mágico, foi muito lindo. Mas a questão do Deus mesmo, de retomar um pouquinho da minha educação na religião católica com essa parte mais espiritual das crenças.

Pra mim faz muito mais sentido se eu puder integrar do que uma coisa ou outra. E eu fiquei durante muito tempo afastada da religião católica e ate tentei me aproximar mais do espiritismo, até tem uma palestra que a Eva começa falando muito do espiritismo, que ela coloca questões fortes do espiritismo, e lembro que aquilo me chocou assim, embora eu acredite muito nessas questões, mas a forma como tava escrito me passou uma força enorme, eu fiquei super mexida com aquilo. Eu concordava, eu tava tentando racionalizar, aquilo me chocou e me incomodou, num primeiro momento eu ate pulei aquela parte pra ler o resto, e depois de um tempo, de trabalhar a palestra no grupo, de diluir mais, que eu consegui voltar e ler aquelas duas partes, mas num primeiro momento foi difícil. E na época que eu tentei ir em casa espírita, eu procurei leituras, mas eu não conseguia entrar no livro, eu repugnava o livro, e depois de ver isso no grupo, ainda é difícil pra mim, mas agora eu consigo mais olhar pra isso. Porque a religião católica foi minha criação, eu fiz catequese, as leituras são conhecidas, mas a parte do espiritismo me assusta ainda um pouco.

MARIELA - Da forma que a espiritualidade é colocada no pathwork, como vês isso no teu desenvolvimento espiritual?

CLARISSE - Eu acho que no Path pra mim tudo faz muito sentido, como ele traz, o nosso Deus interior, foi uma redescoberta, quem sabe uma descoberta até, porque eu só consegui descobrir essa centelha dentro de mim no path porque ate então eu não conseguia enxergar dentro de mim que eu era uma centelha divina, e graças a esses ensinamentos e ao grupo eu consigo ver isso. E não só eu mas no nosso grupo a gente passa por situações e consegue ver plenamente a evolução das outras pessoas e o que elas acabam atraindo pra si, é

uma coisa linda de ver, eu me arrepio, eu to falando contigo agora e to toda arrepiada, e assim é, e cada 15 dias, meu grupo é de 15 em 15 dias, todas as quartas-feiras das 18h30 às 21h30. A gente não sai de lá antes das 22h, e todo o grupo há 4 anos já, não tem uma quarta feira que eu não entre no grupo e o que aconteça lá dentro não seja lindo, não seja mágico, não seja maravilhoso, não teve uma quarta-feira, e eu te digo que nesses 4 anos eu faltei um grupo só, ou dois, mas no máximo 2! E eu te digo que eu nunca fui uma pessoa de seguir uma atividade, de perseverar em algo, eu começo academia e paro, alguma aula de cerâmica e paro, tanto que o path eu achei que num primeiro momento fiquei receosa por ser em grupo e por ser um sistema de continuidade. E eu sou encantada no grupo.

MARIELA - Como tu vê a questão pathwork trabalhado em grupo?

CLARISSE - Eu te digo que eu acho que é fundamental, com certeza a terapia individual seguindo a linha do pathwork também é linda, é mágica também, mas é muito diferente. Eu acho que no grupo a energia das pessoas que estão junto contigo faz todo o sentido, complementa. E não só isso, o que cada uma traz no grupo parece como se fosse um quebra-cabeça e que cada integrante fosse uma pecinha, e sem um dos integrantes não fica completo e perderia um pouco o sentido, mas acho primordial, acho que é uma metodologia que num primeiro momento assusta e eu te digo que pra todas as pessoas a quem eu divulguei o grupo, porque eu divulgo para os meus contatos pessoais e também colegas da empresa, fizeram essa observação pra mim, e todos quando vem e se interessam pela dinâmica vem me questionar: mas como assim a gente fala na frente dos outros as coisas da gente? Aí quando eu digo que se for essa a tua vontade tu vai falar, se não não. E a segunda pergunta que é clássica também: "Tá, mas daí se eu não falo que eu adiante então eu fazer?" Essas duas vem parece que uma puxa a cordinha da outra.

E claro, eu quando falo de path pras pessoas que não conhecem o path, ou elas ficam impressionadíssimas com o meu encantamento, são pessoas que tem mais sensibilidade, ou elas acham: "coitada da Samanta, olha ali, tá bem piradinha", porque essa é a sensação que eu tenho quando as pessoas não conseguem ter o alcance disso, e claro, independente da área. E independe da área, porque a minha irmã, ela é psicóloga, e acabou parando de fazer o grupo, mas eu brinco que ela faz o path por tabela porque que acabo comentando tudo com ela, e a gente conversa a partir de uma linguagem diferente, é bom tu ter alguém perto de ti que consigam dividir contigo essas questões. E agora as minhas amigas fazendo path eu to bem feliz, porque a gente consegue falar das nossas mascaras, por exemplo. Mas enfim, essa questão do grupo eu acho que faz toda a diferença não só pelas energias se complementarem, mas também porque tu consegues ver no outro a evolução. Porque eu acho que tem pessoas que precisam ver no outro a evolução, sabe aquela coisa ver pra crer: São Tomé? E no grupo a gente vê isso, é impressionante. Teve um caso no meu grupo que foi impressionante algo fantástico, tu ver uma colega tua evoluindo da maneira como eu vi a minha, eu me emocionava, aí tu vê a transformação gritando nos teus olhos, é uma coisa muito linda.

MARIELA - Algo mais que gostarias de trazer?

CLARISSE - Constelações. Teve uma questão que agregou, um exercício que pra mim fez toda a diferença, e isso eu acho bacana do pathwork, ele consegue aceitar, que se existe outra dinâmica, outra questão que possa agregar no teu caminho ela é bem vinda. E o pouco que eu conheço de algumas linhas da psicologia, é que muito é radical, ou é assim ou é assim. E eu acho que o encantamento do path também é esse de tu sentir, de estar aberto a sentir e se for necessário e se for um consenso de que aquilo possa fazer bem pro teu caminho, seja bem vindo e venha, que agregue. E eu acho isso lindo porque a gente ta falando de um possibilidade infinita, e a gente ta falando de ser humano, de todo um contexto, e se a gente for pensar isso seria obvio, que deveria ser assim. E eu vejo nos profissionais da área da saúde muito fechados. Acho que é mais uma coisa que o path traz de novo e de lindo.

Eu amo o path, e esse foi um dos gritos da minha alma que eu consegui identificar sem ter clareza de muita coisa.

#### ENTREVISTA 4 – 12/04/2011 - Denise

MARIELA - O que é o Pathwork pra ti?

DENISE - O trabalho do caminho ... é uma sabedoria, um conhecimento que pra mim que sou da área da psicologia integra muitos conhecimentos desde a psicanálise que eu acho que é a base de tudo, e que eu tinha brigas com a psicanálise na faculdade, acho que até por imaturidade, e o Pathwork me ajudou a respeitar muito mais e ter mais curiosidade até. Acho que teoricamente é muito completo, e uma teoria que abrange, pra mim é tu pegar a essência do que é um ser humano e te ajuda a entender essa complexidade que é de uma forma bem orgânica, ao mesmo tempo em que é complexo não tem grandes teorias, é algo bem orgânico, bem natural, por exemplo, de tu entrar em contato com o medo, aqui e agora, o quê que tá aqui, e eu que sou gestalt terapeuta me identifiquei muito com essa coisa de que no momento o que tu tá sentindo no momento.

Então o Pathwork é uma ferramenta muito ampla nesse campo do conhecimento das teorias e muito fluida muito orgânica, simples, e profundo. Acho que ele consegue dar uma visão das relações interpessoais, das primeiras relações com pai, mãe, irmãos, com o resto os outros, sociedade, e te faz sentir que existe algo a mais também aí que é o universo, eu tenho muita dificuldade com a coisa de Deus, que Deus, porque pra mim Deus é a natureza, é o universo, é isso tudo, o ser humano, enfim, então eu sinto essa integração das teorias.

MARIELA - Como foi o teu início

DENISE - Religare.

MARIELA - O que é Religare?

DENISE - Foi um programa de Pathwork iniciação, eu tava na faculdade, pra jovens entre 18 e 28 anos. Pra mim foi um divisor de águas, na faculdade mesmo, foi 2003, e foi maravilhoso porque foram 3 módulos: *eu, eu e tu e eu e o universo*, eu enquanto pessoa depois a minha relação com meus pais e depois a sociedade, então foram 9 meses muito lindo, o grupo também muito legal, convivências, final de semana.

MARIELA - E depois que terminou deste continuidade no grupo regular?

DENISE - Depois que terminou a gente deu sequencia e está até hoje.

MARIELA - Tu atribuis o Pathwork ao teu desenvolvimento (pessoal e profissional)

DENISE - Muito, divisor de águas total. Eu me sinto privilegiada e diferenciada, não melhor ou pior, nada disso, mas eu vejo os meus colegas da faculdade que cada um seguiu lá seus caminhos, eu vejo que por proporcionar essas vivências, a meditação, um mergulho mais vivencial, eu vejo que isso faz uma diferença absurda, então pessoalmente eu me sinto muito mais conectada, corajosa pra entrar em contato com meus medos, meus fantasmas, a parte obscura que eu vejo que isso é difícil. Talvez se eu tivesse fazendo psicoterapia seja em qual abordagem fosse talvez eu não teria chegado onde eu já sinto que cheguei internamente, e eu sou psicoterapeuta, e eu não trabalho com vivências e eu vejo que, claro que existe um processo que também é lindo, de mergulho e aprofundamento, mas é diferente. Eu não tive a coragem de trazer pra minha clinica o pathwork, mas acredito que um dia eu possa fazer isso porque eu vejo que é diferente. Experimentar.

Então acho que pessoalmente tem uma diferença muito grande e conseqüentemente profissionalmente porque acho que nós somos o nosso instrumento de trabalho, pelo menos eu me sinto assim e me deu também muito embasamento, eu fiz minha formação em gestalt e família, mas deu muito embasamento pra eu me sentir responsável, bem pra começar a ser psicoterapeuta, claro, além da minha supervisão que eu sempre fiz em gestalt terapia que eu acho o máximo. Mas sem duvida, um divisor de águas.

MARIELA - Tu participas do grupo e também de sessões individuais...com vês isso como cliente?

DENISE - No início da faculdade fiz terapia com uma psicóloga bem bacana, que se dizia com influencia de Jung e gestalt. Eu acho que eu era mais imatura, fiquei com ela um ano e depois fui pro Religare e desde que eu to no Religare, por um tempo eu fiquei sem mas depois eu fiz com a Renate e já faz um tempo. Ah, eu fiz uma

vez na adolescência, porque eu queria fazer psicologia e fui lá e disse: “to aqui porque eu quero fazer psicologia e quero saber com é que é”. Daí ela ficou olhando pra minha cara, super, mega neutra, foi horrível, saí mal, nunca mais voltei. Mas com essa outra experiência antes da Renate foi muito legal, mas tem diferença sim, de tu além de falar sobre o que tu sentes, tu parar pra sentir realmente e entrar em outros lugares que tu não entraria só falando.

MARIELA - E como tu vê esse trabalho em grupo?

DENISE - Eu acho que a questão, um ponto bem especial do grupo é esse exercício de tu te expor. E na nossa profissão, é uma exposição mesmo que estiver com um paciente, tu tá te colocando, e é um momento muito sagrado, muito especial. Então, o fenômeno grupal, pra mim foi aprender, experimentar me colocar e me expor perante um grupo, e o que acho que é um fenômeno incrível, dos grupos o que um sente, o outro, a dor de um é a mesma dor do outro, a identificação com os temas, com os momentos de vida, por mais que agora tu não ta mais no mesmo momento daquela pessoa mas o conteúdo acho que agrega muito, acrescenta muito. Acho que ao invés de tu estar no teu processo individual quanto tu ta com um grupo parece que tu multiplica os saberes. Acho isso fantástico, claro que eu acho que tu precisa confiar no grupo, não é bem assim pra tu te entregar, e eu sinto que eu sempre tive, desde a construção do Religare acho que esse grupo é muito acolhedor, sem julgar, sem fofoca, realmente muito humano, tem essa troca de: “é, nós temos essas partes podres aí, *vambora, vamo* junto. Esses dois pontos principais que eu te diria agora, que é essa multiplicação de saber, da sabedoria através da vivencia e da exposição das outras pessoas e a questão de me expor, porque eu não gosto de falar em publico, então participar de um grupo te ajuda a te colocar, e ó as pessoas estão me escutando, estão atentas...

MARIELA - E o que é pra ti espiritualidade?

DENISE - Uau! (risos) No fundo se eu for pegar e espremer tudo o que eu sinto em relação à espiritualidade eu te diria que é sentir que eu sou Deus, que eu sou o meu Deus, sem ser prepotente, arrogante, nada disso, mas é sentir que estamos todos interligados enquanto humanidade, mas que tudo o que tá lá tá aqui.

Eu tenho uma coisa com as religiões, é lá é Deus que tá lá, lá fora, e pra mim o que eu sinto de conexão espiritual é fechar os meus olhos e sentir que todo o universo mora em mim e que eu to conectada com tudo isso e que eu sou o meu Deus.

Nunca me identifiquei com uma coisa religiosa, pra mim Deus é a natureza, são os bichos, as árvores, os seres humanos, nós, enfim, e a espiritualidade pra mim é essa força que não sei da onde que vem, mas essa força interna que brota, de confiança, de segurança, de confiar, de aceitar, do eu superior, daquilo que tu ta bem nutrida internamente, sentindo que existe algo muito maior do que nós e entregar para esse algo maior que existe, mas a partir da conexão comigo.

MARIELA - Quando olhas para o Pathwork, tu atribuis contribuição desse trabalho para o teu desenvolvimento espiritual?

DENISE - Eu te diria que se não fosse o Pathwork eu estaria bem desconectada desse algo a mais, eu atribuo muito, essas vivencias coletivas e meditações e essa conexão. E o conhecimento que acho que não é muito grande que eu tenho, mas a coisa do sentir foi o tempo todo: Religare e grupos de Pathwork. Eu ate tenho vontade, mas eu vejo que eu não consigo simplesmente parar, chegar na minha casa e eu meditar, ficar assim ,m as quando acontecer eu acho que vai acontecer, sem *nóia* pra isso. Mas eu acho que é um próximo passo. Trazer um pouquinho do grupo pra cá.

MARIELA - Hoje tu achas que precisas do grupo pra nutrir esse lado espiritual?

DENISE - Acho que sim.

(ela está num movimento de trazer isso pro dia a dia, mesmo que continue nutrindo lá no grupo)

MARIELA - Tocaste num ponto de trazer isso pro dia a dia. Nesses 9 anos tu te vê trazendo tudo aquilo que falaste, tuas mudanças, te vê trazendo isso pras tuas relações, como é isso?

DENISE - A aplicação do Pathwork? Vejo muito. Uma coisa que eu agradeço muito é que no Religare, um dos meus primeiros movimentos que eu aprendi lá, que eu coloquei pra fora, foi a aproximação com meu pai. Que desde a minha infância ele tinha a coisa afetiva de não dar colo, não dar abraço, a forma que ele demonstrava o afeto era dando tudo o que a gente queria, coisas materiais, pela história de vida dele com a minha avó, tinha uma frieza maior.

Eu quando era pequena, eu e a minha irmã, a gente dizia: “ai, porquê que as nossas primas sentam no colo do pai e a gente não?”

Eu passei a infância e a adolescência: porquê o meu pai é assim? Que merda! E cheguei lá no Religar foi um início de um movimento fazer as pazes com isso, com as expectativas que eu tinha em principalmente relação ao meu pai e com a minha mãe, expectativas frustradas. E a partir dali, iniciou um processo de em vez de eu ficar esperando um abraço eu ia e dava um abraço nele. E aquilo eu sentia que aquilo desconcertava ele, e foi indo aos poucos até que chegou um dia que quando ele chegava em casa e ele vinha me dar um abraço!

Então foi um ponto que quando o meu pai faleceu a primeira coisa que eu lembrei foi isso. Graças a Deus que eu olhei pra essa relação e nesse momento que ele foi (faleceu há dois meses) a gente tava muito próximo emocionalmente, então eu consegui aplicar esse conhecimento do Pathwork acho que em tudo. Na relação com a minha mãe, que ela não é aquilo que eu gostaria que ela fosse, mas que eu aceito e quero olhar para o que tem dela em mim pra eu poder me libertar do que eu não quero, e ficar com aquilo que eu quero. E a relação com a minha irmã, que a gente passou a infância e a adolescência competindo, ela é 3 anos mais velha, então era competição, competição... a minha relação com meu corpo, eu sempre fui magra, esportista, tenista, adorava, mas eu sempre usava maquiagem, mas eu era magra e me sentia gorda, tinha complexo com meu corpo.

E desde o início da faculdade até me formar eu engordei uns 12 quilos. No início do Religare eu tava uns 8 quilos a mais, bem gordinha. E ali também iniciou um processo de cura corporal, e eu agradeço muito que eu pude olhar, então hoje eu me sinto bem mais equilibrada apesar de saber que ainda ter coisas pra seguir curando, seguir olhando, mas me sinto muito melhor, muito mais equilibrada.

MARIELA - Quando falas da cura corporal, questão física, também atribuis uma mudança nesse aspecto, e em relação à saúde, estás trazendo essa mudança física vem acompanhando as outras...

DENISE - Iniciou todo um processo de cura, e é isso que eu acho a diferença do Pathwork, não é tu ali trazendo as tuas demandas e sendo trabalhadas a partir de ti, que isso é muito um processo da Gestalt, no Pathwork a gente recebe palestras sobre determinados assuntos. E eu acho que isso acaba acelerando alguns processos que eu antes talvez eu nem teria parado pra olhar, que eu já olhei, já vi que faz sentido, acho que por ter essa questão um pouquinho diretiva, tem uma palestra sobre esse tema, tu tá num grupo e vai olhar pra aquilo, vai experimentar, vai viver, vivenciar aquele tema, eu acho que dá uma acelerada no processo do que tu individualmente no teu processo psicoterápico. Apesar de que eu acho que junto com o pathwork acrescenta ainda mais ter a tua hora semanal individualmente, acaba dando uma consistência maior, que por ser em grupo e de 15 em 15 dias, dá uma consistência maior, são muitas informações, acho que é importante tu parar pra ter o teu momento, complementa muito bem.

MARIELA - Algo mais que gostarias de trazer?

DENISE - Quando a aplicação do Pathwork até na minha relação com o Duda (marido), porque eu ia jogar fora ele... e entra dentro do meu processo de psicoterapia também.

Hoje é difícil pra mim separar as duas coisas porque é com a mesma facilitadora inclusive, mas curei muitas coisas em relação a minhas dificuldades de intimidade afetiva, isso eu vejo como uma construção, esse relacionamento que eu tenho com o Duda hoje foi muito bem construído e não foi fácil, eu vejo como uma conquista mesmo. Não caiu do céu o Dudinha querido, lindo, maravilhoso, perfeito, não, não caiu do céu, hoje a gente tá muito bem mas foi uma construção e o Pathwork tem muito a ver com isso e eu sou muito grata! (risos)

MARIELA - Mais uma coisa que me ocorreu, como foi o teu entorno, como as pessoas foram percebendo, falaste que são 9 anos de transformações, como vês isso, o teu entorno?

DENISE - É bonita essa pergunta, é bonito de entrar em contato com isso, porque eu vejo muito isso na minha família, no Duda eu vejo também ele reconhece que eu era muito ciumenta, enfim, mas pegando pro lado da família, hoje eu sinto que eu sou vista como uma pessoa equilibrada que é importante ouvir a opinião. Eu não sou mais a filhinha mais nova. A minha mãe, o meu pai e a minha irmã, eles viam assim, parece que eu trago uma seriedade e eu vejo que não é só pelo fato de ser psicóloga porque o meu ser psicóloga tem muito com a construção do Pathwork, eu acho que o pessoal próximo, íntimo acompanhou. Eu sinto que eu tenho um respaldo, de não atropelar o outro, de escutar, aprendi a me relacionar legal com equilíbrio entre escutar, falar...

E outro ponto importantíssimo que eu lembrei agora, talvez lá de uma pergunta anterior, uma das coisas que o Pathwork me trouxe lá no início, que foi fundamental pra minha questão profissional que foi aprender a olhar nos olhos, que eu nunca vou me esquecer das vivências, que a gente fez, daquela sala assim com as pessoas, o exercício acho que era só de tu parar na frente das pessoas, que na época a gente não conhecia muito e ficar olhando nos olhos e a gente trabalhou muito aquilo, e é difícil, e isso a gente na faculdade de psicologia não aprende isso. Então acho que foi um ponto bem importante.

#### **ENTREVISTA 6 – 15/04/2011 - FLAVIA**

MARIELA – O que é o Pathwork pra ti?

FLAVIA - Pra mim o pathwork é um trabalho, a palavra work, a tradução não é uma mera tradução, ela é de fato... é um trabalho de mergulhar dentro de si mesmo, e é difícil, parece que “um trabalho de mergulhar dentro de si mesmo” é um escopo aberto, mas como esse mergulho pode ocorrer das mais diversas formas não tem como fechar muito, não tem como descrever muito, cada pessoa tem uma forma, umas caminham muito devagar, passo de tartaruga, outras saem trotando, outras saem voando, esse mergulho pra dentro de si mesmo não tem como prever o formato. Nesse mergulho pra si mesmo, acho que... agora já vou começar a falar de uma das principais diferenças que eu vejo pathwork pra outras abordagens, acho que esse mergulho pra si mesmo, a gente no pathwork é convidado a ficar em profundo contato com a realidade externa. É um mergulho pra dentro, mas é um mergulho pra dentro a partir do que está acontecendo fora, e quando eu mergulho pra dentro eu consigo perceber que o que tá acontecendo fora é fruto do meu momento atual, então tem um diálogo, uma linha, uma ponte todo o tempo entre o interno e o externo.

MARIELA– Com que isso acontece?

FLAVIA - Bom, eu não sei, acho que é legal salientar que pelo fato da formação, pelo fato de dar aula, eu sempre busquei ter um referencial teórico pra me sentir segura. Então todo o estímulo externo, tudo o que acontece na realidade externa é uma chave, é um ponto pra eu olhar em que sentido aquilo tá proporcionando um aprendizado interno. Tá proporcionando não! Pode proporcionar se eu assim escolher! Então, p ex, eu to com muita dificuldade de arrumar uma pessoa pra me ajudar a fazer tal trabalho. Bom, é uma situação de mercado, também, é possível, mas também tem um bloqueio meu interno, de ter algo interno travado e também o externo não anda e não flui. Nesse sentido, de tudo o que acontece no externo representa uma realidade interna, que eu posso parar de brigar com aquilo e olhar, nossa aqui o que tem aqui pra eu aprender, que nó que tem aqui pra eu começar a olhar e desatar, nesse sentido.

MARIELA- Como foi o teu início no Pathwork?

FLAVIA - Na graduação eu tinha uma amigona, que inclusive no começo ela achava que ela ia seguir a orientação psicanalítica, e a gente tinha curiosidade, a gente queria estudar coisas que não eram previstas na grade curricular, a gente fez parte de um grupo de estudos de parapsicologia que a gente mesmo que organizou e essa coisa meio anárquica não se sustentou por muito tempo, eu também fiz parte de um grupo de estudos de

Jung, no sentido de querer explorar estudos mais no nível simbólico, mais no nível inconsciente, mas que não fosse na orientação psicanalítica.

E essa minha amiga, muito tempo depois de formada, um belo dia ela disse que eu tinha que conhecer uma abordagem de trabalho, porque eu tinha, porque eu tinha, porque eu tinha! Eu tava na época na Unipaz, fazendo a Tenda da Lua, e aí pelo tipo de trabalho que a gente fazia La ela achou que eu teria afinidade com esse trabalho que ela achou que eu tinha que conhecer. E engraçado que eu nem fui buscar informações a respeito, ela disse que eu tinha que conhecer e eu fui. E eu lembro que eu nem pude participar da palestra informativa, eu direto entrei no primeiro dia de encontro, obvio que tive algumas resistências, já fiz vários julgamentos, mas obvio que tinha uma parte que conseguia perceber que ali tinha uma coisa que fazia muito sentido pra mim.

MARIELA – E essas resistências eram a quê?

FLAVIA - (risos) A essa coisa de já ter que acessar sentimentos! Como assim, eu to numa sala onde eu não conheço as pessoas, eu não sei quem são, o que elas vão achar, e eu vou ter me expor tanto assim! Acho que essa é uma parte e a outra parte, acho que por causa desse meu perfil bem intelectual de ter mais dificuldade de estar com clareza dos sentimentos. Hoje eu já consigo ter muito mais consciência dos meus sentimentos, mas antes eu precisava de um tempo pra me aquecer, pro mental se sentir seguro e daí acessar os sentimentos. Por exemplo, foi feita uma dinâmica onde a gente num papel pardo no chão, fez um contorno do próprio corpo e a gente recheou esse corpo com elementos simbólicos, com figuras, eu fiz umas flores de papel crepon, então um trabalho muito intuitivo, muito sensível assim, logo no primeiro encontro. Então isso ao mesmo tempo em que é encantador, te coloca assim em situações que tu em tese não tinha planejado, dá um certo receio, tá mas onde é que isso vai levar, pra que que eu to fazendo isso.

MARIELA- Estavas falando antes da aplicação do pathwork no dia a dia, que te leva a olhar pras situações diárias, tu atribuis o teu desenvolvimento pessoal e profissional a esse trabalho do pathwork?

FLAVIA - Como eu te disse, eu sempre gostei de estudar muito. E a questão das tradições, da sabedoria milenar, o estudo dos símbolos, eu sempre curti isso, sempre quis saber mais sobre isso.

O que eu acho do Pathwork é que ele tem uma forma muito simples de traduzir conceitos muito complexos. E às vezes pela simplicidade eu tinha uma certa resistência: eu dizia assim: não, não pode se tão primário assim! Mas depois no dia a dia tu vai vendo, por exemplo uma coisa que a gente fala no Pathwork, a nossa criança, ah quem é que ta falando agora, é o adulto ou a criança? Tem um pouco a ver com Análise Transacional, mas eu nunca estudei AT.

Mas é incrível porque você tá na rua e você vê pessoas fazendo birra que nem criança, e a esposa fazendo birra com marido e daí o marido já responde na birra também, então tu vê claramente a questão da criança, do adulto, quando é que eu estou em verdade, quando eu to na máscara, se eu to falando uma coisa, se a minha intenção é de estar separada do outro e me mostrar melhor ou inferior, ou se a minha intenção é de ser verdadeiro e realmente poder estar junto. A questão da unidade, do eu superior. São noções ao mesmo tempo complexas e simples, ricas e fáceis, é complicado de traduzir em palavras assim um referencial tão vasto da forma que o pathwork é.

MARIELA- Voltando pra trás, entraste no Pathwork há oito anos, nesses oito anos consegues ver um momento onde essa aplicação diária, essa percepção que traz por exemplo de estar andando na rua e perceber...

FLAVIA - Isso é bem interessante, porque no início, quando a gente lê as palestras, a gente pensa: puxa vida, me descobriram! Como é que pode! Já tá tudo mapeado e eu to repetindo um script que eu não tinha me dado conta, então tu vê que tudo faz sentido, que tu tá ali dentro, aqueles conteúdos fazem parte da humanidade e tu enquanto uma pessoa de alguma forma ta em consonância com aquilo. Mas não existe um marco específico, eu percebo que talvez um dos princípios de todo o processo que propicia a cura é a aceitação.

Eu me percebia, e na psicologia eu recebia muitos feedbacks de uma veia muito impulsiva, de ter muita facilidade de acessar raiva, de ser uma pessoa com baixo autocontrole, mas eu achava que eu não tinha que ser daquele jeito e eu achava que eu tinha que mudar. E no Pathwork não, foi assim: então entra mesmo na raiva. Então que agressividade é essa, é tu realmente tomar contato com aquilo, e a palavra não é outra, pra mim foi assustador, mas eu consegui porque eu senti que tinha uma questão de sustentação e de aceitação, as pessoas que me convidavam pra entrar na raiva... sempre tem um julgamento, mas eu via que as pessoas que me conduziam nos processos, o julgamento era uma coisa que passava muito ao largo, a intenção maior sempre era: “vamo vamo vamo mergulha, porque existe alguma coisa depois desse mergulho que é muito maior e tu tem que passar por isso”. Eu me sentia sustentada, eu sentia conforto, com base, eu tinha medo de fazer esses mergulhos e de não ter estrutura de ego pra poder dar conta, e eu não tenho muita explicação pra te dar, eu sei te dizer que eu sentia que essas pessoas iam segurar a minha onda. Que eu não ia me desestruturar, ou que se eu me desestruturasse aquilo ia ser temporário e que eu ia voltar mais fortalecida. A questão da aceitação eu acho que é um dos atributos principais desse processo.

MARIELA- Essas pessoa que tu falas que são? Colegas de grupo, facilitadores?

FLAVIA - Muito mais facilitadores! No começo eu nem olhava os colegas, os colegas pra mim tavam mergulhando que nem eu, tavam numa piscina sem saber nadar que nem eu. To falando da figura do facilitador no primeiro momento enquanto aluna de grupo e depois dos facilitadores no programa de formação e de transformação pessoal. E é incrível, é uma voz em uníssono, todos estão te dando sustentação pra tu passar por aquele processo. E aí depois com o tempo, a tua percepção vai aumentando e tu vai verificar que o teu processo pode desencadear um processo num colega, hoje o teu colega entre aspas te provocou uma reação de raiva e entre aspas ele foi inadequado, mas na verdade ele te levou pra um lugar que fazia parte, então tu até agradece. Em outros momentos tu aciona um processo no colega, e o fato é que com o tempo tu vê que tudo faz parte e tu confia, que estamos todos fazendo parte de uma rede onde o movimento de um reverbera, repercute no outro e isso é maior do que a gente pode imaginar, ou enfim, controlar, e tem algo que é maior que sustenta.

MARIELA- Falando um pouco dessas relações, paralelo ao grupo tu buscas algum tipo de acompanhamento individual?

FLAVIA - Ah, isso é legal de contar. Quando eu comecei a formação do pathwork eu tava com uma terapeuta individual que ela trabalhava com a abordagem psicodrama que por sua vez já é bem mais abrangente do que muitas outras abordagens. Mas eu comecei a sentir que ela não dava conta, eu sentia, daqui a pouco não é que ela não dava conta, eu sentia, eu achava que ela não ia dar conta de todos os conteúdos que eu estava trazendo, e aí eu procurei uma pessoa da abordagem de Pathwork. Eu mudei de terapeuta. Mas não foi assim, ah eu tenho que trocar e vou substituir uma por outra. Eu identifiquei que eu já tinha aprendido muito com ela, fiquei muito grata, eu mesma pedi pra sair, ela me reconheceu, me parabenizou, me valorizou, cabe ressaltar aqui que eu já tinha pedido pra sair de uma terapeuta e na época ela me desancou, e eu fiquei muito feliz que desta vez eu disse, olha, o que eu vim fazer aqui contigo já tá atendido, ela me parabenizou, então quer dizer, fazendo o pathwork eu me desliguei de uma terapeuta já de uma outra forma. Não é que eu estou fugindo e eu que tenho que dar alta, e essa terapeuta me parabenizou. Dei um tempo, quis dar um tempo, reconheço em mim a coisa de fazer, fazer, fazer, e não dar tempo ao tempo, então dei um tempo e procurei uma pessoa especificamente da abordagem do pathwork, porque era mais rápido, ela entendia melhor do que eu tava falando, e também porque o meu perfil de querer ser rapidinha assim, então tá, já que eu descobri essa abordagem deixa eu usar todas as ferramentas possíveis! (risos)

MARIELA – E hoje continuas?

FLAVIA - Não, eu tive alta, vai fazer um ano, porque foi gradual, eu tinha consultas semanais, aí foi pra quinzenais, mensais.

Ma – E continuas com grupo regular?

FLAVIA - Sim, com a mesma facilitadora inclusive.

MARIELA – Um outro ponto, o que é espiritualidade pra ti?

FLAVIA - hum, que palavra..., é um senso, de que tudo faz sentido, é uma sensação de que estamos numa trajetória que tem objetivo final, ai como é que eu vou dizer isso, que estamos aqui trabalhando pra nos desenvolver e lapidarmos arestas, ai é difícil traduzir, mas que talvez essa vida seja um compasso de uma musica que é muito maior vamos dizer assim e que algo sagrado, algo que nos escapa, algo que a gente não consegue traduzir, algo de uma sabedoria universal, faz parte e que se a gente puder acessar esse canal, essa sabedoria que existe no universo a gente pode se desenvolver de uma forma mais fluida, mais completa, mais abrangente.

As pessoas brincam comigo, ai tu vive dizendo que nada é ao acaso, talvez esse jargão seja um exemplo de como eu acho que tudo tem um cunho espiritual, eu não acredito em acaso. Se ta acontecendo alguma coisa é porque tem algum motivo, se eu to me revoltando, eu to resistindo, é porque eu ainda não entendi o motivo, talvez eu nunca entenda mas eu acredito que existe um fundamento em tudo.

MARIELA- E olhando pro teu caminho no Pathwork e a espiritualidade?

FLAVIA - Eu acho que antes do Pathwork eu já me interessava por questões da espiritualidade, mas acho que elas ainda estavam num plano muito mental. Depois que eu comecei a fazer o Pathwork eu senti a necessidade de eu me disciplinar a dar atenção na minha agenda ou na minha vida a momentos onde eu cuidava disso. Então, eu não conseguia fazer isso numa atividade do Pathwork, focando a questão da espiritualidade, eu achava que nem sempre eu conseguia fazer ali, ou que aquele espaço era insuficiente, eu tive que buscar mais coisas. Então a partir do momento em que eu comecei a me familiarizar mais, sentir os ganhos, sentir os benefícios, proporcionar pra mim mesma momentos de reflexão profunda eu fui procurar reforços. E aí eu comecei a fazer Yoga. E eu acho que, eu brinco que Pathwork é meu pai e Yoga é minha mãe. Eu acho que são sabedorias absolutamente convergentes, complementares, quando eu leio alguma coisa de Yoga parece que eu to lendo de Pathwork e vice-versa. Então hoje eu tenho uma disciplina não tanto quanto eu gostaria de meditação diária, mas eu posso te dizer 3 vezes por semana. Tem a parte de meditação, tu fica numa posição ereta, parada, postura ereta, mas não só isso, exercícios físicos, posições do Yoga que tu te prepara pra meditar, prepara o corpo físico para meditar. É fantástico. E eu vejo quando eu não to bem emocionalmente tudo o que eu preciso é parar tudo, fazer um exercício físico, Yoga no caso, pra ter a abertura, ou a calma, a serenidade pra poder meditar. E os problemas não se resolvem, mas pelo menos eu fico mais habilitada pra olhar de novo pros problemas e encará-los de um outro lugar. Isso tranquiliza muito. E o que faz com que eu tenha disciplina pra continuar é eu estar colhendo os frutos, é eu sentir os benefícios que eu tenho, porque a tendência seria não fazer os exercícios, não meditar, não priorizar isso, e continuar resolvendo os problemas... mas não, tem que parar tudo realmente, limpa a cabeça, movimenta o corpo e aí depois a gente vai enxergar os desafios de uma outra forma.

MARIELA – Estar no Pathwork te levou para a Yoga?

FLAVIA - Não, quando eu tinha 20 anos um médico, porque eu tinha gastrite, me disse que seu eu continuasse daquela forma eu ia te que fazer uma cirurgia porque eu ia ter úlcera, etc, e ele me recomendou fortemente o Yoga. Parece que eu sabia que eu tinha que fazer Yoga mas na época eu não tinha as condições pra isso. Então não foi o Pathwork que me levou a fazer Yoga, só que se não fosse o Pathwork talvez eu não teria a prontidão, a paciência, a disponibilidade de fazer o Yoga. Eu tinha a informação, eu sabia que eu tinha que fazer, mas eu não me sentia pronta pra fazer eu, achava que eu só ia me irritar mais, então no Pathwork eu criei a base que eu precisava pra fazer Yoga.

MARIELA- Falando na questão física, tu trouxeste um pouco com o Yoga, tu vê mudanças, olhando pra essa dimensão?

FLAVIA - Talvez essa é a dimensão que mais demora pra aparecer, mas acho que postura e linguagem corporal sem dúvida, a forma de posicionar o físico, a forma como tu chega no ambiente sem dúvida. De não ser curvada como se o mundo tivesse nas costas e nem tão com peito de pavão quase confrontando o outro, acho que esse equilíbrio da linguagem corporal já ocorreu, já estou muito melhor.

MARIELA- Falando das tuas relações, tu escuta ou já escutou pessoas te falando coisas em decorrência desse trabalho?

FLAVIA - Você tá perguntando se eu recebo feedbacks, é isso? (risos) Ontem eu tava na aula de Yoga, e ontem foi um daqueles dias super difíceis pra mim, sabe aqueles dias que parece que tem uma pedrinha atrás da outra e você olha definitivamente esse é um dia que eu não devia ter levantado da cama. Ontem eu tive um dia assim. E há um tempo atrás não sei o que eu faria, talvez eu teria ido pro cinema ver um filme de aventura pra distensionar, e ontem eu disse eu preciso de uma aula de Yoga, eu preciso, eu preciso, e ontem eu cheguei lá e contei um pouco do que tinha sido o meu dia. E uma colega disse: “nossa Mo, mas tu és estressada?”, eu disse, nossa, se eu sou estressada?, ela perguntou se eu era estressada!, eu fiquei muito feliz, nossa ela adventa a possibilidade de eu ser uma pessoa zen! (risos)

Eu olhei pra ela e disse olha eu sou uma pessoa estressada e controlada, acho que eu nunca vou deixar de ser estressada, estressada acho que não seja a palavra, mas agitada, ativa, muito dinâmica. Mas hoje eu percebo que as pessoas tem duvida disso, e sim, já recebi muitos feedbacks de que eu passo tranquilidade, equilíbrio, harmonia...

MARIELA- E os feedbacks de hoje são diferentes de tempos atrás?

FLAVIA - Totalmente, por exemplo os feedbacks que eu recebia antes que eu era muito rápida, que eu não tinha muita paciência, que era inquieta, que agitava. Eu tenho essa marca, mas também se consegue ver outras coisas e eu, eu mesma me percebo com muito mais tolerância, paciência, equilíbrio, eu não vou te dizer que La dentro ta tudo zen não é isso, mas eu consigo sentir aquele turbilhão interno e não necessariamente deixar ele vazar, às vezes ele vaza, mas ele vaza quando eu quero, eu decido. Hoje eu tenho muito mais controle. Não é compulsivo, reação automática, mas de vez em quando eu me permito ser impulsiva, ser impaciente.

MARIELA – Algo mais que queres trazer?

FLAVIA - Eu te dei exemplos bem cotidianos, simples, mas eu acho que os feedbacks ocorrem em todos os níveis, todas as esferas, eu tenho relações muito melhores com a minha mãe, com os meus irmãos, com os meus clientes, com meus funcionários, com meus colegas, se eu tivesse que falar de dimensões da vida, hoje eu tenho amigos, talvez uma das mais marcantes é esse senso de pertencimento a um grupo, é diferente, eu não sei te explicar, eu consigo sentir conexão com quem quer que seja, talvez porque eu tenha num grupo me permitido me conectar profundamente com varias pessoas muito diversas, então isso faz com que eu esteja mais próxima, mais conectada seja com meu marido, com a minha terapeuta, meu aluno, seja com quem for, porque parece que eu aprendi a me conectar num lugar que era saudável, iluminado, com muita amorosidade, então eu acho q eu essa questão da conexão com os outros o fato de ter amigos e me sentir pertencendo a um grupo, a uma era talvez, faz toda a diferença.

#### **ENTREVISTA 7 – 18/04/2011 - Graça**

MARIELA - O que é o Pathwork pra ti?

GRAÇA - Eu acho que pra mim o pathwork é como se fosse um norte na minha vida, é um norte na minha vida, ele me ajudou muito a me encontrar a encontrar respostas de muitas coisas na minha vida que estavam perdidas, que eu não sabia, que eu não tinha conhecimento. Eu fui buscar na verdade o Pathwork justamente num momento em que eu tava numa crise em varias áreas da minha vida, estavam bastante difíceis, e a partir do momento que eu comecei foi gradual, não foi do dia pra noite, mas eu senti desde o início como algo

muito rico, muito precioso, e que me ajuda hoje a continuar tendo respostas, buscando respostas dentro de mim, encontrando elas com outras pessoas que também fazem parte desse caminho de autoconhecimento e também comigo mesma, as respostas que às vezes encontro buscando ajuda no algo maior, isso é um norte que o Pathwork também traz pra gente, e que pra mim eu sinto que o path é um caminho que ajuda muito a te autoconhecer, encontrar resposta que tu vem buscando dentro de ti que tu nem sabe as vezes, que tu ta perguntando aquilo, que tu quer saber e o pathwork vai te ajudando até formular as perguntas que tu quer pra ti e encontrar as respostas que tu deseja.

MARIELA - Duas coisas que falaste gostaria que explorasses: uma é que encontras respostas, questões tuas, e também através dos outros que estão neste caminho, explica um pouco isso.

GRAÇA - O pathwork tem alguns pressupostos, norteadores do trabalho de autoconhecimento que são baseados no autoconhecimento, nos níveis de consciência que são físico, mental, emocional e espiritual. O espiritual que transcende a questões ligadas ao ego, dentro da psicologia é o que se fala, que está além de nós, que nos liga a algo maior, esse é o espiritual. E quando nós estamos no grupo nós fazemos trabalhos que vão atingir esses 4 níveis de consciência, e esse trabalho é feito com várias pessoas juntas num lugar. E aí a gente troca, através das experiências, das palestras que a gente recebe. Então a gente lê as palestras, a gente vai ter o conhecimento no nível intelectual, mental, e a gente vai tentar captar através dessa experiência o que a palestra esta querendo nos dizer, e a gente vai pros grupos trocar, a partir do que a gente leu, e entendemos do que foi colocado na palestra. E o facilitador vai facilitar pra que a gente experiencie isso no nível físico também através de meditação, de respiração, de exercícios, dinâmicas, facilitar o que esta dentro da palestra pra que as pessoas possam experimentar isso num lugar seguro, num lugar onde tenham outras pessoas também dispostas a trabalhar esses aspectos, e um lugar onde existe a confiança, a entrega, para que as pessoas possam trazer os aspectos das suas vidas, que lá fora fica difícil de ser trabalhado, mexido, olhado, e pra trocar com outras pessoas também. E nesse espaço se dá essas trocas. É experimentado e depois é partilhado com outras pessoas. Nessas partilhas geralmente as pessoas trazem coisas muito peculiares, muito singulares, mas que são também de um todo, de várias pessoas, de vários aspectos da vida que às vezes tu não ta conseguindo perceber, tu não enxerga, não se dá conta que aquele aspecto, aquela pessoa ta te mostrando, ta te dizendo coisas e tu não te deu conta. Puxa ele ta falando de uma coisa que acontece comigo também e eu não tinha me dado conta, eu não tinha visto por esse ângulo. Dessa forma como a pessoa ta me mostrando, que também pode existir outra forma de enxergar a mesma situação. E isso te ajuda a abrir aspectos teus que tu não tinha se dado conta ate então, e questionar e reavaliar e olhar novamente pra aquilo de ângulos diferentes e também o facilitador vai ajudar pra que a gente possa enxergar dentro do que as palestras trazem, do que é colocado nos conteúdo das palestras, ampliar o conhecimento, amplitude dessa consciência que a gente fala dentro do pathwork.

MARIELA - Quando falas no algo maior, como é isso pra ti?

GRAÇA - Como eu acredito, na verdade, existem as nossas experiências anteriores, da nossa história. Eu acredito em Deus e por eu acreditar em Deus eu acredito que esse algo maior pra mim é Deus. Que pra cada pessoa vai ser aquilo que ela acredita. Pra mim é uma energia que tá a nossa disposição, a todo o tempo dentro e fora de nós só que a gente não tem tanta consciência, e quando a gente entra em contato com ela, ela tá nesse todo que somos nós, fora e dentro de nós, que ta em cada parte da terra em cada pessoa, em mim e em ti e nesse todo que é o universo. E esse Deus está no universo, e contem consciência, luz, a luz ela dá condições pra gente perceber aspectos de sabedoria que estão ligadas a questão da união, da criatividade, do prazer, de todas as coisas que criam a união dentro de nos e fora de nos. A união com a gente mesmo e a união com o outro, e a união com esse todo. É uma consciência superior, pra mim.

MARIELA - Falando sobre se percebes contribuição do Pathwork na tua caminhada, nas tuas relações, como vês isso?

GRAÇA - Eu acho que muitas coisas modificaram na minha vida em termos da maneira como eu enxergava muitas questões. Por eu ter começado num momento de crise, eu tava vivendo o início de uma separação, financeiramente também estava complicado, e recentemente meu pai tinha partido, e foi muito difícil porque eu tinha vários conflitos relacionados a ele que era difícil pra mim a elaboração dessa perda, que foi sofrido, bastante difícil a partida dele.

O pathwork ajuda muito a gente purificar sentimentos, muitas emoções negativas, muitas distorções da maneira como a gente pensa sobre a vida, as coisas, a pessoas, o outro, a gente mesmo. E a minha maneira de enxergar a vida era muito negativa. Até recentemente eu tive uma experiência de me ajudar a limpar mais um pouco essa questão, de enxergar a vida de uma maneira muito negativa.

Eu tive uma história muito difícil, na minha infância, e com isso, é como se agente, dentro do path a gente fala que a gente repete os padrões de relação, de interação que a gente teve na vida. A gente vai fazendo a repetição das nossas dores da infância, e a gente fica muitas vezes sem sair dessa repetição.

O Pathwork ajuda a gente ter a consciência porque a gente ta repetindo? Porque a gente vai buscar coisas pra nós que fazem a gente ficar sofrendo? A gente ficar tendo relações com pessoas ou interações ou situações que nos levam pra dor e sofrimento. E diante de várias coisas da minha relação com o masculino eu vi que eu tava criando repetições pra mim: ter ido buscar um parceiro que na verdade não estava inteiro numa relação comigo, tinha outras relações fora, na verdade eu tava criando uma repetição de um padrão de relação com o masculino baseado nas figuras de autoridade, pai na verdade né. Eu enxerguei isso no pathwork, através da caminhada do autoconhecimento. E ele me ajudou a ter essa tomada de consciência, porque eu crio essas situações pra mim, ou porque eu fui criando essas situações pra mim. Porque eu atrai um homem que repetiu um padrão da figura paterna, que eu me senti traída com essa figura lá pai e eu na verdade tava repetindo.

Isso é o link que se faz das questões do passado e que a gente repete as dores da infância, da criança. Então o pathwork me ajudou muito a ter essa tomada de consciência, das crenças que eu tinha, as visões distorcidas com relação ao masculino. Me ajudou muito com essas questões de relação, interação com o masculino, e claro, com o feminino também porque não tem como a gente trabalhar só uma questão sem trabalhar a outra. Eu vejo que eu purifiquei muitas questões ligadas ao masculino. Essa foi uma grande contribuição que o pathwork me trouxe, fora outras questões: nós por vivemos situações dolorosas na infância nós criamos concepções, crenças, visões distorcidas da realidade. E nós ficamos presos aquilo e ficamos recriando aquilo, e varias situações nós recriamos, até que um dia a gente vai ter consciência disso, vai buscar uma forma de se autoconhecer e ver porque a gente ta criando aquilo. Eu busquei, encontrei o pathwork que me ajudou muito a ter essa consciência.

E eu sinto que é um processo muito mais acelerado do que uma psicoterapia tradicional.

MARIELA - Por quê?

GRAÇA - Eu vejo isso porque eu fiz terapia tradicional e ela tem a questão que o foco a própria pessoa vai buscar a consciência, o insight. E o pathwork não, ele te dá ferramentas, ele te dá condições, ele te dá formas de tu conseguir chegar a encontrar respostas dentro de ti sem tu realmente buscar dentro de ti esses recursos, porque as vezes dentro de ti tu não tem esses recursos.

MARIELA - Fala um pouco dessas ferramentas, o que tu achas que se destaca, justificando essa questão que colocaste agora em relação à aceleração?

GRAÇA - As ferramentas são: as próprias palestras que contem situações ali, temas que são realidades ligadas a realidade humana, com seus conflitos, com situações, com dores, o que o ser humano vivencia e experiência, e como o ser humano olha pra isso, enxerga essa situação, e que muitas vezes nós é que enxergamos as situações de uma maneira distorcida, ficamos presos na dualidade: ou ou. Ou estou certo ou isto é errado, ou isso é bom ou isso é ruim. Essa é a visão humana nossa e o pathwork nos ajuda a enxergar de uma maneira ampliada. Essa é uma ferramenta, que é o conteúdo todo do trabalho, que são as palestras, essa é uma

ferramenta poderosa pra questão do trabalho do pathwork. Fora os outros aspectos que são os pressupostos que também são ferramentas que ajudam o facilitador a ele ter instrumentos pra trabalhar em cima da palestra, as vivências, as meditações, a tomada de consciência, que é a pessoa ir pra experiência, experimentar o que está sendo dito nas palestras, através das vivências e isso são ferramentas que ajudam a tomada de consciência sobre as coisas que estão acontecendo com as pessoas.

MARIELA - Falaste sobre as recriações, que te ajudou a tomada de consciência. Como é isso, chegas a receber feedback do teu entorno sobre transformações, mudanças tuas?

GRAÇA - Sim, sim. Pra começar eu acredito que seria muito mais difícil a minha atuação dentro da própria profissão (psicóloga clinica) se eu não tivesse dito essa caminhada, porque a autoconfiança que eu desenvolvi, foi bastante significativa do que eu tinha em relação a mim mesma. A minha postura diante de mim mesma, de eu acreditar em mim, no meu potencial, do que eu sou capaz, tudo isso eu desenvolvi com esse trabalho. E tenho esses feedbacks através dos pacientes, dos feedbacks deles em dizer que eu estou ajudando eles, poder facilitar pra eles os processos deles. Os próprios grupos que hoje eu facilito por ter feito a formação e que me ajuda muito, e também recebo feedback dos alunos, e isso ajudou muito a minha vida profissional. E também acreditar na minha caminhada, o que eu vim fazer aqui, na Terra, o que eu vim oferecer para as pessoas aqui. Eu tive essa consciência através do pathwork. Eu acho que pra todo o ser humano isso é importante. No momento que tu tem essa clareza, tu vai atrás daquilo que te preenche, tu passa a ter foco. Hoje eu recebo muito através do meu trabalho, através das pessoas me indicando pra outras pessoas.

MARIELA - Anteriormente falaste em algo maior, em Deus, e queria te perguntar agora o que é espiritualidade pra ti?

GRAÇA - Espiritualidade pra mim é a vida. É a confiança da vida e de acreditar em mim mesma, acreditar na minha capacidade de criação, na minha capacidade de oferecer a minha criação pra as pessoas, de ser feliz, de ir em busca da felicidade, de estar em inteireza comigo, eu estar inteira no sentido de que eu não estou mentindo pra mim, espiritualidade tem muito a ver com a verdade que é pra mim, estar em verdade comigo e com outro, eu vejo que a espiritualidade te leva pra esse lugar de uma inteireza muito grande contigo e com o outro. E com a vida. É tentar estar inteira, em verdade, com tudo o que me cerca, com a natureza, comigo mesma em 1º lugar, o que está fora e dentro de mim também, é a entrega dessa verdade.

MARIELA - Falaste que fizeste terapia tradicional, e hoje?

GRAÇA - Hoje estou fazendo atendimento com helper do pathwork. Eu sigo trabalhando meus aspectos individuais com uma helper.

MARIELA - Como tu vê o grupo e o trabalho individual do pathwork?

GRAÇA - O grupo em si ele vai abrir questões que as vezes pra ti aquilo não ficou tão claro, que aquilo é teu, e não é do outro.

Exemplo: alguém chega e diz pra ti que ta saindo do grupo, que vem contigo numa caminhada e que ta saindo. E aquilo te bate e tu fica extremamente braba com aquilo, com muita raiva. E aquilo tu sabe que tem coisa tua ali, porque na verdade aquela pessoa ta fazendo o movimento de vida dela, e tu tem consciência disso. O teu mental diz que sim né! Tu tem consciência, etc..., que é natural isso acontecer, mas tem uma parte tua que fica muito furiosa com a saída daquela pessoa que eu gosto tanto.

E aí se tu não tem um espaço teu, pra olhar pra aquilo, porque tu ta com tanta raiva porque uma colega ta dizendo que ta saindo de um grupo, aí eu vou ficar só olhando o que é do outro. E eu não vou olhar pra as minhas coisas, porque isso mexeu comigo, porque ta difícil pra mim aceitar. Então a questão individual ajuda muito nessa tomada de consciência. E no grupo, o grupo vai trazer aspectos desse grupo que vão cada um mostrando coisas pro outro, que vai ser como um espelho, cada um vai refletindo no outro, e que o outro vai ter que olhar se ele quiser, e vice versa, por isso que é muito rico se trabalhar em grupo dentro da metodologia do pathwork, e ter o seu espaço individual pra trabalhar esses aspectos bem individuais.

MARIELA - Essa tua busca pela mudança, do tradicional que fazias antes para o individual com helper, como foi?

GRAÇA - Olha, na verdade eu não sai do tradicional para ir pra questão mais transpessoal, na eu já estava com uma terapeuta transpessoal, mas que não era da metodologia do pathwork, ela já era de uma metodologia semelhante, que acreditava em algo maior, que já tinha toda a questão da espiritualidade relacionada, eu fiz essa transição muito gradualmente, fiquei 2 anos com a tradicional, parei um tempo, voltei, fui para um terapeuta humanista, que também tem uma visão diferente, aí logo depois eu fui pra questão transpessoal, fiquei um bom tempo, e aí que eu iniciei, depois de muito tempo, com o pathwork. E eu já estava na formação do pathwork quando eu iniciei com a helper. Então eu fui fazendo isso mais gradual, eu não senti tanta diferença no sentido, claro que tem grande diferença, mas faz muito tempo que eu fiz dentro da metodologia tradicional.

Isso foi gradual, foi super orgânico, como a gente fala dentro do pathwork, foi algo genuíno, bem natural. E na época que eu fiz com a tradicional, claro que eu não ia me adaptar com a transpessoal, porque eu não tinha toda essa bagagem de coisas que eu experimentei nesse tempo todo e que hoje pra mim é o ideal. Naquela época pra mim aquilo era o bom, aí chegou o momento tal. Eu fui buscar, tinha um objetivo porque eu tava lá, aí eu consegui resolver, e dei uma parada, parei um tempo e voltei com outro terapeuta em outra abordagem.

Mas eu vejo assim, a diferença da metodologia tradicional pra do pathwork é a visão que transcende ao ego que é bem diferente da tradicional, tem a questão da neutralidade, no pathwork vai ter a contratransferência, mas ele não vai ficar nisso e contratransferir com a pessoa, ele não vai ser totalmente neutro naquilo que ele percebe na pessoa, ele vai sentir o que a pessoa está sentindo, e ele vai devolver em cima daquilo que ele sente que a pessoa está sentindo. É como se o terapeuta percebe o que está acontecendo com o paciente e ele vai tentar devolver, tentar ampliar isso pra esse paciente, dentro do que é estudado dentro das palestras, de pressupostos...

MARIELA - Falaste antes dos níveis de consciência, físico, mental, emocional, espiritual. E também falaste de cada um. Tu percebes também consequências no nível físico, desse trabalho?

GRAÇA - Quando eu iniciei o processo eu tinha muito mais somatizações, eu adoecia mais, ficava muito mais doente, eu tinha crises muito grandes de enxaqueca, eu tinha muito mais de ficar resfriada, gripada, sinusite, num crescente. E isso era 2 vezes no ano no mínimo, e isso foi diminuindo, diminuindo, diminuindo... e hoje eu percebo toda a tomada de consciência, dos motivos que me levavam a adoecer fisicamente, e que eu somatizava através do sofrimento emocional, de coisas emocionais que aconteciam, da maneira que aconteciam as situações, como eu sofria com essas situações e que isso eu somatizava, levava tudo pro corpo, o corpo expressava a dor, do mental, de como eu pensava, de que jeito esses pensamentos me levavam a sentir as emoções e com isso por eu não me dar muito bem com elas, eu levava pro corpo.

Então eu tive uma tomada de consciência maior dos motivos que me levavam a ter os sofrimentos emocionais, as questões ligadas à forma que eu pensava, de uma maneira distorcida, baseado na história da infância, e eu ficava presa naquela dor da infância, repetindo os padrões de coisas que foram vivenciadas lá. O pathwork me ajudou muito a ter consciência, do que me levava a ter somatizações de coisas que me aconteciam.

Eu vou dar um exemplo: na minha infância eu fui muito reprimida, eu não podia chorar! Minha mãe não gostava que eu chorasse. Varias vezes eu apanhava pra não chorar. E aí como eu podia expressar a minha dor? Como não era possível chorar, o corpo chorava através da rinite, da sinusite, da asma, eu tinha crises de asma horríveis que eu tinha que ir pro hospital.

Então eu descobri que tava lá na história da infância, esse é um exemplo clássico do que o Pathwork me ajudou.

MARIELA - Mais um ponto que eu queria explorar, quando falaste da inteireza, quando te perguntei da questão espiritual, e que falaste: “estar em verdade comigo” e a questão da inteireza. Fala um pouco da contribuição desse trabalho na tua relação contigo. O que é estar em verdade...

GRAÇA - O Pathwork tem um dos aspectos que fala sobre a imagem, a autoimagem, como nós criamos a nossa autoimagem. Autoimagem é como nós achamos que nós temos que ser para que o outro nos aceite, para que o outro nos ame. E nós construímos a nossa autoimagem lá na infância, lá no início da nossa história, e nós construímos ela para que sejamos aceitos. E como nossos pais tem conflitos, dores, não conseguem resolver suas coisas das suas histórias e suas vidas e não são perfeitos como todo o ser humano não é, e como todo mundo quer que seus pais sejam perfeitos e eles não são, os pais frustram, eles não conseguem lidar com aquela criança. E os pais dizem assim: “se tu não fizer aquela coisa como eu quero, eu não vou te dar o meu amor”. Essa é a mensagem que muitas vezes os pais transmitem pras crianças. E a partir dali, pra não correr o risco de perder amor daquelas pessoas que ela ama e que ela depende, ela começa a fazer coisas pra agradar esses pais. E muitas vezes essas coisas vão contra ela mesma. Contra a gente mesmo!

No meu exemplo: a minha mãe me batendo porque eu tava chorando, e ela não querendo que eu chorasse. Eu podia estar sentindo muita raiva da minha mãe, mas eu não podia mostrar a minha raiva, mesmo estando chorando, e nenhuma criança chora sem motivo, se ela sente vontade de chorar deveria ter algum motivo. E a minha mãe por ter as limitações dela, ela só queria que eu parasse de chorar. Então ali começou a minha distorção da minha verdade. A minha verdade qual era: eu tinha algum motivo pra chorar. Alguma coisa tava acontecendo comigo que eu queria chorar. Só que como ela não compreendia isso e não entendia, e não sabia, ela queria que eu parasse de chorar. Ali inicia o processo de a gente se enganar pra a gente ser aceito, pra se proteger, se enganar pra tentar fazer o que o externo quer, e ir contra o que a gente tá sentindo, deseja.

Então, no meu caso, eu tinha que engolir aquilo tudo, e como eu fazia, tinha que ter uma garganta doendo, uma inflamação, e eu ficava fora da minha verdade. E aí a gente vai aprendendo a mentir pra gente mesmo, nada tá acontecendo, ok, tá tudo bem, to feliz, mesmo estando infeliz. E dizendo pra as pessoas eu sou perfeito, mesmo sabendo que não, que eu estou cheio de erros, e lutando pra não mostrar esses erros. A partir dali a gente começa a negar que a gente tem falhas, medo, dor, a gente vai se distanciando da gente mesmo, do que sentimos, e do que queremos sentir e não nos permitimos. E a partir daí a gente começa a se perder da gente mesmo e se distanciar da vida, da pessoas, do mundo, porque se eu acho que o mundo só me agride, que não vai me entender, o que eu vou fazer, vou me recolher, me fechar. E é desse lugar que eu vou me relacionar com o mundo. E não é verdade que o mundo inteiro é agressivo, que o mundo inteiro não me compreende, que o mundo inteiro não vai me aceitar, não é verdade, mas eu acho que é, baseado na minha história. E o pathwork ajuda a gente a ter essa consciência, de se compreender, de ver porque a gente vem agindo de uma forma X, de uma forma Y e o que tá atrás dessa forma de se comportar, de sentir, de pensar. Porque eu era tão tímida, porque eu não falava as coisas... mas com toda essa repressão seria difícil que eu fosse uma criança espontânea, que eu conseguisse expressar meus sentimentos, que eu conseguisse colocar pra fora as coisas que eu tava sentindo.

Baseado nisso que o pathwork coloca: estar mais em contato com o que está sentindo, e isso faz nós nos sentirmos inteiros, estar em verdade comigo mesmo, porque quando eu to mentindo pra mim que tá tudo bem pra agradar o outro, dizendo que esteja tudo bem e eu não to, eu não to em verdade comigo, eu to separada de mim, eu não to inteira comigo, eu to separada, dividida de mim mesma, acho que é isso.

MARIELA - Algo mais que tu acha?

GRAÇA - Tem tantas coisa mais, tem tanta coisa que o pathwork me ajudou, e por eu acreditar muito nesse trabalho eu sigo fazendo o que eu fui aprendendo com pessoas que já estavam nessa caminhada e sinto que pra mim não tem mais como voltar, é um caminho sem volta, é um caminho que vai te levar a ter uma tomada de consciência, sobre a vida, sobre as coisas, as outras pessoas, principalmente a mim mesma. O que

eu vim fazer aqui, o que eu estou criando pra mim mesma e pra as pessoas que estão de alguma forma ao meu redor, hoje é muito difícil eu não estar, eu sinto que o pathwork esta incorporado na minha vida, diariamente, de varias formas, quando eu vejo eu estou praticando este caminho, estou vivenciando ele diariamente. Desde o momento em que eu acordo de manhã, com uma intenção de dar o melhor de mim naquele dia e transmitir esse melhor pra mim mesma, pra minha vida e pra outras pessoas, eu sinto assim que o pathwork é a minha vida, não tem mais como, eu to preenchida desse caminho, do que o Guia coloca.

MARIELA - Com é pra ti essa questão do Guia?

GRAÇA - Por eu ter tido uma filosofia anterior, antes de iniciar o pathwork eu já tinha a filosofia espírita, eu já tinha uma visão espiritualista, esta visão que nós não estamos isolados. Existem energias sutis que estão conosco, só que a gente não enxerga, não tem como provar que elas existem. Mas essa consciência superior ela tá permeando o tempo inteiro, e quando a gente se abre pra ela, ela nos dá informações sobre coisas que pra muitas pessoas, ah mas isso é da tua cabeça, tu ta criando na tua cabeça.

Mas os conteúdos das palestras olha, eu ia ter que viver muitas vidas pra conseguir! Eu teria que ter vindo muitas e muitas e muitas vezes aqui pra mim ter a riqueza do conhecimento que tem nas palestras. Eu vejo como algo muito maior que a gente de alguma forma se abriu pra ter esse conhecimento, se abriu pra essa consciência, de algo que nos ofereceu, que alguém transmitiu, alguém fisicamente falando transmitiu o que foi passado que se denominou um Guia, um ser de luz, uma consciência superior que tem uma visão ampliada de consciência, que tem um conhecimento muito maior que só nos humanos teríamos dificuldade de chegar a esse ponto que o Guia coloca através das palestras.

#### **ENTREVISTA 5 – 14/04/2011 – Participante Referência**

Inicio falando sobre os objetivos da pesquisa.

MARIELA - Bom, eu vou te trazer as perguntas feitas aos participantes durante as entrevistas e a ideia é começarmos uma conversa. Comecei buscando saber o que é o Pathwork para cada uma das pessoas, e buscando verificar se há atribuição a esse caminho para o desenvolvimento pessoal e profissional.

RENATE - Bom, o que é o Pathwork né... resumidamente eu diria que o caminho Pathwork é uma filosofia de vida. Não é uma abordagem psicológica, nem espiritual, e ao mesmo tempo é essas duas coisas e muito mais. Eu vejo que ele traz elementos que nos permitem levar isso pro nosso dia a dia com muita facilidade. Não é uma teoria que tu digas: ah, mas isso é em teoria. Eu até tenho dificuldade de explicar conceitualmente o que faz com que ele seja tão pratico, diferentemente de outras abordagens, já comparando com outras abordagens, vou pegar um exemplo: o pathwork fala de autorresponsabilidade, talvez se eu fosse destacar algo eu diria que o mais eu destacaria no pathwork é o que ele coloca de autorresponsabilidade, de que nós criamos a nossa própria realidade. E isso não é novo! Muitas abordagens falam disso, a psicanálise fala do determinismo psíquico que em outras palavras é isso. Mas me parece que no pathwork isso fica tão gravado que os profissionais que trabalham nessa abordagem, as pessoas que passam a praticar, parece que é mais fácil de assimilar esses conceitos do que nas outras abordagens, essa é a minha visão. Tanto como facilitadora desse caminho como paciente de outras abordagens. Já dizendo dos dois lados. Infelizmente aqui como eu fui a primeira, eu não me beneficieei de poder ter um helper. Depois até poderia, mas aqui no Brasil os helpers eram meus colegas de formação, então... (risos) isso se complicava né, então eu buscava terapeutas que tinham essa visão mais transpessoal, tive muitos bons terapeutas, mas eu vejo que eu tinha que forçar essa parte: "sim, mas eu criei isso, então o quê isso ta me trazendo?" (autorresponsabilidade). E isso faz muita diferença, porque realmente faz com que a gente vá mais fundo no processo então se eu pudesse ainda dentro de conceituar o pathwork eu acho que ele é um caminho de assumir a responsabilidade pela própria vida e pelas próprias criações.

MARIELA - Falaste da praticidade, de que isso é muito bem assimilado, disseste que não sabes muito bem porquê, e isso eu percebi nas entrevistas, as pessoas percebem com muita clareza, inclusive conceitos do pathwork e levam isso pro cotidiano, isso é muito claro, e eles também percebem quando não aplicam no dia a dia. Tem alguma questão que possas trazer ao trabalho realizado em grupo, e o individual..

RENATE - É, eu acho que a gente pode pensando alto tá, sem nenhuma pretensão, eu acho as palestras chatas, o Guia as vezes é repetitivo, se for pensar quando tu lê Freud no original, quando tu lê Jung no original, é difícil, tu tem que te habituar com aquela linguagem. Com o Guia também. Num primeiro momento é chato, ele repete, volta, mas tem algo ali que talvez se dê integrando com o grupo, mas eu fico pensando nas pessoas que chegaram até mim só através das leituras, que não chegaram a frequentar um grupo e que tiveram essa mesma sensação quando leram os livros.

MARIELA - Então, essas pessoas te procuraram a partir das leituras dos livros sobre o Pathwork?

RENATE - Sim. Tem varias pessoas que chegaram ate mim pelos livros, e depois eu indiquei... então, elas trazia isso: “esse livro mexeu comigo, e eu queria ler mais rápido mas ao mesmo tempo eu não podia, eu não conseguia porque até digerir o que ele tava me dizendo, e aí me tocava, sabe.” Então é uma coisa que parece que toca num nível realmente muito profundo. Eu não tenho duvida que participar de um grupo faz toda a diferença. Acho que até a palavra que a gente usa *grupos de estudos* não é bem compreendida, porque o estudo em geral é visto como algo intelectual e os grupos de pathwork tão longe de serem intelectuais. Claro que eles também contemplam a parte intelectual mas ele é muito vivencial. Seja no nível emocional, no físico, faz com que a gente entre mais, então isso também faz diferença porque tu traz o teu dia a dia para o trabalho (pathwork), e a recíproca é verdadeira, tu leva pro teu dia a dia. Pensando alto ainda, tá mais p. ex. na psicanálise tu também traz as tuas coisas, mas eu acho que traz intelectualmente, mentalmente, e ali tu vai viver aquela cena, do teu dia que te incomodou, tu vai levar pra aquela vivencia no teu grupo. Não que seja um psicodrama, mas reviver dentro de ti mesmo a situação então parece que aquilo te leva para uma apropriação maior do que aconteceu.

O Pathwork me chegou de uma forma muito especial, porque eu sempre quis a psicologia, a vida me levou a dar uma atalhada ou uma desviada da psicologia, me levou pra comunicação, depois de anos me dando bem dentro disso eu sentia um vazio, uma inquietação, como se tivesse mais, não fosse só isso.

Eu tinha um casamento, um filho maravilhoso, uma profissão bem sucedida, e que mais? Não é só pra isso que eu to aqui. E aí eu saí a busca de coisas, encontrei uma pessoa muito especial, que me levou a um trabalho corporal a me conectar com a minha espiritualidade, e a partir disso me indicou alguns caminhos, cursos que eu fui fazer, e foi onde eu conheci a Aída, que depois trouxe o Pathwork pro Brasil. E quando ela me convidou pra participar da formação foi num momento muito difícil porque eu tinha acabado de romper com a comunicação, romper no sentido de que eu tinha vendido a minha parte da empresa que eu era sócia, sem saber o que eu ia fazer, mas eu sabia que não era mais aquilo ali. E aí ela vem me convidar pra uma formação em Salvador, com muitos anos, um comprometimento a longo prazo, e eu tava no momento desempregada. E foi muito forte o chamado: vai! E talvez esse seja um outro, to trazendo isso porque talvez esse seja um outro ponto que torne esse caminho nessa coisa que as pessoas dizem (sobre a leitura das palestras), é como se tivesse mais que as palavras que estão ali escritas, tem algo que te leva junto pra um estado ampliado de consciência. Se eu to descentrada, eu leio uma palestra e eu me centro. E eu sei que não é só pelas palavras que diz ali, mas é como se tivesse uma energia que me envolvesse e me levasse de novo pra dentro do meu cerne. E é isso que eu ouço as pessoas falarem quando elas leem os livros. “Eu li esse, eu li aquele, e não tem mais pra ler?” Eu quero ter essa sensação. Então a minha sensação é que talvez por ser um trabalho canalizado ao tu contatar com a canalização com a pessoa vez tu também entra nesse mesmo canal, digamos, e pra mim o que eu chamo de canal, pra mim é a fonte, não tem nada externo, é a fonte de nós mesmos!

Então como essa pessoa (Eva Pierrakos) conectou com a fonte de sabedoria e acessou essas informações ela também nos ajuda a entrar na fonte de nós mesmos e então é como se a gente se encaixasse. E eu vou te dizer, eu tinha essa sensação muito semelhante quando eu lia Jung porque pra mim Jung canalizava, e ele fala nos 7 sermões aos mortos uma parte em que ele fala, quem disse isso, não me lembro mais, mas alguém que viveu 2 mil anos antes de Cristo. E que tava dizendo agora pra ele, então ele me provocava essa mesma sensação. Quando eu lia alguma coisa dele era muito parecido com o que eu sinto com o Pathwork.

MARIELA - Uma das perguntas aos entrevistados foi sobre o que é espiritualidade pra cada um, e nessa pergunta senti uma não certeza, mas ao mesmo tempo uma confiança. Ninguém me falou a palavra confiança, mas a sensação que eu tive foi um pouco assim. Diziam algo como “não sei direito dizer o que é, mas é algo que me conecta”, com várias respostas diferentes, mas todas convergindo pra isso, não uma clareza anterior como falávamos antes sobre a praticidade do pathwork, mas essa confiança. E isso me remeteu para o que tu trouxeste agora...

RENATE - Humhum. Pra mim eu defino espiritualidade como a reconexão com a fonte. O que eu chamo dessa fonte é esse cerne de nós mesmos, esse eu mais profundo que eu poderia chamar de Deus, é a centelha que todos nós temos da divindade. Divindade que pode ser a sabedoria mais pura, então pra mim por isso que eu vejo que a palavra religião e espiritualidade estão conectadas, porque a palavra religião vem do religare que é a reconexão com a origem divina. Então pra mim espiritualidade é ação ou ato de buscar a si mesmo, e esse si mesmo é o self, é o que o Pathwork fala de o eu real, que não é nem só o eu inferior nem o só o eu superior, mas as duas coisas juntas.

MARIELA - Tu tens contato com uma comunidade enorme de pessoas, de alunos que foram buscar o pathwork e que hoje continuam, qual a tua percepção em relação a isso, a como as pessoas percebem essa questão. Porque nas palestras muitas vezes aparece Deus, e também se coloca não como uma religião, mas um caminho espiritual, como as pessoas lidam com isso?

RENATE - Eu acho que isso pra algumas pessoas é barreira. Eu acho que algumas pessoas que pegam o folder p. ex. que tá escrito o material canaliza, descarta de cara. Existe um preconceito grande. Então às vezes eu fico um pouco em dúvida do quanto abrir num primeiro momento sobre essa questão da canalização porque parece que algumas pessoas que iriam se beneficiar automaticamente já descartariam, e talvez se elas tivessem um pouco de acesso antes pra depois saber, talvez elas poderiam no mínimo duvidar, e querer olhar um pouco mais. Então acho que isso é um limitador, respondendo bem objetivamente.

Por outro lado eu também acho que chega quem ta pronto pra chegar, e mesmo, parafraseando o Guia, esse é um caminho pra poucos. (risos) Muitos chegam, poucos permanecem. Então p.ex. eu te diria, eu em muito pouco tempo quando vi eu tinha 5 grupos e mais de 100 pessoas fazendo trabalho comigo, mas se eu for olhar para o numero de pessoas que passaram.. mais de 1000. Quantas ficaram, ou quantas estão ainda?

Não é fácil aprofundar. Muitos se encantam num primeiro momento, e eu aprendi a ficar com luzinha vermelha quando eu vejo pessoas que ficam encantadas, oitava maravilha..., essas em geral são as que menos perduram. Fogo de palha...

Porque esse não é um caminho de encantamento nesse sentido, ele é talvez de ops, surpresa, vou ter que engolir essa! Em geral o que eu observei ao longo desses anos, é que aqueles que se deslumbram num primeiro momento, se assustam no segundo e fogem no terceiro.

MARIELA - E aí tu diz... *vou ter que engolir essa...*

RENATE - Porque esse é um caminho, ele diz desde o princípio, que não é um caminho espiritual comparando aos caminhos espirituais que prometem ascensão sem passar pela escuridão. E o pathwork realmente, ele enfatiza a necessidade de se confrontar com a sombra, de trazer à luz o eu inferior, porque se não essa ascensão não vai ser genuína.

MARIELA - Esse talvez seria um ponto chave?

RENATE - Com certeza. Eu diria, quais são os aspectos que se destacam nesse caminho, um deles certamente é esse, ele não vai te deixar, por isso a coisa de que eu crio. Acho que quando a gente toma ao pé da letra esse princípio de autorresponsabilidade, que nós somos criadores da nossa própria realidade, pra que eu possa aceitar isso eu vou ter que me confrontar com a minha sombra. Se não, eu não vou entender porque eu criei aquilo que eu não gosto, que é muitas vezes o oposto ao que eu desejo, se eu não olhar que tem uma parte de mim que diz *Não* pra aquilo que eu desejo, que tem uma parte de mim que tá ali a serviço de me separar do outro, de fechar meu coração pro outro.

Então eu também acho que a gente pode pegar qualquer instrumento e transformá-lo positivamente ou negativamente, vai depender de como eu o uso. Às vezes eu vejo pessoas que ficam muito em cima do eu inferior e às vezes assustam. Porque se nós não estivermos alinhados com o eu superior é muito difícil de ver o eu inferior.

MARIELA - Explica um pouco o que queres dizer com "ficam muito em cima do eu inferior".

RENATE - Se alimentam de olhar o negativo, e aí ficam em cima daquilo e aí fica muito pesado, obscuro, negro, e isso seria antítese da espiritualidade ascensional...

MARIELA - Tu achas que tem pessoa que também vão pra esse lado?

RENATE - Com certeza, é isso que o Guia fala: a espiritualidade como caminho de ascensão à luz, então aquela que nega que tem raiva, que odeia o outro, que não pode aceitar que também tem egoísmo, aquela coisa dadivosa dos espiritualistas. É isso que ele diz: este não é um caminho destes.

Mas eu vejo também que a humanidade, faz parte da nossa dualidade, se a gente não vai pra um lado, a gente pode ir pro outro, então eu vejo que tem pessoas no pathwork que tendem a ficar marreteando em cima do eu inferior e esquecendo que nós também somos eu superior e que a gente precisa estar muito alinhado com o nosso eu superior pra olhar pra as nossas partes menos crescidas, nossas partes egoístas, raivosas, vingativas, porque se não fica muito difícil, muito duro realmente.

E se não há genuína aceitação, eu falo agora como facilitadora, eu acho que a gente pode pecar querendo impor pro outro que ele enxergue algo quando as vezes nem nós mesmos queremos enxergar.

MARIELA - Em uma das entrevistas me chamou a atenção o numero de vezes que a palavra aceitação apareceu e essa é a pessoa que eu entrevistei que está há menos tempo no Pathwork. E o que ela coloca é que este ano quer se aprofundar mais pois assume que até então era uma parte mas que não estava integralizado no seu dia a dia. Entendi que pra ela aquilo precisava vir antes de qq outra coisa para que ela pudesse realmente entrar no trabalho. Então, aceitar toda a negatividade, tudo o que se apresentasse, o que tu colocaste agora...

RENATE - E esse eu diria que é o terceiro principio que se destaca nesse caminho: o que nós temos que fazer é aceitar aquilo que somos, aceitar a nossa realidade, parece tão simples, tão banal dizer isso, tão óbvio, e tão difícil e complexo! Porque primeiro que a gente passa a maior parte do tempo querendo se o que nós não somos, ou querendo ser só uma parte do que somos e negando a outra. Então, eu diria que esse é um caminho de buscar as partes que a gente negou, se confrontar com elas e aceitá-las.

MARIELA - Voltando um pouco quando estavas falando que foste fazer, psicologia, e recebeste o convite da Aída para fazer a formação do Pathwork, com que foi esse caminho?

RENATE - Foi interessante porque isso praticamente começou junto. Quando o pathwork chegou no meu caminho eu já tinha lido varias abordagens, eu sempre fui uma curiosa. Eu li muito Jung, antes de nem pensar em fazer qualquer coisa nessa área, eu lia os livros porque eu gostava, me interessava. Eu fiz muito workshops dentro da abordagem humanista, gestáltica, de respiração, de energia...

Então quando o pathwork chegou eu já tinha uma visão bastante ampla dessas varias abordagens, e nesse meio tempo eu fui convidada no final do ano pra fazer a formação, e em julho eu entrei na psicologia. E o pathwork começou praticamente na mesma época. Então minha formação na psicologia e no pathwork

caminharam passo a passo. A diferença é que como eu fui a primeira aqui, com um ano de formação eu fui autorizada a começar grupo, uma exceção. E eu já trabalhava muito com grupo de meditação, então dinâmicas grupais e vivências não me assustavam, eu já trabalhava há cinco anos com isso. Trabalhava, não trabalho profissional, era de doação, eu fazia parte de um grupo de autoconhecimento que tinha encontros de meditação gratuitos. E essa foi a minha escola de dinâmica de grupo. Então quando eles disseram pra mim e outras colegas de outros estados: vocês podem começar, e a gente tinha supervisão, foi um aprender e passar, aprender e passar...e claro que isso acelerou muito porque a gente aprende muito ensinando, então o meu aprendizado, o meu processo foi muito rico nesse sentido, por isso eu acho super importante fazer a prática enquanto está se estudando ainda. Porque enriquece muito mais.

MARIELA - Falaste que já passeaste em varias abordagens, falando da psicologia, como vês isso em relação ao path, esses diálogos?

RENATE - Foi muito interessante porque eu acho que a faculdade de psicologia, o grande presente e que ela te ajuda a conhecer as diferentes teorias, não todas, mas os grandes pilares digamos, então esse passeio teórico por diferentes autores te dá uma visão... e eu desde o inicio me incomodava muito quando os meus colegas perguntavam: tu já escolheu qual linha vai ser? Psicanálise, humanismo?

Eu ficava muito incomodada com isso, porque pra mim eu não podia escolher uma e deixar a outra! E foi fascinante estudar o pathwork junto porque eu via todas essas abordagens dentro do pathwork.

O Guia transitava por Freud, ele transitava por Maslow, por Pearls, por Rogers, ele tem uma base cognitivista fantástica, então pra mim era como se eu pegasse todos os autores, botasse dentro das palestras do pathwork, botasse no liquidificador, era o que o pathwork me mostrava, então não precisa separar nada. É lógico que tem coisas bem específicas que tu vais aprofundar naquela abordagem.

Mas eu digo assim, a essência, porque na minha visão limitada eu vou arriscar dizer por exemplo, que os humanistas contestaram a psicanálise e aprofundando a relação terapêutica, humanizando. Só que quando eles deixaram de lado a psicanálise eles empobreceram a teoria, negando toda a parte, o trabalho do inconsciente, agora se tu juntas as duas coisas: atenção focada na pessoa, visão positiva do ser, e se tu juntar com tudo o que o Freud descobriu... vai ser muito legal! Aí Jung que trouxe o inconsciente coletivo e essa visão mais transcendente, então acho que cada um trouxe um pouco, e se a gente puder incluir porquê ser excludente.

MARIELA - Não sei se entendi bem, mas anteriormente chegaste a falar sobre ter ido buscar trabalhos na abordagem transpessoal, que participaste?

RENATE - Na verdade eu não fui buscar , quando eu fiz esses trabalhos todos eu nem sabia que eu tava fazendo psicologia transpessoal, eu fui levada e eu fui saber depois quando eu fui estudar, aí eu vi: ah, aquilo que eu fiz lá, isso era gestalt, isso era....e eu fui saber que tudo isso me levava para uma transpessoalidade, por exemplo, sem saber eu tive experiências espontâneas transcendentais que eu só fui compreender teoricamente depois então, a psicologia me ajudou a dar nome pra as coisa que eu já tinha vivido, experienciado sem saber.

MARIELA - Tu como helper do pathwork e psicóloga, olhando pra tua pratica individual...como é isso?

RENATE - Eu acho que eu não conseguiria trabalhar de outra forma que não fosse a partir da minha própria experimentação. A psicologia me deu um embasamento teórico que com o pathwork eu aprofundei, e talvez por ter feito em paralelo eu ia cruzando as informações a medida em que elas iam chegando. Não sei se foi um presente, eu considero que sim, porque eu era pra ter feito psicologia 20 anos antes. Então ter feito agora tinha uma razão, mas o que eu acho que a clinica me dá é não ficar só na questão mais intelectual. Mesmo sendo um trabalho individual eu faço muitas vivências e utilizo recursos que fazem a pessoa não ficar só no mental. Que eu acho que leva pra esse lugar mais profundo. Aí eu poderia dizer: ah, mas outras abordagens também fazem isso. Gestalt tem muitas técnicas que eu acho legais, psicodrama, enfim. Então eu digo que o que reforça, falando sobre a minha própria experiência como paciente, o que eu sinto que faz a grande diferença é

estar todo o tempo trazendo a autorresponsabilidade. Porque nós enquanto pacientes somos muito envolventes, e eu vejo que as nossas histórias encantam, e é muito fácil o terapeuta ficar envolvido por aquela história e ficar envolvido. Muitas vezes eu vi terapeutas meus tomando partido das minhas distorções, porque elas eram tão cheias de razão. E quando o Guia diz, eu lembro uma palestra que ele diz: “Quando tu te descobrires muito cheio de razão, desconfia.”

Eu me lembro que eu vivi uma experiência na psicologia, então por exemplo, eu tava fazendo estágio numa clínica psiquiátrica, e tinha um paciente que eu acompanhava, que eu tinha uma aliança terapêutica tão boa com ele, que eu terminei o estágio e continuei indo acompanhá-lo voluntariamente. E esse paciente tinha um psiquiatra que o acompanhava, que na minha visão era um horror o que ele fazia. Porque o paciente era bem comprometido, e tinha uma atitude que provocava o abandono, o castigo, então ele fazia de tudo para que a autoridade o punisse. Então o psiquiatra, que era responsável pela internação, entrava no jogo e o colocava na unidade fechada. Ele chegava a ficar um mês na unidade fechada, e isso era remédio pra doença, era a manutenção da distorção dele.

Então eu me lembro que a minha terapeuta subia as paredes junto comigo quando eu contava as barbaridades, o rol de medicamentos que ele tomava, que era dopado. E aí cada vez mais eu e o psiquiatra começamos a bater de frente. Primeiro ele me adorava, achava muito bom que eu tava dando suporte, porque eu fazia AT sem saber que estava fazendo porque antigamente esse termo não existia, então eu levava ele pro parque, eu levava ele pro shopping, eu levava ele pra minha casa, finais de semana, fiz um trabalho de reparentalização com ele porque a família é de fora e ele tava completamente abandonado, e coisas que ele tinha pânico, ele começou a....

E eu comecei a bater de frente com o psiquiatra. E a minha terapeuta, muito boa, mas ela entrava na minha história e comprava a briga junto.

Até que um dia eu tinha combinado, ele me evitava, o psiquiatra, e eu combinei que queria conversar com ele, e eu queria realmente provar que o que ele tava fazendo era anti saúde. E ele me desdobrou e disse só se for sábado. Aí eu fui sábado, e sabia que ele ia me castigar, me dar chá de banco, aí antes de sair eu peguei uma palestra (risos), e levei porque eu sabia que eu ia ter que esperar. E é claro que ele me deu quase 3 horas de chá de banco. E enquanto esperava eu lia a palestra, li...e foi incrível. Nessa palestra que dizia essa parte: “quando tu tá cheio de razão, desconfia.” E eu me dei conta que eu tava contracenando com esse psiquiatra da mesma forma que a minha mãe contracenava com meu pai, ou seja, eu precisava que ele fosse muito mau, pra que eu fosse muito boa.

Então inconscientemente, essa palestra acho que é aquela que fala da... ali eu realmente aprendi o que o Guia quis dizer com ... (a interação psíquica na negatividade, acho que é esse o nome da palestra) o quanto eu alimentava a forma como ele agia, porque enquanto ele prendia, eu levava ele pro shopping, pro parque, pra minha casa, então eu era uma mãe boa, e essa divisão tava dentro de mim. E foi muito interessante porque naquele período que eu esperei eu pude ver todo o meu jogo com ele, inconsciente, e eu passei a olhá-lo naquele momento com compaixão a ele e a mim, porque eu vi que nós dois estávamos nos pegando na nossa distorção, e aí quando ele me chamou, ele tava completamente armado, de escudo e espada na mão, e eu, simbolicamente, entreguei uma flor pra ele, porque eu disse pra ele: eu vim aqui pra ver como que nós podemos ajudar o fulano, nosso paciente, porque eu quanto ele tava mais preocupado em guerrear um com o outro, com seus saberes e ideologias, e o paciente tava de joquete no meio de nós dois e quando eu me despi daquele lugar e fui humildemente dizer pra ele: como é que eu posso te ajudar a ajudar... ele não sabia o que dizer, ele começou a gaguejar, e eu entendi que ... e dali nós tivemos outro tipo de relação. Não nos tornamos próximos porque certamente nós tínhamos caminhos divergentes, mas não teve mais briga. Ele não intensificou as punições, porque eu não tava alimentando aquele lugar.

Eu to falando da questão que pra mim faz toda a diferença, se a gente realmente enquanto helper se apropria desse conceito de que nós criamos a nossa própria realidade, nós não entramos na “história fantástica” dos nossos pacientes. Pra mim esse é o ponto, a cereja do bolo! Que é fundamental.

Por que por mais maravilhosa, por mais certeza que tu tenha e que eu possa concordar com aquilo que tu ta me trazendo, realmente isso é um absurdo, mas se tem carga na tua fala é porque tu tá enganchado...

MARIELA - Então quer dizer que nem sempre...nesse exemplo que tu trouxeste isso estava muito forte...

RENATE - É eu me incomodava com o psiquiatra, eu tava indignada com ele, furiosa com ele, eu to enganchada. E a minha terapeuta, por mais que ela fosse ótima, ela se enganchou comigo, tem que ter cuidado, por isso assim: era vitima e algoz, e não existe isso, mas como é fácil de a gente cair nesse jogo e se identificar com um e excluir o outro, e eu acho que na posição de *ajudantes, de helpers*, nós não podemos nos identificar com nenhum dos personagens, nós precisamos é identificar os personagens que estão ali porque todos aqueles personagens faziam parte. Eu representava a autoridade boazinha, ele a autoridade mazinha, e o paciente representava a minha criança que ficava no meio de tudo isso, e todos nós estamos a serviço um do outro pra poder olhar pra isso. Acho que esse é o grande ponto que a gente tem que estar muito atento.

## ANEXO

### ANEXO A – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-175/11

Porto Alegre, 21 de janeiro de 2011.

Senhor Pesquisador,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 11/05344 intitulado **"Movimentos auto-organizados que contemplam a dimensão espiritualdo ser humano: uma compreensão sobre os grupos de pathwork"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Rodolfo Herberto Schneider  
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilmo. Sr.  
Prof. Dr. Nedio Seminotti  
FAPSI  
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central  
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000  
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345  
E-mail: [cep@pucrs.br](mailto:cep@pucrs.br)  
[www.pucrs.br/prppg/cep](http://www.pucrs.br/prppg/cep)

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q3p Queiroz, Mariela Ballardin Oliveira de  
O pathwork na experiência pessoal pelo olhar da complexidade : uma visão integral de ser humano / Mariela Ballardin Oliveira de Queiroz. – Porto Alegre, 2011.  
132 f.

Diss. (Mestrado) – PUCRS. Faculdade de Psicologia.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social.  
Orientador: Prof. Dr. Nedio Seminotti.

1. Psicologia Social. 2. Pensamento Sistêmico Complexo.  
3. Espiritualidade. 4. Autoconhecimento. 5. Desenvolvimento Pessoal. 6. *Pathwork*. I. Seminotti, Nedio. II. Título.

CDD 301.1

**Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779**